Duas *Vida de Pitágoras* por Porfírio & Iâmblico

Mais *Fragmentos* de Filolau

Duas Vida de Pitágoras
por Porfírio & Iâmblico

Mais Fragmentos *de Filolau*

Tradução e Edição
Antônio Rogério da Silva

Discursus
Rio de Janeiro – 2024

Para Alice ler e entender

Sumário

Figura 1: Busto em pedra representando Pitágoras do Museu Britânico.

Introdução

Porfírio de Tiro (232-301) era um erudito sírio neoplatônico que foi discípulo e editor de Plotino (204-270). Continuou a tradição de seu mestre contra as superstições, apesar de defender a teologia e magia pagãs. Ensinou Iâmblico de Cálcida (cc. 330), outro sírio neoplatônico que também escreveu uma biografia de Pitágoras. Ao lado da biografia elaborada por Diógenes Laércio, as *Vida de Pitágoras* de Porfírio e Iâmblico são consideradas as mais importantes sobre o autor.

A versão de Porfírio antecede a de seu aluno. No entanto, sua *Vida de Pitágoras* restou incompleta. Além disso, o texto tem lacunas, anacronismo, redundâncias e contradições que o tornam inconsistente. O mesmo pode ser dito da biografia feita por Iâmblico, mesmo sendo mais ampla. Seu estilo é bem resumido, ao contrário da de Iâmblico, evitando as especulações adicionais, sem base em fontes anteriores. Afinal, são os extratos que sobraram de sua *História dos Filósofos.* Não obstante, serviu de apoio a outras biografias sobre os pitagóricos, como a de Iâmblico, que é mais

prolixo e com mais informações, complementando o trabalho de Porfírio sobre os filósofos pressocráticos da seita pitagórica.

Iâmblico, por sua vez, fez uma compilação do trabalho do aritmético Nicômaco de Gerasa e da obra quase ficcional de Apolônio de Tiana, enquanto Porfírio usou Nicômaco e Antônio Diógenes, outro autor com tendências fantasiosas. As fontes desses biógrafos, apesar de pagãs, retratam Pitágoras como se fosse um santo imaculado, embora Xenofonte e Heráclito já criticassem desde a primeira hora o charlatanismo nessas histórias de milagres, feitas ao gosto da época. Ainda que reconhecessem o valor da pesquisa e inteligência de Pitágoras, dedicado que era a todos assuntos.

Não obstante, por não ter deixado nada escrito – e mesmo proibir a divulgação de suas descobertas ao público geral -, essas *Vida de Pitágoras*, mais a de Laerte, são as melhores fontes que restaram para se entender a razão da influência que esse personagem exerceu, ao longo dos séculos, e ainda exerce nas religiões e ciências atuais, em suas promessas de vida futura e explicação da natureza com base da matemática. A presente tradução indireta dessas *Vida de Pitágoras* foi feita a partir do texto em inglês estabelecido por Kenneth S. Guthrie, confrontada com as edições espanholas de Miguel P. Lorente. As notas foram selecionadas e ampliadas das de Lorente.

Além dessas duas traduções indiretas, também é apresentada ao final, uma larga coleção dos fragmentos do filósofo pressocrático, da escola pitagórica do século V a.C., Filolau de Crotona, que traz mais detalhes sobre a ciência matemática e astronômica desenvolvida por sua corrente filosófica. Assim, se tem em um só volume um aspecto abrangente do que a história consagrou com pitagorismo. A respeito de Filolau, há pouca informação digna de crédito. Platão (427-347 a.C.) o menciona no seu diálogo *Fédon*, sobre a alma, e Aristóteles (384-322 a.C.) o cita diretamente apenas na *Ética a Eu-*

demo. Diógenes Laércio (já no séc. III) conta que Platão havia mandado adquirir três livros de Filolau, por 40 ou 100 minas de prata, e teria reproduzido um deles no diálogo *Timeu*, que trata da natureza. Os títulos desses livros de Filolau seriam *Sobre a Alma* e *Sobre a Natureza*, também conhecido por *Bacantes*, em três volumes[1].

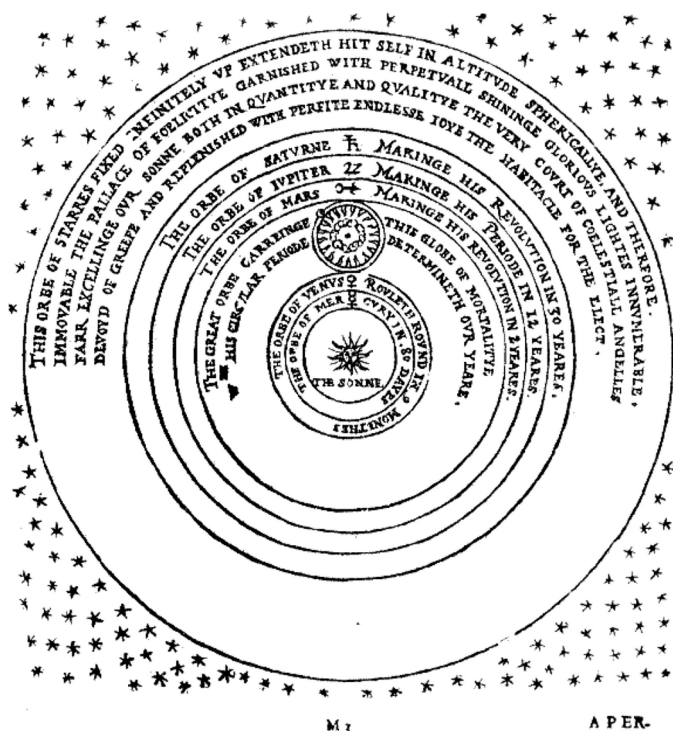



Figura 2: Concepção do universo dos pitagóricos desenhada por Thomas Digges, em *Coelestiall Orbes*, de 1576.

1 Veja DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, VIII, 7, §84-85.

PORFÍRIO de Tiro (Síria, 232-301)
Vida de Pitágoras

§1. Muitos pensam que Pitágoras era filho de Mnesarco, mas divergem quanto à origem deste último; alguns pensam que ele foi um sâmio, enquanto Neantes[2], no quinto livro de seus *Relatos Míticos* afirma que ele era um sírio, da cidade de Tiro. Como a fome surgiu em Samos, Mnesarco foi para lá para negociar trigo e foi recompensado com a cidadania. Lá, também nasceu seu filho Pitágoras, que desde cedo se manifestou estudioso, mas depois foi levado para Tiro, e ali confiado aos caldeus, cujas doutrinas absorveu. De lá regressou à Jônia, onde estudou primeiro com Ferecides

2 Historiador heleno, natural de Cízico, que viveu até 200 a.C. Escreveu uma extensa obra, da qual sobraram escassos fragmentos. Seus *Relatos Míticos* (*Ta Mythiká*), aqui mencionado, devem corresponder, provavelmente, a sua obra *Ta kata polin mythiká*, espécie de *Anais* da cidade de Cízico que continha seus feitos lendários.

de Siros[3], depois também com Hermodamante de Creófilo[4], que na altura era um velho residente em Samos.

§2. Neantes diz que outros sustentam que o seu pai era um tirreno, dos que colonizaram Lemnos, e que durante uma viagem comercial a Samos ali se naturalizou. Ao navegar para Itália, Mnesarco levou consigo o jovem Pitágoras. Justo quando este país estava muito florescente. Neantes acrescenta que Pitágoras tinha dois irmãos mais velhos, Eunosto e Tirreno. Mas Apolônio[5], no seu livro sobre a *Vida de Pitágoras*, afirma que a sua mãe era Pitaide[6], descendente, de Anceu[7], o fundador de Samos. Apolônio acrescenta que se dizia que ele era descendente de Apolo e Pitaide, embora fosse mesmo de Mnesarco. Um poeta sâmio canta:

Pitaide, de todas as sâmias a mais bela;
Pitágoras, amado de Zeus, para Apolo gerou!

Este poeta diz que Pitágoras estudou não apenas com Ferecides e Hermodamante, mas também com Anaximandro[8].

---

3 Filósofo jônio do século VI a. C., autor de uma especie de cosmogonia mítica. Faltam detalhes fidedignos sobre sua vida. Atribuem-lhe feitos prodigiosos, como a seu discípulo Pitágoras: predições de terremotos, naufrágios, etc. Ferecides combina elementos mitológicos com princípios filosóficos racionais, considerando "o melhor" (*to áriston*) como princípio gerador dos primeiros entes, e "o bom" (*to agathón*) como princípio supremo de sua teologia.

4 Tido por descendente de Creófilo, nada menos que contemporâneo e rival de Homero, segundo a tradição.

5 Apolônio de Tiana, pitagórico do século I. Do qual, Iâmblico dá testemunho em sua própria biografia do sábio de Samos, §254.

6 Iâmblico, em sua *Vida de Pitágoras,* §6, conta que Mnesarco mudou o nome original de sua esposa, Partenide, para Pitaide.

7 Filho de Poseidon (ou de Zeus) e de Astipaleia (o de Alta). Rei dos léleges, antigo povo nômade da Tessália, fundador de Samos. Confundido com frequência com o argonauta de mesmo nome, que se encarregou do comando da nave "Argo" após a morte do piloto Tífis, isso porque, igual ao argonauta, morreu em consequência de um ataque de javali.

8 Célebre pressocrático, um personagem mais do que outros, como seu possível discípulo Pitágoras, que estava impregnado do espírito aventureiro e colonizador.

§3. O sâmio Duris[9], no segundo livro dos seus *Anais*, escreve que o seu filho se chamava Arimnesto, que foi professor de Demócrito, e que ao regressar do banimento, ofereceu no templo de Hera uma tábua de bronze, de dois pés quadrados, com esta inscrição:

Eu, Arimnesto, que muito segredo aprendi em palavras,
filho amado de Pitágoras, aqui ofertei.

Esta tabuinha foi removida por Simo[10], um músico, que reivindicou a escala musical nela gravada, e a publicou como sua. Sete segredos estavam ali gravados, mas quando Simo tirou um deles, os outros foram destruídos.

§4. Diz-se que de Teano, de linhagem cretense, filha de Pitonax, ele teve um filho, Telauges e uma filha, Mia; a quem alguns acrescentam Arignota, cujos escritos pitagóricos ainda possuem. Timeu[11] relata que a filha de Pitágoras, quando solteira, tinha precedência entre as donzelas de Crotona, e quando esposa, entre as mulheres casadas. Os crotoniatas fizeram de sua casa um templo de Deméter, e da rua vizinha chamaram de Museu.

§5. Lico, no quarto livro de suas *Histórias*, notando opiniões diferentes sobre seu país, diz, "a menos que você conheça o país e a cidade da qual Pitágoras era cidadão, permanecerá uma mera questão de conjectura. Alguns dizem que ele era sâmio, outros, fliasiano[12], outros, metapontino".

§6. Quanto aos seus conhecimentos, diz-se que aprendeu as ciências matemáticas com os egípcios, caldeus e fenícios; antigamente

---

9 Viveu entre os anos 340 ao 260 a.C. Autor de una obra variada e extensa. Estes *Anais* referem-se a uma *Crônica de Samos* onde se expunham diversos aspectos da cultura e história local.

10 Ao que parece, os segredos eram musicais. Enquanto o músico Simo que aparece depois, se trata, de acordo com Iâmblico (§267), de um dos pitagóricos procedentes de Posidônia.

11 Trata-se, sem dúvida, do historiador de Tauromênia cuja vida transcorre entre os anos 356 a 260 a.C. Sua maior obra histórica, em 38 livros, compreendia todos acontecimentos da Sicilia, e suas relações com África e mundo heleno.

12 Natural de Flius ou Fliunte, antiga cidade na região da Argólida, no Peloponeso.

os egípcios se destacavam em geometria, os fenícios em números e proporções, e os caldeus em teoremas astronômicos, ritos divinos e adoração aos deuses; outros segredos sobre o curso da vida ele recebeu e aprendeu com os magos.

§7. Essas realizações são mais conhecidas, escritas nas *Memórias Pitagóricas*, mas as demais são menos celebradas. Além disso, Eudoxo[13], no sétimo livro de seu *Itinerário da Terra*, escreve que Pitágoras usou de maior pureza e ficou chocado com todo derramamento de sangue e matança; que ele não só se absteve de comida animal, mas nunca se aproximou de forma alguma de açougueiros ou caçadores.

Antifonte[14], no seu livro *Sobre a Vida dos Homens Virtuosos Ilustres* elogia a sua perseverança enquanto esteve no Egito, dizendo, que Pitágoras, desejando familiarizar-se com as instituições dos sacerdotes egípcios, e esforçando-se diligentemente para participar delas, solicitou ao tirano Polícrates que escrevesse a Amósis[15], faraó egípcio, seu amigo e antigo anfitrião, para obter-lhe a iniciação. Chegando a Amósis, recebeu cartas dos sacerdotes de Heliópolis, que o enviou para os de Mênfis, sob o pretexto de que eram os mais antigos. Com o mesmo pretexto, foi enviado de Mênfis para Dióspolis[16].

§8. Por medo do soberano, os últimos sacerdotes não ousaram dar desculpas; mas pensando que desistiria de seu propósito devido a grandes dificuldades, impuseram-lhe preceitos muito duros, total-

13 Eudoxo de Cnido, discípulo notável de Platão, que sobressaiu por sua ciência astronômica, geográfica e matemática. Cabe destacar duas de suas invenções mais importantes: a teoria geral das proporções, em geometria, e a construção de um sistema matemático para explicar o movimento aparente dos corpos celestes. Da obra aqui citada (*Ges Períodos*), só se sabe que era uma espécie de geografia descritiva e matemática variada.

14 Não se sabe exatamente a qual personagem corresponde. No século V a.C., há um autor trágico, famoso orador com mesmo nome, que pode, inclusive, ter sido discípulo de Tucídides.

15 Amósis II, faraó da XXVI dinastia, reinou de cc. 570-526 a.C, durante a época baixa.

16 A Tebas egípcia.

mente diferentes das instituições dos helenos. Isso ele executou tão prontamente que conquistou sua admiração, e eles permitiram que ele sacrificasse aos deuses e se familiarizasse com todas as suas ciências, um favor até então nunca concedido a um estrangeiro.

§9. Retornando à Jônia, ele abriu em seu próprio país uma escola, que ainda hoje é chamada de Semicírculo de Pitágoras, na qual os sâmios se reúnem para deliberar sobre assuntos de interesse comum. Fora da cidade fez uma gruta adaptada ao estudo da sua filosofia, onde residia dia e noite, conversando com alguns dos seus companheiros. Ele já tinha quarenta anos, diz Aristóxeno[17], quando, ao ver que a tirania de Polícrates era demasiado opressiva para um homem livre poder suportar um tal domínio e despotismo, partiu, por esse motivo, para Itália.

§10. Diógenes[18], em seu tratado sobre as *Coisas Incríveis Além de Tule*, tratou os assuntos de Pitágoras com tanto cuidado, que penso que seu relato não deveria ser omitido. Ele diz que o tirreno Mnesarco era parente dos habitantes de Lemnos, Imbros e Esciros e que partiu de lá para visitar muitas cidades e várias terras. Durante suas viagens ele encontrou uma criança deitada debaixo de um grande e alto álamo. Ao se aproximar, ele observou que ela estava deitada de costas, olhando fixamente sem piscar para o sol. Na sua boca havia uma cana pequena e fina, como uma flauta; através do qual a criança se alimentava das gotas de orvalho que destilavam da árvore. Este grande prodígio o levou a levar a criança, acreditando ser de origem divina. A criança foi acolhida por um natural daquele país, de nome Androcles, que mais tarde o adotou e lhe confiou a gestão

17 Aristóxeno de Tarento, musicólogo e historiador, contemporâneo de Alexandre Magno e discípulo de Aristóteles. Provavelmente, o que aqui se refere pertence a uma das *Vidas* (*Bíoi andron*) nas quais se incluíam as biografias de homens ilustres, como Platão, Pitágoras, Arquitas, etc.

18 Antônio Diógenes, autor de relatos de viagens e de aventuras. Viveu até o ano 100 de nossa era e é um dos mais importantes narradores helenos da época imperial; só se conhece um fragmento de sua obra, recolhido por Fócio.

dos negócios. Ao ficar rico, Mnesarco educou o menino, chamando-o de Astreu, e criando-o com seus três filhos, Eunesto, Tirreno e Pitágoras; tal menino, como já disse, Androcles adotou.

§11. Ele mandou o garoto para um tocador de cítara, um professor de ginástica e um pintor. Mais tarde ele o enviou para Anaximandro em Mileto, para aprender geometria e astronomia. Depois, Pitágoras visitou os egípcios, os árabes, os caldeus e os hebreus, dos quais adquiriu conhecimentos na interpretação de sonhos, e foi o primeiro a usar incenso no culto às divindades.

§12. No Egito, viveu com os sacerdotes, e aprendeu a língua e a sabedoria dos egípcios, e três tipos de cartas, a epistólica, a hieroglífica e a simbólica, das quais uma imita a maneira comum de falar, enquanto as outras expressam o sentido por alegoria e parábola[19]. Na Arábia, ele conversou com o rei. Na Babilônia, associou-se aos outros caldeus, ligando-se especialmente a Zoroastro, por quem foi purificado das faltas na vida passada, e ensinou as coisas que um homem virtuoso e livre deve saber. Da mesma forma, ele ouviu palestras sobre a natureza e os princípios do universo. Foi da sua estadia entre estes estrangeiros que Pitágoras adquiriu a maior parte da sua sabedoria.

§13. Astreu foi por Mnesarco confiado a Pitágoras, que o recebeu, e depois de estudar sua fisionomia e as emoções de seu corpo, instruiu-o. Primeiro ele investigou com precisão a ciência sobre a natureza do homem, discernindo a disposição de todas as pessoas que conheceu. Ninguém tinha permissão para se tornar seu amigo ou conhecido, sem ser examinado em sua expressão facial e disposição.

---

19 Em um sentido muito concreto, e de acordo com Clemente de Alexandria, a escritura hieroglífica dos escribas presentava duas variedades, a ciriológica e a simbólica, enquanto que a epistolográfica corresponde à demótica egípcia.

§14. Pitágoras teve outro jovem discípulo da Trácia. Zamolxis foi nomeado assim porque nasceu envolto em pele de urso, em trácio chamada "zalmo". Pitágoras o amava e o instruiu em observações dos fenômenos celestes, sobre os ritos sagrados e a natureza dos deuses. Alguns dizem que esse jovem se chamava Tales e que os bárbaros o adoravam como Héracles.

§15. Dionisiófano diz que era escravo de Pitágoras, que caiu nas mãos de ladrões e por eles foi marcado. Então, quando Pitágoras foi perseguido e banido, (ele o seguiu) amarrando a testa para ocultar as cicatrizes. Outros dizem que o nome Zamolxis significa "estranho" ou "estrangeiro".

Ferecides, em Delos, adoeceu; e Pitágoras o assistiu até sua morte, e realizou seus ritos fúnebres. Pitágoras então, desejando estar com Hermodamante, descendente de Creófilo, retornou a Samos. Depois de desfrutar de sua companhia, Pitágoras treinou o atleta sâmio Eurímenes, que embora fosse de pequena estatura, venceu em Olímpia por causa de seu conhecimento incomparável da sabedoria de Pitágoras. Enquanto, segundo o antigo costume, os outros atletas se alimentavam de queijo e figos, Eurímenes, por conselho de Pitágoras, alimentava-se diariamente de carne, o que dotava o seu corpo de grande força[20]. Pitágoras imbuiu-o de sua sabedoria, exortando-o a entrar na luta, não pela vitória, mas pelo exercício; que ele deveria ganhar com o treino, evitando a inveja resultante da conquista. Porque os vencedores, nem sempre são piedosos, apesar de enfeitados com coroas frondosas.

§16. Mais tarde, quando os sâmios foram oprimidos com a tirania de Polícrates, Pitágoras viu que a vida em tal estado não era adequada para um filósofo e planejou viajar para a Itália. Em Delfos, ele inscreveu uma elegia no túmulo de Apolo, declarando que Apolo era filho de Sileno, mas foi morto por Pitão, e enterrado no lugar

20 Isso foi antes de Pitágoras adotar o vegetarianismo.

chamado Trípode, assim chamado devido ao luto local por Apolo pelas três filhas de Tríopas.

§17. Indo para Creta, Pitágoras pediu iniciação ao sacerdote Morgo, um dos *Dactilos Ideos*[21], por quem foi purificado pela pedra atingida por um raio. De manhã, ele ficou deitado de bruços à beira-mar; à noite, ele estava deitado à beira de um rio, coroado com uma guirlanda de lã de cordeiro preta. Descendo à gruta de Ida, envolto em lã preta, ali permaneceu vinte e sete dias, segundo o ritual; e sacrificou a Zeus. Também viu o trono que todos os anos é feito para ele. Na tumba de Zeus, Pitágoras inscreveu um epigrama, "Pitágoras para Zeus", que começa assim:

Aqui jaz Zan falecido, a quem os homens chamam de Zeus[22].

§18. Quando foi para Itália ela parou em Crotona. Sua postura era de um homem livre que falava e gesticulava com graça, em todas as outras coisas. Dicearco diz que, quando ele desembarcou em Itália e chegou à Crotona, foi recebido como homem de notáveis poderes e experiência, devido às suas muitas viagens, e como pessoa bem dotada pela fortuna, no tocante às suas características pessoais. É que a sua aparência era imponente e própria de um homem livre, e na sua voz, no seu caráter e em tudo o mais da sua pessoa havia graça e harmonia em profusão. Por conseguinte, foi capaz de organizar a cidade de Crotona, de tal forma que, depois de ter persuadido o conselho governativo dos anciãos com a nobreza de numerosos discursos, por ordem do governo fez aos jovens adequadas exortações, após o que se dirigiu às crianças, trazidas das escolas, e por fim às mulheres, pois também tinha convocado uma reunião delas.

§19. Com isso alcançou grande reputação, atraiu grande público da cidade, não só de homens, mas também de mulheres, entre as quais

21 Um dos sacerdotes do monte Ida.

22 A tumba de referência era um embuste cretense. Quanto ao nome de Zan para Zeus, há testemunhos de que Ferecides de Siros o utiliza para uma das deidades supremas originárias de sua cosmogonia.

estava uma pessoa especialmente ilustre chamada Teano. Ele também cativou audiências entre os bárbaros vizinhos, entre os quais estavam soberanos e reis. O que ele dizia aos seus companheiros, ninguém o pode referir com segurança; é que entre eles reinava um invulgar silêncio. Mesmo assim, tornou-se universalmente conhecido o seguinte: em primeiro lugar, que ele afirma que a alma é imortal; depois, que ela se muda para outras espécies de seres animados; além disso, que os acontecimentos ocorrem em determinados ciclos, e que nunca nada é absolutamente novo; e por fim, que todos os seres vivos devem ser considerados como aparentados[23]. Segundo parece, Pitágoras foi o primeiro a introduzir essas crenças na Hélade.

§20. Seu discurso foi tão persuasivo que, segundo Nicômaco[24], em um discurso proferido no primeiro desembarque na Itália ele conquistou mais de dois mil adeptos. Com vontade de morar com ele, na companhia de suas mulheres e filhos, construíram um grande auditório, onde faziam reuniões públicas. Os visitantes estrangeiros foram tantos que construíram cidades inteiras, colonizando toda a região da Itália hoje conhecida como Magna Grécia. Suas ordens e leis foram por eles recebidas como preceitos divinos, e sem elas nada fariam. Na verdade, eles o incluíram entre as divindades.

Eles mantinham todas as propriedades em comum e o consideraram divino. Porque o único a quem se dirigiam, entre a ciência esotérica existente na seita, atraente, para os demais, e motivadora de muitas atenções relacionadas ao estudo da naturaleza, a saber, o

---

23 Das considerações, possivelmente, estavam excluídos os vegetais.

24 Os §§20-31 procedem de Nicômaco que, por sua vez, se baseou em Neantes. A mesma fonte de informação de Iâmblico, no §§29-30 de sua *Vida de Pitágoras*, que correspondem a este §20. Quanto a Nicômaco de Gerasa, se deve assinalar que se trata de um matemático neopitagórico que viveu entre os anos 50 e 150 depois de Cristo e foi autor de vários livros sobre aritmética, geometria e harmonia.

chamado número quaternário[25], o utilizavam para seus juramentos, ao invocar todos a Pitágoras como a um deus, e em todas as afirmações que faziam com essas palavras:

> *Não, eu clamo pelo testemunho daquele que para nossas almas entregou a* tetraktys[26]*, que possui o fundamento da eterna fonte da Natureza".*

§21. Durante as suas viagens pela Itália e Sicília encontrou diversas cidades sujeitas umas às outras, umas de longa data, e outras recentemente. Através dos seus discípulos, alguns dos quais se encontravam em todas as cidades, ele infundiu-lhes uma aspiração à liberdade; devolvendo assim a liberdade. Entre estas estavam Crotona, Síbaris, Catânia, Régio, Himera, Agrigento, Tauromênia e outras, às quais ele impôs leis através de Carondas, o cataneu, e Zaleuco, o lócrida[27], o que resultou em uma longa era de bom governo, emulada por todos os seus vizinhos. Símico, o tirano de Centoripo[28], ao ouvir o discurso de Pitágoras, abdicou de seu governo e dividiu seus bens entre sua irmã e os cidadãos.

§22. Segundo Aristóxeno, alguns lucanos, messápios, picentinos e romanos chegaram até ele. Ele erradicou todas as dissensões, não apenas entre seus discípulos e seus sucessores, por muitos tempos, mas entre todas as cidades da Itália e da Sicília, tanto interna quanto externamente. Ele estava insistindo continuamente na máxima, "devemos, na medida do possível, evitar, e mesmo com fogo e espada extirpar do corpo, as doenças; da alma, a ignorância; da barriga,

---

25 O 10 resulta da adição dos quatro primeiros números (1+2+3+4); em grego *tetraktys*.

26 Ou número quaternário. O tratamento divino explícito na fórmula de juramento com a qual se expressa, o texto original, "*ma ton paradónta*", pois a partícula *ma* só pode ser usada na invocação de um juramento a deus.

27 A constituição redigida por Zaleuco para a cidade de Locri veio à luz no ano 663 a.C. Sobre a figura deste legislador há uma grande incerteza e faltam dados fidedignos. Quanto a Carondas, alguns o creem ser discípulo de Zaleuco ou até do próprio Pitágoras; suas leis foram utilizadas em Régio antes da tirania de Anaxilau (494-476 a.C.).

28 Cidade da Sicília, na subida do Etna.

a gula; da cidade, sedição; da família, discórdia; e de todas coisas o excesso".

§23. Se podemos acreditar no que escritores antigos e confiáveis relataram sobre ele, ele exerceu influência até mesmo sobre animais irracionais. A ursa dauniana, que havia cometido extensas depredações na vizinhança, ele prendeu; e depois de ter dado tapinhas nela por um tempo, e lhe dado cevada e frutas, ele a fez jurar nunca mais tocar em uma criatura viva, e então a soltou. Ela imediatamente se escondeu nas matas e nas colinas, e desde então nunca mais atacou nenhum animal.

§24. Em Tarento, num pasto, vendo um boi colhendo favas, foi ter com o pastor, e aconselhou-o a dizer ao boi que se abstivesse de vagem. O camponês zombou dele, proclamando sua ignorância da linguagem do boi. Então o próprio Pitágoras foi e cochichou na orelha do boi. O touro não apenas desistiu imediatamente de sua dieta de favas, mas nunca mais tocou em nenhuma a partir de então, embora tenha sobrevivido muitos anos perto do templo de Hera, em Tarento, até ficar muito velho; sendo chamado de “boi sagrado”, e comendo qualquer alimento que lhe fosse dado.

§25. Enquanto estava em Olímpia, ele discursava com seus amigos sobre augúrios, presságios e sinais divinos, e como os homens de verdadeira piedade recebem mensagens dos deuses. Sobrevoando sua cabeça estava uma águia - considerada mensageira divina -, que parou e desceu até Pitágoras. Depois de acariciá-la um pouco, ele a soltou. Em outra ocasião, encontrando-se com alguns pescadores que puxavam as redes carregadas de peixes das profundezas, ele previu a quantidade exata de peixes que haviam capturado. Eles contaram com atenção e acharam o número correto. Ele então pediu-lhes que devolvessem os peixes vivos ao mar; e, o que é mais maravilhoso, nenhum deles morreu, apesar de terem estado fora da água por um tempo considerável. Ele os pagou e foi embora.

§26. A muitos de seus seguidores ele lembrou das vidas vividas por suas almas antes de serem ligadas aos seus corpos, e por meio de argumentos irrefutáveis demonstrou que ele havia sido Euforbo, filho de Panto. Ele elogiava especialmente os seguintes versos de Homero, sobre si mesmo e os cantou na lira com mais elegância:

Ao fragoso baque as armas fremem;
Como a das Graças, lhe salpica sangue
De ouro e prata a madeixa entretecida.
Qual, se o colono a pálida oliveira
Em terreno alimenta solitário
Que em mananciais abunde, ela formosa
Viceja, e de alvas flores enfeitados
Balança a coma ao vário Eólio sopro
Té que um pegão furioso a desarreiga
E esfolha e encova; assim virente Euforbo,
Em terra e exânime, é do arnês despido.
(HOMERO. *Ilíada*, liv. XVII, vv. 51-60).

§27. As histórias sobre o escudo[29] deste Euforbo frígio estar em Micenas dedicado à argiva Hera, junto a outros despojos troianos, devem ser aqui omitidas por serem de natureza demasiado popular. Diz-se que o rio Cáucaso[30], enquanto ele e muitos dos seus associados o passavam, falou-lhe muito claramente, "Salve, Pitágoras"! Quase unânime é o relato de que num mesmo dia esteve presente em Metaponto, na Itália, e em Tauromênia, na Sicília, em cada local conversando com seus amigos, embora os lugares estejam separados por muitos quilômetros, tanto no mar como em terra, exigindo muitos dias de viagem.

29 Diodoro diz que este escudo foi reconhecido por Pitágoras no templo de Hera.

30 Não tem sentido que este fato se relacione com o rio Cáucaso. Pode ter sido confundido com o riacho Kosas, que passava em Metaponto.

§28. É sabido que ele mostrou sua coxa de ouro a Abáris, o hiperbóreo, para confirmá-lo na opinião de que ele era o Apolo Hiperbóreo, de quem Abáris era sacerdote. Um navio estava chegando ao porto, e seus amigos expressaram o desejo de possuir os bens que continha. "Então," disse Pitágoras, "você seria dono de um cadáver!" À chegada do navio, constatou-se que esta era a verdadeira situação. De Pitágoras, muitas outras coisas mais maravilhosas e divinas são relatadas de forma persistente e unânime, de modo que não hesitamos em dizer que nunca foi mais atribuído a nenhum homem, nem foi mais eminente.

§29. São transmitidas previsões verificadas de terremotos, também de que ele rapidamente se prevenia de uma peste, suprimia ventos violentos e granizo, acalmava tempestades tanto em rios quanto em mares, para o conforto e passagem segura de seus amigos. Como atestam seus poemas, algo semelhante era frequentemente realizado por Empédocles, Epimênides[31] e Abáris, que aprenderam com ele a arte de fazer estas coisas. Empédocles, na verdade, foi apelidado de *alexanemos*, como o "barrador de ventos"; Epimênides, *cátartes*, o "purificador". Abáris era chamado de *aerobates*, o "caminhante aéreo"; pois foi carregado no ar por uma flecha do Apolo Hiperbóreo, sobre rios, mares e lugares inacessíveis. Acredita-se que este tenha sido o método empregado por Pitágoras quando no mesmo dia discursou com seus amigos de Metaponto e Tauromênia.

§30. Ele acalmou as paixões da alma e do corpo com ritmos, canções e encantamentos. Esses ele adaptou e aplicou em seus amigos. Ele próprio podia ouvir a harmonia do universo e compreender a música universal das esferas e das estrelas que se movem em conjunto com elas, e que não podemos ouvir devido às limitações da

31 Epimênides, contemporâneo de Sólon, foi uma espécie de mestre e taumaturgo oriundo de Creta, que exerceu funções rituais e proféticas em Atenas cerca de 500 a.C.

nossa natureza fraca. Também Empédocles testemunha isto, ao escrever a seu respeito:

e havia entre eles um homem de um saber sem igual, mestre, em particular, de toda a espécie de obras sábias, que adquirira um enorme cabedal de conhecimentos: pois sempre que empenhava todo o seu saber, facilmente via cada uma de todas as coisas que existem em dez ou até mesmo vinte gerações de homens.

§31. Indicando pelas expressões "*saber sem igual*", e ele examinou "*toda a espécie de obras sábias*", e a "*cabedal de conhecimentos*", e assim por diante, a constituição do corpo, mente, visão, audição e compreensão de Pitágoras, que era requintada e de precisão única, Pitágoras afirmou que as nove Musas eram constituídas pelos sons emitidos pelos sete planetas, a esfera das estrelas fixas, e aquela que se opõe à nossa Terra, denominada "Antiterra"[32]. Ele chamou de Mnemosine (Memória), a composição, sinfonia e conexão de tudo isso, que é eterna e não gerada por ser composta por todos eles.

§32. Diógenes, expondo a sua rotina diária de vida, relata que aconselhou todos os homens a evitar a ambição e a vanglória, que despertam principalmente a inveja, e a evitar a presença de multidões. Ele próprio realizava conferências matinais em sua residência, compondo sua alma com a música da lira e cantando alguns antigos hinos de Taletas[33]. Ele também cantava versos de Homero e Hesíodo, que pareciam acalmar a mente. Dançava certas danças que concebeu para conferir ao corpo agilidade e saúde. Passeios fazia não de forma promíscua, mas apenas na companhia de um ou dois

---

32 O termo esfera se justifica pela concepção pitagórica do sistema planetário e do movimento dos planetas, segundo a qual isto se produz em esferas próprias a cada um. No que se refere à "Antiterra", planeta que gira em cima do nosso ainda que, na parte oposta à Terra, de acordo com a cosmologia pitagórica, que considera o fogo como centro do sistema.

33 Poeta natural de Gortis, Creta, e radicado em Esparta. Floresceu no século VII a.C. e sua obra desapareceu quase por completo.

companheiros, em templos ou bosques sagrados, escolhendo os locais mais sossegados e agradáveis.

§33. Seus amigos ele apreciava excessivamente, sendo o primeiro a declarar que os bens dos amigos são comuns e que um amigo era um outro eu. Enquanto estavam de boa saúde ele sempre conversava com eles; se eles estavam doentes, ele cuidava deles; se eles estavam com a mente aflita, ele os consolava, alguns com encantamentos e encantos mágicos, outros com música. Ele havia preparado canções para as doenças do corpo, com o canto das quais ele curou os enfermos. Ele também tinha alguns que causavam o esquecimento da tristeza, a mitigação da raiva e a destruição da luxúria.

§34. Quanto à comida, seu desjejum era principalmente de mel; no jantar usava pão de trigo, cevada ou ervas, cru e cozido. Raramente ele comia a carne das vítimas rituais; nem de qualquer parte dela. Quando pretendia permanecer nas câmaras mais reservadas dos santuários das divindades, não comia mais do que o necessário para matar a fome e a sede. Para acalmar a fome, ele fez uma mistura de semente de papoula e gergelim, a casca de uma cebola, bem lavada, até drenar completamente o suco externo; da flor do narciso, e das folhas de malva, de pasta de cevada e de ervilha; pegando um peso igual e cortando-o em pequenos pedaços, com mel Himeto que ele transformava em massa. Contra a sede, comia a semente de pepino, e as melhores passas cristalizadas, extraindo as sementes, e a flor de coentros, e as sementes de malvas, verduras, queijo ralado, farinha e natas; estes ele preparou com mel silvestre.

§35. Ele alegou que esta dieta foi ensinada por Deméter a Héracles, quando este foi enviado para os desertos da Líbia. Isto preservou seu corpo em uma condição imutável; nem uma vez bem, e outra vez doente, nem uma vez gordo, e outra magra. O semblante de Pitágoras mostrava a mesma constância que havia em sua alma também. Pois ele não ficava mais exultante pelo prazer, nem desanima-

do pela dor, e ninguém nunca o viu regozijando-se ou lamentando-se.

§36. Quando Pitágoras sacrificava aos deuses, ele não usava oferendas exageradas, mas oferecia apenas pão de cevada, bolos e mirra; muito menos animais, exceto talvez galos e porcos. Quando descobriu a proposição de que o quadrado da hipotenusa de um triângulo retângulo era igual aos quadrados dos lados que contêm o ângulo reto, diz-se que ele sacrificou um boi, embora os mais certos digam que esse boi foi feito de farinha.

Figura 3: Demonstração de Euclides do teorema de Pitágoras na proposição 47 do livro I de *Os Elementos*.

§37. Suas declarações eram de dois tipos, claras ou simbólicas. Seu ensino foi duplo: dos seus discípulos, alguns eram chamados de "matemáticos" e outros de "acusmáticos"[34]. Os *matemáticos* aprendiam as razões mais completas e exatas elaboradas pela ciência, enquanto os *acusmáticos* ouviam apenas os principais assuntos do aprendizado, sem explicações mais detalhadas.

§38. Ele ordenou que seus discípulos falassem bem e pensassem com reverência nos deuses, musas e heróis, e também nos pais e benfeitores; que eles deveriam obedecer às leis; que não deveriam relegar o culto aos deuses para uma posição secundária, realizando-o com avidez, mesmo em casa; que às divindades celestes deveriam sacrificar oferendas em número ímpar; e par para as divindades inferiores, ctônicas. No mundo que ele dividiu em potências opostas; o "uno" era uma mônada melhor, leve, correta, igual, estável e reta;

34 "Os que aprendem" e "os que escutam".

enquanto a "díade" era uma dupla inferior, escuridão, esquerda, desigual, instável e móvel.

§39. Além disso, ele prescreveu o seguinte. Uma planta cultivada e frutífera, inofensiva para o homem e para os animais, não deve ser ferida nem destruída. Um depósito de dinheiro ou de ensinamentos deve ser fielmente preservado pelo curador. Existem três tipos de coisas que merecem ser buscadas e adquiridas; primeiro as coisas honrosas e virtuosas, depois aquelas que são úteis à vida, e, por último, aquelas que trazem prazeres do tipo irrepreensível, sólido e grave; claro que não os tipos vulgares e tóxicos. De prazeres havia dois tipos; aquele que satisfaz as barrigas e as luxúrias com uma profusão de riquezas, que ele comparou aos cantos assassinos das sereias; o outro tipo consiste em coisas honestas, justas e necessárias à vida, que são tão doces quanto a primeira, sem serem acompanhadas de arrependimento; e estes prazeres ele comparou com a harmonia musical.

§40. Ele aconselhou atenção especial a dois momentos; quando vamos dormir e quando acordamos. Em cada uma delas devemos considerar nossas ações passadas e as que estão por vir. Devemos exigir de nós mesmos um relato dos nossos feitos passados, enquanto do futuro devemos ter um cuidado providencial. Portanto ele aconselhou a todos que repetissem para si mesmos os seguintes versos antes de adormecer:

> *Nem permita que o sono feche os olhos até que três vezes seus atos naquele dia você tenha percorrido. Como decorreu? O que foi feito? Que deixou de ser feito?*

Ao despertar:

> *Assim que você acordar, coloque em ordem as ações a serem realizadas durante o dia*[35].

§41. Essas coisas ele ensinou, embora aconselhasse acima de tudo a falar a verdade, pois só isso deifica homens. Pois como ele aprendeu

35 Estes dois versos faziam parte dos *Versos áureos* dos pitagóricos, ao que parece.

com os magos, que chamam Deus de Horamaces[36], o corpo de Deus é luz e sua alma é a verdade. Ele ensinou muito mais, que afirmou ter aprendido com a sacerdotisa Aristoclea em Delfos.

Pitágoras fez certas afirmações de um modo místico e simbólico, e Aristóteles recolheu a maior parte delas; por exemplo, que ele chamava ao mar lágrimas de Cronos, às Ursas, mãos de Rhea, às Plêiades, lira das Musas, aos planetas, cães de Perséfone; o som produzido pelo bronze, quando percutido, era, dizia ele, a voz de uma divindade aprisionada no bronze.

§42. Havia também outra espécie de símbolos, ilustrados pelo que se segue: "não passes por cima de uma balança", isto é, não sejas ambicioso; "não atices o fogo com uma espada", isto é, não humilhes com duras palavras um homem a rebentar de cólera; "não desfolhes a coroa", isto é, não violes a lei, que são as coroas das cidades. Ou ainda, "não comas o coração", isto é não te atormentes com o sofrimento; "não te sentes numa ração de trigo", isto é, não vivas na ociosidade; "quando viajares, não voltes para trás", isto é, quando estiveres para morrer, não te apegues à vida. "Não ande em via pública" significa evite as opiniões da multidão, adotando as dos instruídos e de poucos. "Não receber andorinhas em sua casa", ou seja, não admitir, sob o mesmo teto, homens tagarelas e destemperados. "Ajudar um homem a assumir um fardo, mas não ao largar", significava não encorajar ninguém a ser indolente, mas a dedicar-se ao trabalho e à virtude.

"Não carregar as imagens dos deuses em anéis", significava que não se deve revelar imediatamente ao vulgo suas opiniões sobre os deuses, ou discursar sobre eles. Oferecer libações aos deuses, apenas pelas alças do copo, significava que devemos adorar e celebrar os deuses com música, pois esta penetra através dos ouvidos. Não coma coisas que são ilegais, nascentes ou crescentes, começo

36 Outra denominação do deus Ormuz.

nem fim, nem aquilo que serve de fundamento primeiro de todas as coisas.

§43. Ele ensinou a abstenção de lombos, testículos, partes genitais, medula, pés e cabeças das vítimas de sacrifícios. Aos lombos ele chamou de base, porque neles como fundamento os seres vivos ficam assentados. Testículos e órgão genitais ele chamou de geração, pois ninguém é gerado sem a ajuda destes. Medula ele chamou de aumento pois é a causa do crescimento nos seres vivos. O começo eram os pés, e a cabeça era o fim; que tem mais poder no governo do organismo. Ele também aconselhou a abstenção de favas, assim como de carne humana.

§44. A fava foi proibida, porque quando a origem do universo estava em desordem, no princípio e na gênesis, as coisas estavam misturadas, de modo que muitas vinham do subsolo e se confundiam e se aglutinavam; tudo apodrecia junto. Então, em seguida, as criaturas vivas foram produzidas distintas das plantas, de modo que tanto os homens quanto as favas surgiram da putrefação da qual ele alegou muitos argumentos evidentes. Pois se alguém mastigar uma vagem, e depois de moê-la até formar uma polpa com os dentes, e expor essa polpa ao sol quente, por um breve período, e depois voltar a ela, ele perceberá o cheiro de sangue humano. Além disso, na época em que o feijão floresce, se deve pegar um pouco da flor, que então é preta, e colocá-la num vaso de barro, e cobri-la bem, e enterrá-la no chão por noventa dias, e no final, pegá-la e descobri-la; em vez da vagem, se encontrará a cabeça de uma criança ou as partes pudendas de uma mulher.

§45. Ele também desejava que os homens se abstivessem de outras coisas, como barriga de porco, tainha e peixe marinho chamado urtiga, e de quase todos os outros animais marinhos. Referia a sua origem às de épocas passadas, afirmando que foi primeiro Euforbo, depois Etálidas, depois Hermótimo, depois Pirro e, por último, Pi-

tágoras. Ele mostrou aos seus discípulos que a alma é imortal, e para aqueles que foram devidamente purificados ele trouxe de volta a memória dos atos de suas vidas anteriores.

§46. Ele cultivou a filosofia, cujo objetivo é libertar a mente presa em nós dos impedimentos e grilhões em que está confinada; sem ter liberdade ninguém pode aprender algo sólido ou verdadeiro, ou perceber a falta de solidez na operação dos sentidos. Pitágoras pensava que só a mente vê e ouve, enquanto todo o resto é cego e surdo. A mente purificada deve ser aplicada à descoberta de coisas benéficas, que podem ser efetuadas por certos exercícios, que gradualmente a induzem à contemplação das coisas eternas e incorpóreas, que nunca variam. Essa ordem de percepção deve começar pela consideração das coisas mais ínfimas, para que, se houver mudança, a mente não seja abalada e se retire, devido à falha na continuidade de seu exame.

§47. Essa é a razão pela qual ele fez tanto uso das disciplinas e especulações matemáticas, que são intermediárias entre o reino físico e o incorpóreo, pela razão de que, como os corpos, eles têm uma dimensão tripla, e ainda assim compartilham a impassibilidade dos incorpóreos; com graus de preparação para a contemplação das coisas realmente existentes; por uma razão exercitada que desvia os olhos da mente das coisas corpóreas, cuja maneira e estado nunca permanecem nas mesmas condições, para um desejo por alimento verdadeiro espiritual, imutável. Por meio destas ciências matemáticas, portanto, Pitágoras tornou os homens verdadeiramente felizes, por esta introdução produzida de coisas verdadeiramente consistentes.

§48. Entre outros, Moderato de Cádiz[37], que tratou das qualidades dos números em 11 livros, afirma que os pitagóricos se especializaram no estudo dos números para explicar simbolicamente seus ensinamentos, por não poderem transmitir em palavras, com clareza, as primeiras formas e os primeiros princípios, devido à dificuldade de concebê-los e de expressá-los. Assim, aplicaram-se aos números por sua clareza e facilidade de ensino, semelhante aos geômetras, na medida em que as formas e princípios primários são difíceis de entender e expressar em um discurso simples. Caso semelhante é a representação do significado das letras por elas mesmas, recorrendo aos caracteres de um alfabeto, que são chamados de primeiros elementos de aprendizagem; mais tarde, nos informam que estes elementos não são letras, que apenas significam um conceito das autênticas letras[38].

§49. Como os geômetras, que não conseguem expressar formas incorpóreas em palavras, e recorrem às descrições de figuras, dizendo que se trata de um triângulo, sem quererem dizer que as linhas realmente vistas sejam o triângulo, mas apenas o que elas representam, o conhecimento concebido de triângulo que se deve ter em a mente; então os pitagóricos usaram o mesmo método objetivo em relação às primeiras razões e formas. Como estas formas incorpóreas e primeiros princípios não podiam ser expressos em palavras, eles recorreram à demonstração por números. Ao princípio de unidade, do ser idêntico e igual, chamou-se *Uno*, o propósito da amizade, da simpatia e da conservação do universo, que resulta da persistência na "identidade". Pois a unidade nos detalhes harmoniza todas

37 Contemporâneo de Nero que exerceu grande influência em Porfírio e Iâmblico. Tentou conciliar o platonismo e o neopitagorismo, no sentido de sua simbologia dos números, que apresentava o "Uno" como fundamento teológico de seu sistema, se achava muito próximo ao platonismo tardio.

38 Devido ao fato de que as letras com seu som e o auxílio de outras letras formarem as palavras.

as partes de um todo, como se fosse pela participação da causa primeira.

§50. Em compensação, ao princípio da diversidade e da desigualdade, de tudo o que é divisível e mutável e ora se acha em um estado, ora em outro, chamou-se *dualidade*. Afinal, estes métodos não ficaram confinados aos pitagóricos, sendo usados por outros filósofos para denotar poderes unitivos, que contêm todas as coisas do universo, entre as quais estão certas razões de igualdade, dissimilitude e diversidade. Essas razões são o que eles querem dizer com os termos *mônada* e *díade*, ou com as palavras uniforme, biforme ou desigual.

§51. As mesmas noções se aplicam à utilização de outros números, que foram hierarquizados de acordo com determinadas potências. Coisas que tinham começo, meio e fim, denotavam pelo número três, dizendo que tudo que tem meio é triforme, o que foi aplicado a toda coisa perfeita. Disseram que se alguma coisa fosse perfeita faria uso deste princípio e seria adornada, de acordo com ele; e como não tinham outro nome para isso, inventaram a ideia de *tríade*; e sempre que tentaram nos levar ao conhecimento do que é perfeito, eles nos conduziram a isso pela forma desta tríade. O mesmo acontece com os restantes números, que foram ordenados pelos mesmos motivos.

§52. Todas as outras coisas eram compreendidas sob uma única forma e potência que chamavam de "década", explicando com um trocadilho como *década*, que significa compreensão[39]. É por isso que chamaram o dez de número perfeito, o mais perfeito de todos, pois abrange todas as diferenças numéricas, razões, espécies e proporções. Pois se a natureza do universo for definida segundo as razões e proporções dos números, e se aquilo que é produzido, aumenta-

39 Jogo de palavras, inventado por Porfírio ao derivar etimologicamente *dekás* (década) de *dékhomai* (aceitar, receber), verbo com o qual se relaciona a raiz *dekhh*.

do e aperfeiçoado, procede conforme a razão dos números; a década abrange toda forma numérica, toda proporção e todo raciocínio. Porque a própria natureza não deveria ser denotada pelo número mais perfeito, dez? Tal era o uso dos números entre os pitagóricos.

§53. Esta filosofia singular dos pitagóricos finalmente morreu, primeiro, porque era enigmática, e depois porque seus comentários foram ditados em dórico, cujo dialeto em si é um tanto obscuro, então os ensinamentos dóricos não foram totalmente compreendidos, e eles foram mal aceitos, e finalmente considerados espúrios, e aqueles que os publicaram não eram mais pitagóricos. Os pitagóricos afirmam que Platão, Aristóteles, Espeusipo, Aristóxeno e Xenócrates; tomaram o melhor deles, fazendo apenas pequenas alterações, para desviar a atenção dessa apropriação, eles mais tarde coletaram e entregaram como doutrinas pitagóricas características tudo o que nelas havia de mais trivial e vulgar, e tudo o que havia sido inventado por pessoas invejosas e caluniosas, para lançar desprezo ao pitagorismo.

§54. Pitágoras e seus seguidores foram por muito tempo tidos com tanta admiração na Itália, que muitas cidades os convidaram para assumir sua administração. No final, porém, eles sentiram inveja e uma conspiração foi formada contra eles da seguinte maneira. Cílon, um crotoniata, que em origem, nobreza e riqueza era o mais proeminente, era de uma disposição severa, violenta e tirânica, e não teve escrúpulos em usar a multidão de seu séquito para atingir seus objetivos. Como se considerava digno do que havia de melhor, considerou seu direito ser admitido na irmandade pitagórica. Pitágoras, no entanto, que estava acostumado a ler na natureza e nos costumes dos corpos humanos a disposição do homem, ordenou-lhe que partisse e cuidasse de seus negócios. Cílon, sendo de temperamento rude e violento, tomou isso como uma grande afronta e ficou furioso.

§55. Reuniu então os seus amigos, começou a acusar Pitágoras e conspirou contra ele e os seus familiares. Pitágoras foi então para Delos, visitar Ferecides de Siros, antigo seu professor, que estava gravemente doente, para cuidar dele. Os amigos de Pitágoras então se reuniram na casa do lutador Milon; e foram todos apedrejados e queimados quando os seguidores de Cílon colocaram fogo na casa. Apenas dois escaparam, Arquipo e Lísis, segundo relato de Neantes. Lísis refugiou-se em Tebas, na Hélade, com Epaminondas, de quem ele havia sido professor anteriormente.

§56. Mas Dicearco e outros historiadores mais precisos relatam que o próprio Pitágoras estava presente quando esta conspiração teve sucesso, pois Ferecides morrera antes dele deixar Samos. De seus amigos, quarenta que estavam reunidos em uma casa foram atacados e mortos; enquanto outros foram gradualmente mortos à medida que chegavam à cidade. Quando seus amigos foram levados, o próprio Pitágoras primeiro escapou para o refúgio no porto em Caulônia e de lá passou a Locri. Ao saber de sua vinda, os lócridas enviaram alguns conhecidos às suas fronteiras para interceptá-lo na entrada da cidade. Eles disseram, "Pitágoras, você é sábio e de grande valor; mas como as nossas leis não guardam nada de repreensível, vamos preservá-las intactas. Vá para algum outro lugar e nós lhe forneceremos todos os itens necessários para viajar". Pitágoras voltou e navegou para Tarento, onde, recebendo o mesmo tratamento de Crotona, se dirigiu para Metaponto. Por toda parte, levantaram-se grandes multidões contra ele, das quais ainda hoje os habitantes fazem menção, chamando-as de “revoltas pitagóricas”, porque assim eram chamados os seus seguidores.

§57. Pitágoras fugiu para o templo das Musas, em Metaponto. Lá, ele ficou quarenta dias e morreu de fome. Outros, porém, afirmam que a sua morte se deveu ao pesar pela perda de todos os seus amigos que, quando a casa onde estavam reunidos foi incendiada, para dar lugar ao seu mestre, atiraram-se às chamas, para fazer uma

ponte de segurança, por meio da qual, pode escapar. Pitágoras teria escapado desse modo, mas entristecido pela falta de seus entes queridos, deixou a vida, Quando morreram os pitagóricos, com eles também morreram os seus conhecimentos, que até então mantinham em segredo, salvo algumas coisas obscuras que eram comumente repetidas por aqueles que não as entendiam. O próprio Pitágoras não deixou nenhum livro; mas algumas pequenas faíscas de sua filosofia, obscuras e difíceis, foram preservadas pelos poucos que sobreviveram, ao serem atacados, como o caso de Lísis e Arquipo[40].

§58. Os pitagóricos agora evitavam a sociedade humana, sentindo-se solitários, entristecidos e dispersos. Temendo, no entanto, que entre os homens o nome da filosofia se extinguisse por completo e que, portanto, os deuses se zangassem com eles, fizeram resumos e comentários de seus ensinamentos. Cada um fez sua própria coleção de conselhos escritos e de suas próprias memórias, deixando-os onde quer que viesse morrer, incumbindo suas esposas, filhos e filhas de preservá-los em suas famílias. Esta recomendação de transmissão no interior de cada família foi obedecida durante muito tempo.

§59. Nicômaco diz que esta foi a razão pela qual os pitagóricos evitavam cuidadosamente a amizade com estranhos, preservando uma afinidade mútua constante entre si. Aristóxeno, no seu livro sobre a *Vida de Pitágoras*, diz que ouviu muitas coisas de Dionísio, o tirano da Sicília, que, após a sua abdicação, ensinou letras em Corinto. Entre suas falas estavam as sobre se absterem de lamentações, tristezas e lágrimas; também de adulação, súplica e coisas do gênero.

§60. Diz-se que Dionísio certa vez quis testar essa fidelidade mútua. Ele arquitetou este plano. Fíntias foi preso e levado diante do tira-

40 Para Plutarco, Filolau substitui Arquipo, na descrição que fez do cerco e incêndio, provocado por Cílon e seus seguidores, na casa onde se reuniram os pitagóricos.

no, e acusado de conspirar contra ele, julgado e condenado à morte. Fíntias, aceitando a situação, pediu que lhe fosse dado o resto do dia para tratar dos seus próprios assuntos, e dos de Damon, seu amigo e sócio, que agora teria que assumir a gestão dos negócios. Ele então pediu uma libertação temporária, deixando Damon como garantia para sua volta. Dionísio atendeu ao pedido, e eles mandaram chamar Damon, que concordou em permanecer até o retorno de Fíntias.

§61. A novidade deste feito espantou Dionísio; mas aqueles que primeiro sugeriram o experimento zombaram de Damon, dizendo que ele corria perigo de perder a vida. Mas para a surpresa geral, próximo ao pôr do sol, Fíntias veio cumprir sua sentença. Dionísio então manifestou sua admiração, abraçou os dois e pediu para ser aceito como um terceiro amigo entre eles. Embora ele tenha pedido isso sinceramente, ambos recusaram, sem apresentar nenhuma razão para isso. Aristóxeno afirma que ouviu isso do próprio Dionísio. Hipóboto e Neantes contam sobre Mília e Timica [...][41].

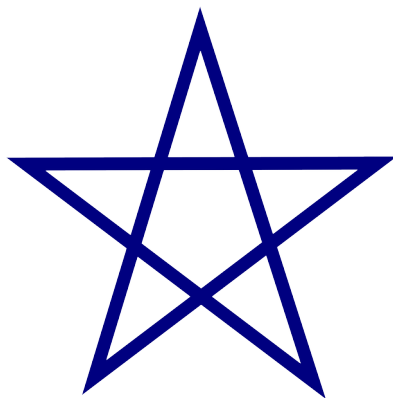



Figura 4: O pentagrama era usado como senha entre os membros da escola pitagórica, também chamado de sinal de saúde.

41 O que sobrou do texto original termina nesse ponto. A continuação da saga desse casal de pitagóricos pode ser lida na versão de Jâmblico da *Vida de Pitágoras*.

IÂMBLICO de Cálcida (Síria, 280-333)
Vida de Pitágoras

I Importância da Matéria

Como os sábios têm o hábito de invocar as divindades no início de qualquer reflexão filosófica, isso é ainda mais necessário no estudo da filosofia que leva o nome do divino Pitágoras. Na medida em que emanou das divindades, não poderia ser apreendida sem a sua inspiração e assistência. Além disso, sua beleza e majestade ultrapassam de tal forma a capacidade humana, que não pode ser compreendida de uma só vez. Gradualmente, só alguns detalhes podem ser dominados quando, sob a orientação divina, abordamos o assunto com tranquilidade.

2 Tendo, portanto, invocado a orientação divina, e adaptado a nós mesmos e ao nosso estilo às circunstâncias divinas, sigamos todas as sugestões que nos fizerem. Assim, não começaremos com quaisquer desculpas para a longa negligência sobre essa escola, nem com quaisquer explicações sobre o fato de ter sido encoberta por disciplinas estranhas, ou símbolos místicos, nem insistiremos que ela foi obscurecida por escritos falsos e espúrios, além de muitos

obstáculos desse tipo que impedem seu progresso. Para nós basta que esta seja a vontade dos deuses, que nos permitem realizar tarefas ainda mais árduas do que estas. Tendo assim reconhecido a nossa submissão principal às divindades, a nossa devoção secundária será ao príncipe e pai desta filosofia como líder. Teremos, contudo, de começar por um estudo da sua descendência e nacionalidade.

II Juventude, Educação e Viagens

3 É relatado que Anceu, que vivia em Sami de Cefalônia[42], era descendente de Zeus, cuja fama de descendência honrosa pode ter derivada de sua virtude, ou de uma certa magnanimidade; em qualquer caso, ele ultrapassou o restante dos cefalônios em sabedoria e renome. Anceu foi, pelo oráculo Pítio, vaticinado a formar uma colônia da Cefalônia, Arcádia e da Tessália; e além de liderar alguns habitantes de Atenas, Epidauro e Cálcis, ele deveria colonizar uma ilha chamada Melânfilo (Folhas Negras), em virtude do solo e da vegetação, enquanto a cidade se chamaria Samos, em homenagem a Sami, em Cefalônia.

4 O oráculo dizia o seguinte:

Peço a você, Anceu, que colonize a ilha marítima de Samos, em vez de Sami, e a chame de Fílis.

Que a colônia se originou nestes locais é provado primeiro pelas divindades e pelos seus sacrifícios, que foram tributados pelos habitantes - devido às circunstancias de que são originárias dos lugares de procedência das gentes que se congregaram -, segundo pelas relações das famílias e terceiro pelas suas celebrações sâmicas. Da família e da aliança deste Anceu, fundador da colônia, descenderam, portanto, os pais de Pitágoras, Mnesarco[43] e Pitaide.

42 Ilha jônia da costa noroeste da Grécia.

43 Heráclides Pôntico, discípulo de Aristóteles sustenta a opinião de que Pitágoras havia sido Etálidas (arqueiro destro que participou na expedição dos argonautas), filho de Hermes e de Eupolêmia, filha de Mirmidão. De todo modo, segundo vários escritores da antiguidade, o nome do pai

5 Que Pitágoras era filho de Apolo é uma lenda que se deve a um certo poeta sâmio, que assim descreveu o reconhecimento popular da nobreza de seu nascimento. Ele canta,

Pitaide, a mais bela da raça Sâmia
Dos abraços do Deus Apolo
Gerou Pitágoras, o amigo de Zeus.

Talvez valha a pena relacionar as circunstâncias de como prevaleceu essa tradição. Mnesarco havia ido para Delfos em viagem de negócios com sua esposa sem sinais de gravidez. Ele perguntou ao oráculo sobre o acontecimento de sua viagem de retorno à Síria, e foi informado que sua viagem seria lucrativa e grata; mas que sua esposa estava agora grávida e iria presenteá-lo com um filho que superaria todos os que já viveram em beleza e sabedoria, e que ele seria do maior benefício para a raça humana em tudo que diz respeito às realizações humanas.

6 Mas quando Mnesarco percebeu que Deus, sem esperar por qualquer pergunta sobre um filho, havia lhe informado por um oráculo que ele possuiria uma especial eminência e um dom verdadeiramente divino, ele imediatamente mudou o antigo nome de sua esposa, Partenide[44], para outro que lembrasse da profetisa de Delfos e seu filho, chamando-a de Pitaide.

7 A criança que logo depois nasceu em Sídon, na Fenícia, chamou Pitágoras[45], com este nome comemorando que tal descendên-

---

de Pitágoras era Mnesarco. Assim o estima de fato seu mestre Porfírio, ao apontar para a ideia (baseando-se no historiador Neantes de Cízico) de que Mnesarco pode ser um comerciante sírio de Tiro que chegou a Samos com um carregamento de trigo para pôr a venda. Ainda que se tenha posto em dúvida a existência de Pitágoras, em geral, se pensa que existiu, embora, certamente, sua vida esteja envolta em lenda.

44 Há uma referência clara, à etimologia do nome, *aparthénos*, para marcar a virgindade da mãe no sentido de assinalar que houve contato com Apolo.

45 Isto é, "que fala pela boca da pítia" ou "que fala como a pítia".

cia lhe havia sido prometida pelo Apolo Pítio. As afirmações de Epimênides, Eudoxo e Xenócrates, de que Apolo, tendo naquela época já tido uma ligação real com Partenide, causando sua gravidez, regularizou esse fato prevendo o nascimento de Pitágoras pela pitonisa, não devem de forma alguma ser admitidas.

8 Ninguém negará que a alma de Pitágoras foi enviada à humanidade a partir dos domínios de Apolo, tendo sido uma das suas assistentes, ou associadas mais íntimas, o que pode ser inferido tanto do seu nascimento, como da sua versátil sabedoria.

9 Depois de regressar da Síria a Samos, Mnesarco, com grandes riquezas derivadas de uma viagem marítima favorável, construiu um templo a Apolo, com a inscrição de Pítio. Ele cuidou para que seu filho desfrutasse da melhor educação possível, estudando com Creófilo, depois com Ferecides de Siros[46], e depois com quase todos os sábios em questões sagradas, a quem ele recomendou especialmente seu filho, para que ele fosse o mais experiente possível em divindade. Assim, pela educação e pela boa sorte, ele se tornou o mais belo e divino de todos aqueles que foram celebrados nos anais da história.

10 Depois da morte de seu pai, embora ele ainda fosse um jovem, seu aspecto era tão venerável, e seus hábitos tão moderados que ele foi honrado e até reverenciado por homens idosos, atraindo a atenção de todos que o viam e ouviam falar, criando a impressão mais profunda. Essa é a razão pela qual muitos afirmaram de forma plausível que ele era filho da divindade. Gozando do privilégio de tal renome, de uma educação tão minuciosa desde a infância, e de

46 O primeiro passa por ser contemporâneo e rival de Homero na declamação poética, segundo testemunho, por exemplo, de Diógenes Laércio. Quanto a Ferecides de Siros, se trata de um filósofo jônio do séc. VI a.C., autor de uma cosmogonia mítica. Faltam detalhes fidedignos sobre sua vida, atribuem a ele fatos prodigiosos, como a seu pupilo Pitágoras: predições de terremotos, naufrágios, entre outros acontecimentos.

uma aparência natural tão impressionante, mostrou-se digno de todas essas vantagens que possuía, pelo adorno de piedade e disciplina, por hábitos requintados, por firmeza de alma, e por um corpo devidamente sujeito aos mandatos da razão. Uma calma e serenidade inimitáveis marcaram todas as suas palavras e ações, elevando-se acima de todos os risos, emulações, contenções ou qualquer outra irregularidade ou excentricidade; sua influência em Samos foi a de alguma divindade benéfica.

11 Sua grande fama, ainda jovem, alcançou não apenas homens tão ilustres por sua sabedoria como Tales em Mileto e Bias em Priene, mas também se estendeu às cidades vizinhas. Ele era celebrado em todos os lugares como jovem "sâmio de cabelos compridos"[47] e a multidão o divulgou e divinizou. Quando completou dezoito anos, surgiu a tirania de Polícrates; e Pitágoras previu que sob tal governo seus estudos poderiam ser prejudicados, pois eles absorviam toda a sua atenção. Então, à noite, ele partiu em companhia de um certo Hermodamante, - descendente de Creófilo, era neto do anfitrião, amigo e preceptor geral do poeta Homero - indo por mar com Ferecides, junto a Anaximandro, o filósofo da natureza, e junto a Tales em Mileto.

12 Ele associou-se sucessivamente a cada um desses filósofos de uma maneira tal que todos o amaram, admiraram os seus dotes naturais e o admitiram no melhor das suas doutrinas, especialmente Tales, ao aceitá-lo com alegria nas intimidades da sua confiança, admirado da grande diferença entre ele e outros jovens, que foram

47 Deve haver uma confusão, porque Pitágoras contava com 18 anos quando tiveram lugar estes acontecimentos, e essa fama que se estendia entre as gentes deve se referir a um vencedor do pugilato na olimpíada 48ª (588-585 a. C.), segundo testemunho de Eratóstenes e Teeteto, por Diógenes Laércio, onde se acrescenta que levava também "um manto de púrpura". Por outro lado, a julgar pela data concreta da olimpíada, a idade de Pitágoras neste momento preciso de sua vida, o filósofo deve ter nascido entre 588 e 584 a. C., e o pugilista entre 620 e 600.

superados em todas as realizações por Pitágoras. Depois de aumentar a reputação que Pitágoras já tinha adquirido, comunicando-lhe o máximo que lhe conseguia transmitir, Tales, salientando a sua idade avançada e as enfermidades do seu corpo, aconselhou-o a ir ao Egito, para entrar em contato com os sacerdotes de Mênfis e Zeus. Tales confessou que a instrução desses sacerdotes foi a fonte de sua própria reputação de sabedoria, embora nem seus dotes nem realizações se igualassem aos que eram tão evidentes em Pitágoras. Tales insistiu que, tendo em conta tudo isto, se Pitágoras estudasse com aqueles sacerdotes, tinha a certeza de se tornar o mais sábio e mais divino dos homens.

III Jornada para o Egito

13 Pitágoras beneficiou-se em muitos aspectos da instrução de Tales, mas a sua maior lição foi aprender o valor de poupar tempo, o que o levou a se abster inteiramente de vinho e de alimentos de origem animal, evitando a gula, limitando-se a nutrientes de fácil preparação e digestão. Como resultado, seu sono era curto, sua alma pura e vigilante, e a saúde geral de seu corpo era invariável. Aproveitando tais vantagens, portanto, navegou para Sídon, que sabia ser seu país natal, e por estar a caminho do Egito.

14 Na Fenícia, ele conversou com os profetas que eram descendentes do filósofo da natureza Moscos[48], e com muitos outros, bem como com os hierofantes locais. Ele também foi iniciado em todos os mistérios de Biblos e Tiro, e nas funções sagradas desempenhadas em muitas partes da Síria. Ele foi levado a tudo isso não por qualquer desejo de superstição, como facilmente se poderia supor, mas sim por um desejo de contemplar a cerimônia, e por uma precaução para não perder nada dos mistérios das divindades que mereciam ser aprendidas. Depois de obter tudo o que pôde dos

48 Segundo Estrabão, viveu antes da Guerra de Troia e teria sido o criador da teoria dos átomos.

mistérios fenícios, descobriu que eles tinham origem nos ritos sagrados do Egito, formando como se fosse uma colônia egípcia. Isso o levou a ter esperança de que no próprio Egito pudesse encontrar monumentos de erudição ainda mais genuínos, belos e divinos. Portanto, seguindo o conselho do seu professor Tales, partiu, o mais rapidamente possível, por intermédio de alguns marinheiros egípcios, que muito oportunamente desembarcaram na costa Fenícia sob o monte Carmelo, na região do templo em cujo cume muitas vezes se encontrava Pitágoras, na maior parte do tempo sozinho. Foi recebido com alegria pelos marinheiros que pretendiam obter um grande lucro vendendo-o como escravo.

15 Mas eles mudaram de ideia a seu favor durante a viagem, quando perceberam a seriedade e disciplina do modo de vida que ele havia assumido. Começaram a refletir que havia algo de sobrenatural na modéstia do jovem, e na maneira como ele lhes apareceu inesperadamente na ancoragem, quando do cume do monte Carmelo, que eles sabem ser mais sagrado que outras montanhas e inacessível ao vulgo, descendo vagarosamente sem olhar para trás, evitando qualquer demora por causa de precipícios ou rochas difíceis e quando chegou ao barco, não disse nada mais do que, "Vocês estão indo ao Egito?" E além disso, ao responderem afirmativamente, ele embarcou e, durante toda a viagem, ficou em silêncio, onde seria menos provável que os incomodasse em suas tarefas.

16 Durante duas noites e três dias Pitágoras permaneceu na mesma posição imóvel, sem comer, beber ou dormir, exceto que, despercebido pelos marinheiros, ele poderia ter cochilado sentado. Além disso, os marinheiros consideraram que, contrariamente às suas expectativas, a viagem decorreu sem interrupções, como se alguma divindade estivesse a bordo. De todas estas circunstâncias concluíram que uma verdadeira divindade havia passado com eles da Síria para o Egito. Dirigindo-se a Pitágoras e uns aos outros com

uma gentileza e decoro inusitados, eles completaram o restante de sua viagem através de um mar tranquilo e, finalmente, desembarcaram felizes na costa egípcia.

17 Reverentemente os marinheiros o ajudaram a desembarcar; e depois de o terem visto em segurança numa praia firme, ergueram diante dele um altar improvisado, amontoaram nele os agora abundantes frutos das árvores, como se estes fossem as primícias de sua carga, despediram-se então e partiram apressadamente para seu destino. Pitágoras, porém, cujo corpo havia ficado enfraquecido pelo rigor de um jejum tão longo, não recusou a ajuda dos marinheiros no desembarque e, assim que eles partiram, comeu tantos frutos quantos foram necessários para restaurar seu vigor físico. Depois, dirigiu-se para o interior, em toda segurança, preservando a habitual tranquilidade e modéstia.

IV Estudos no Egito e Babilônia

18 No Egito frequentou todos os templos com o maior zelo e a mais rigoroso estudo, nesse período conquistou a estima e a admiração de todos os sacerdotes e profetas com os quais se encontrou. Tendo se familiarizado com atenção de cada detalhe, ele não negligenciou, no entanto, nenhuma celebridade contemporânea, fosse um sábio conhecido pela sabedoria, ou um mistério iniciático; não deixou de visitar nenhum lugar onde pensasse que poderia descobrir algo que valesse a pena. Foi assim que ele visitou todos os sacerdotes egípcios, adquirindo toda a sabedoria que cada um possuía.

19 Passou assim vinte e dois anos[49] nos santuários dos templos, estudando astronomia e geometria, e sendo iniciado de ma-

49 Iâmblico não é muito rigoroso em relação à ordem cronológica dos eventos. Por conta disso, a crítica atribui os primeiros capítulos a Apolônio de Tiana e a Nicômaco de Gerasa, escritores do primeiro século.

neira nada casual ou superficial em todos os mistérios dos deuses. Por fim, foi capturado pelos soldados de Cambises e levado para a Babilônia. Ali, ele ficou muito contente pela recepção dos magos, que o instruíram em seu venerável conhecimento e aprendeu perfeitamente o culto aos deuses. Com a assistência deles, da mesma forma, ele estudou e completou aritmética, música e todas as outras ciências. Depois de doze anos, por volta dos 56 anos de idade, regressou a Samos.

V Viagem à Hélade e Permanência em Crotona

20 No seu regresso a Samos foi reconhecido por alguns dos habitantes mais antigos, que descobriram que ele tinha ganho em beleza e sabedoria, e alcançado uma graciosidade divina; por isso eles o admiravam ainda mais. Ele foi oficialmente convidado a beneficiar todos os homens, transmitindo publicamente seu conhecimento. A isso ele não se opôs; mas o método de ensino que ele desejava introduzir era o simbólico, semelhante àquele em que fora instruído no Egito. Esta forma de ensino, porém, não agradou aos sâmios, cuja atenção carecia de perseverança.

21 Ninguém se mostrou genuinamente desejoso daquelas disciplinas matemáticas que ele estava tão ansioso em introduzir entre os helenos; e logo ele ficou completamente sozinho. Isso, no entanto, não o amargurou a ponto de negligenciar ou desprezar Samos. Porque era sua cidade natal; ele desejava dar aos seus concidadãos uma amostra da beleza das disciplinas matemáticas, apesar da sua recusa em aprender. Para superar isso ele planejou e executou o seguinte estratagema. No ginásio, ele observou o jogo de bola incomumente habilidoso e magistral de um jovem muito dedicado à cultura física, mas sem dinheiro e em circunstâncias difíceis. Pitágoras questionou-se, se este jovem fosse suprido com os bens necessários à vida e ficasse livre da ansiedade de obtê-los, poderia ser induzido a estudar com ele. Pitágoras chamou então o jovem,

quando ele saía do banho, e fez-lhe a proposta de fornecer-lhe os meios para continuar o seu treino físico, com a condição de que estudasse com ele sem esforço, gradativamente, mas de modo constante, para evitar confusões e distrações, certa disciplina que afirmava ter aprendido com os estrangeiros na sua juventude, mas que estavam agora começando a abandoná-lo em consequência das incursões do esquecimento na velhice.

22 Movido pela esperança de apoio financeiro, o jovem aceitou a proposta sem demora. Pitágoras apresentou-lhe então os rudimentos da aritmética e da geometria, ilustrando-os objetivamente num ábaco, pagando-lhe três óbolos como taxa pela aprendizagem de cada figura. Isso continuou por muito tempo, sendo o jovem instado ao estudo da geometria pelo desejo de honra, com diligência e na melhor ordem.

23 Mas quando o sábio observou que o jovem havia ficado tão cativado pela lógica, engenhosidade e estilo daquelas demonstrações às quais ele havia sido conduzido de maneira ordenada, e que ele não iria mais negligenciar sua busca apenas por causa dos sofrimentos da pobreza, Pitágoras fingiu pobreza e consequente impossibilidade de continuar o pagamento da taxa dos três óbolos.

24 Ao ouvir isto, o jovem respondeu que mesmo sem a mensalidade poderia continuar a aprender e a receber esta instrução. Então Pitágoras falou, "Mas até eu não tenho meios para conseguir comida! Como teria que trabalhar para ganhar a vida, não deveria se distrair com o ábaco e outras ocupações insignificantes". O jovem, porém, relutante em interromper os estudos, respondeu, "No futuro, serei eu quem cuidará de você e retribuirá sua gentileza de uma forma semelhante à da cegonha com seus pais; pois por minha vez, eu lhe darei três óbolos para cada figura".

25 A partir de então, ficou tão cativado por essas disciplinas que, de todos os sâmios, foi o único que optou por sair de casa para

seguir Pitágoras, sendo seu homônimo, embora diferindo no patronímico, por ser filho de Eratócles. É provavelmente a ele que se devem atribuir três livros sobre ginástica, nos quais recomenda uma dieta de carne, em vez de figos secos, o que, claro, dificilmente teria sido escrito pelo Pitágoras Mnesárquico. Mais ou menos nessa época Pitágoras foi para Delos, onde foi muito admirado ao se aproximar do chamado altar exangue do Pai Apolo, e fez seus tributos. Pitágoras visitou todos oráculos. Morou algum tempo em Creta e Esparta, para aprender as suas leis e ao adquirir proficiência nisso ele voltou para casa para completar suas omissões anteriores.

26 Ao chegar a Samos, fundou pela primeira vez uma escola, que ainda hoje se chama Semicírculo de Pitágoras, na qual os sâmios hoje consultam sobre assuntos públicos, sentindo a necessidade de estudar o belo. a justiça e o que é útil, no local por ele construído, para se dedicar com cuidado a todos esses temas.

27 Fora da cidade ocupou uma gruta adaptada às práticas da sua filosofia, onde passava a maior parte do dia e da noite, sempre ocupado com pesquisas científicas e meditando como Minos[50], filho de Zeus. Na verdade, ele superou tanto aqueles que mais tarde praticaram suas disciplinas, que eles se vangloriavam quando aprendiam teoremas de importância menor, enquanto Pitágoras desdobrou uma ciência completa dos fenômenos celestes, fundando-a em demonstrações aritméticas e geométricas.

VI A Comunidade Pitagórica

28 Ainda mais do que por tudo isso, ele deve ser admirado pelo que realizou mais tarde. Sua filosofia ganhou grande importância, e a sua fama espalhou-se por toda a Hélade de modo que os melhores alunos visitaram Samos por sua conta, para partilharem a

50 A cada nove anos, o rei Minos se dirigia à caverna do monte Ida, em Creta, onde Zeus se criou, para receber deste suas leis.

sua erudição. Mas os seus concidadãos insistiram em empregá-lo em todas as suas embaixadas, e obrigaram-no a participar na administração dos assuntos públicos. Pitágoras começou a perceber a impossibilidade de cumprir as reivindicações do seu país enquanto permanecia em casa para avançar a sua filosofia; e observando que todos os filósofos anteriores haviam passado suas vidas em países estrangeiros, ele decidiu renunciar a todas as ocupações políticas. Além disso, segundo testemunhos contemporâneos, ele se desgostou do desprezo dos sâmios pela educação. Por isso foi para a Itália, imaginando que sua verdadeira pátria deveria ser o país que contém o maior número de homens mais eruditos.

29 O primeiro destino de sua viagem foi chegar a Crotona, cidade mais famosa da Itália, onde reuniu, inicialmente, cerca de seiscentos seguidores, que pelos seus discursos foram movidos, não só ao estudo filosófico, mas a um relacionamento amigável e à partilha de seus bens materiais, de onde derivaram os nomes de cenobitas[51].

30 Os cenobitas eram alunos que filosofavam; mas a maior parte de seus seguidores eram chamados de ouvintes ("acusmáticos"), dos quais, segundo Nicômaco, havia dois mil que haviam sido cativados por um único discurso em sua chegada à Itália. Estes, com os seus filhos, reuniram-se num imenso teatro, chamado Auditório, que era tão grande que lembrava uma cidade, fundando assim um lugar universalmente conhecido na Magna Grécia. Esta grande multidão, recebendo de Pitágoras leis e mandatos como tantos preceitos divinos, sem os quais se recusavam a exercer qualquer ocupação, viviam juntas na maior concórdia geral, estimada e celebrada pelos seus vizinhos como entre o número dos bem-aventurados, que, como já foi observado, repartiam todos os seus bens. Tal era a reverência deles por Pitágoras, que o classificaram entre os deuses,

51 Comunidade de pessoas de vida austera e ascética.

como uma divindade genial e beneficente, enquanto alguns o celebravam como o Pítio, outros o chamavam de Apolo Hiperbóreo. Outros consideravam-no Pan, outros, uma das divindades que habitam a lua; outros ainda consideravam que ele era um dos deuses do Olimpo, que, para corrigir e melhorar a existência terrestre apareceu aos seus contemporâneos em forma humana, para lhes estender a luz salutar da filosofia e da felicidade. E nunca veio de fato, nem, aliás, jamais virá à humanidade um bem maior do que aquele que foi transmitido aos helenos através deste Pitágoras. Assim, mesmo agora, o apelido "sâmio de cabelos compridos" ainda é usado para os mais veneráveis entre os homens.

31 Em seu tratado *Sobre os Pitagóricos*[52], Aristóteles relata que entre os principais arcanos dos pitagóricos foi preservada a seguinte distinção: os deuses tomam forma de seres racionais, humanos e também como Pitágoras. Bem, de fato eles podem ter feito isso, visto que ele introduziu uma generalização tão justa e adequada sobre os deuses, heróis e demônios; do mundo, das múltiplas variações das esferas e dos astros, das suas oposições, eclipses, desigualdades, excentricidades e epiciclos; de todas as naturezas contidas no céu e na terra, junto com as intermediárias, sejam aparentes ou ocultas. Nem havia, em toda esta variedade de informações, algo contrário aos fenômenos, ou às concepções da mente. Além de tudo isso, Pitágoras desdobrou aos helenos todas as disciplinas, teorias e pesquisas que purificariam o intelecto da cegueira introduzida por estudos de outra natureza, de modo a capacitá-lo a perceber os verdadeiros princípios e causas do universo.

32 Além disso, a melhor política, a concórdia popular, a comunidade de posses entre amigos, o culto aos deuses, a piedade aos mortos, a legislação, a erudição, o silêncio, a abstinência de comer carne de animais, a continência, a temperança, a sagacidade, a di-

---

52 É o fragmento 192, de Aristóteles.

vindade e em uma palavra, tudo o que é ansiosamente desejado pelo erudito foi trazido à luz por Pitágoras. Foi por tudo isso, como já observamos, que Pitágoras foi tão admirado.

VII Conquistas Políticas Italianas

33 Agora precisamos relatar como ele se estabeleceu no exterior, quais lugares ele visitou pela primeira vez, e que discursos ele fez, sobre quais assuntos e a quem se dirigiu; pois isso ilustraria suas relações durante sua existência. A sua primeira tarefa, ao chegar à Itália e à Sicília, foi inspirar o amor pela liberdade naquelas cidades que ele entendia terem mais ou menos recentemente oprimido umas às outras com a escravidão. Então, por meio de seus seguidores, ele libertou e restaurou a independência em Crotona, Síbaris, Catânia, Régio, Hímera, Agrigento, Tauromênia e algumas outras cidades. Através de Carondas, o cataneu, e Zaleuco, o lócrida[53], ele estabeleceu leis que fizeram com que as cidades florescessem e se tornassem modelos para outras cidades próximas.

34 Ele extirpou inteiramente o partidarismo, a discórdia e a sedição nas cidades que eram perturbadas por disputas internas e externas, naquela época e durante várias gerações, como testemunha a história de todas as terras italianas e sicilianas. Em todo o lado, em privado e em público, ele repetia, como epítome das suas próprias opiniões, e como oráculo persuasivo da divindade, que "por qualquer meio; estratagema, fogo ou espada, devemos amputar do corpo, doença; da alma, ignorância; do ventre, o desperdício; da cidade, sedição; de uma família, discórdia; e de todas as coisas, falta de moderação"; através do qual ele trouxe para seus discípulos a quintessência de todos os ensinamentos, e isso com muito afeto.

53 A constituição da cidade de Locri, redigida por Zaleuco, se promulgou no ano 663 a. C.; sobre a personalidade deste legislador há uma grande incerteza e uma carência quase total de dados confiáveis. Carondas, alguns acreditam que era discípulo de Zaleuco e, incluindo, do próprio Pitágoras; suas leis foram utilizadas em Régio antes da tirania de Anaxilau (494-476).

Assim, pois, era seu modo de vida, naquela época, suas palavras e seus feitos.

VIII Intuição, Reverência, Temperança e Estudos

35 Para maior precisão, podemos afirmar que o ano da sua chegada a Itália foi o da vitória olímpica no estádio de Eríxias de Cálcida, na sexagésima segunda olimpíada. Tornou-se conspícuo e célebre assim que chegou, tal como anteriormente obteve reconhecimento instantâneo em Delos, quando realizou as suas adorações no altar exangue do Pai Apolo.

36 Um dia, durante uma viagem de Síbaris a Crotona, à beira-mar, encontrou alguns pescadores empenhados em tirar do fundo as suas redes de pesca pesadamente carregadas. Ele disse a eles que sabia o número exato de peixes que eles haviam pescado. Os pescadores surpresos declararam que se ele acertasse fariam qualquer coisa que ele pedisse. Ele então ordenou-lhes, depois de contar os peixes com precisão, que os devolvessem vivos ao mar, e o que é mais impressionante, enquanto ele estava na praia, nenhum deles morreu, embora tivessem permanecido bastante tempo fora de seu elemento natural, Pitágoras então pagou aos pescadores o preço do peixe e partiu para Crotona. Os pescadores divulgaram o ocorrido e, ao descobrirem seu nome por meio de algumas crianças, divulgaram publicamente no exterior. Todos queriam ver o estranho, o que era bastante fácil de fazer. Eles ficaram profundamente impressionados ao contemplar seu semblante, que de fato traía sua verdadeira natureza.

37 Alguns dias depois, ao entrar no ginásio, viu-se rodeado por uma multidão de jovens, e aproveitou a oportunidade para se dirigir a eles[54], exortando-os a atenderem aos mais velhos, apon-

54 Estas palavras correspondem a discursos tardios; devido a sua estrutura, em torno do século IV a. C.

tando-lhes a preeminência geral dos primeiros, afinal. Ele exemplificou que o Oriente era mais importante que o Ocidente, a manhã que a noite, o começo que o fim, o crescimento que a decadência; nativos do que estrangeiros, urbanistas do que construtores de cidades; e em geral que os deuses eram mais dignos de honra do que as divindades, as divindades do que as semidivindades e os heróis do que os homens; e que entre estes os autores do nascimento em importância excediam a sua descendência.

38 Tudo isso, porém, ele disse apenas para provar por indicação, que os filhos deveriam honrar seus pais, a quem, afirmou, eles deviam tanto gratidão quanto um homem morto estaria com aquele que o trouxesse de volta à vida, e à luz. Ele continuou a observar que não era mais do que apenas evitar a dor e amar principalmente aqueles que nos beneficiaram primeiro e mais. Antes do nascimento dos filhos, estes são beneficiados exclusivamente pelos pais, sendo a fonte da conduta justa de seus filhos. E quando mostram que é impossível pecar contra os deuses. Pois, como aprendemos a honrar a divindade com nossos pais, sem dúvida os deuses perdoarão aqueles que honram seus pais não menos do que aqueles que honram os deuses, (fazendo assim uma causa comum com eles).

39 Homero chegou a aplicar o nome paterno ao "rei dos deuses", chamando-o de "pai dos deuses e dos mortais". Muitos outros mitólogos informaram-nos que os chefes dos deuses estavam muito ansiosos por reivindicar para si aquele afeto superlativo que, através do casamento, liga os filhos aos seus pais. É por isso que (os teólogos órficos) introduziram entre os deuses os termos pai e mãe, Zeus gerando Atena, enquanto Hera produziu Hefesto, cuja prole é contrária à natureza para unir os mais remotos pela amizade.

40 Como este argumento sobre os imortais se mostrou convincente para os crotoniatas, Pitágoras continuou a impor a obediência voluntária aos desejos dos pais, pelo exemplo de Héracles,

que havia sido o fundador da colônia crotoniata[55]. A tradição de fato nos informou que a divindade havia empreendido trabalhos tão grandes por obediência aos comandos de um idoso, e que após suas vitórias nele, ele instituiu os Jogos Olímpicos em homenagem a seu pai[56]. A sua associação mútua nunca deve resultar em hostilidade para com os amigos, mas na transformação da sua própria hostilidade em amizade. Sua disposição filial benevolente deve se manifestar como modéstia, enquanto sua filantropia universal deve assumir a forma de consideração e afeto fraterno.

41 Temperança foi o próximo tema dos seus discursos. Como os desejos florescem mais durante a juventude, este é o momento em que o controle deve ser eficaz. Embora a temperança por si só seja universal em sua aplicação a todas as idades, menino, virgem, mulher ou idoso, ainda assim esta virtude especial é particularmente aplicável aos jovens. Além disso, só esta virtude se aplica universalmente a todos os bens, os do corpo e da alma, preservando tanto a saúde como o estudo.

42 Isso pode ser provado de forma contrária. Quando os gregos e os bárbaros guerrearam por Troia, cada um deles sofreu as mais terríveis calamidades, tanto durante a guerra, como no regresso a casa, e tudo isto através da incontinência de um único indiví-

55 De fato, eles eram também de outras cidades do sul da Itália, que foram visitadas pelo herói quando conduzia os bois de Gerioneu através da Itália até Peloponeso, em seu lendário décimo trabalho.

56 O parecer (segundo numerosos poetas e mitógrafos), é que o fundador dos jogos olímpicos foi realmente Pélope, filho de Tântalo e protegido de Poseidon, que lutou com Enomau, rei de Pisa, em uma corrida de carros, para conseguir como prêmio a mão de Hipodâmia, filha do rei, e em lembrança desta vitória instituiu os jogos. Segundo outra lenda que aquí se refere Iâmblico, o fundador dos jogos, por sua vitória sobre Áugias, rei de Élis, foi Héracles "como celebração vitoriosa de suas tarefas".

duo[57]. Além disso, a divindade ordenou que o castigo desta única injustiça durasse mais de mil e dez anos, por um oráculo prevendo a captura de Troia, e ordenando que anualmente os lócridas enviassem virgens ao Templo de Atena, em Troia. O cultivo da aprendizagem foi o próximo tema que Pitágoras instou aos jovens. Ele os convidou a observar quão absurdo seria classificar o poder de raciocínio como o principal de suas faculdades e, de fato, consultar sobre todas as outras coisas por meio dele, e ainda assim não dedicar tempo ou trabalho ao seu exercício. A atenção ao corpo pode ser comparada a amigos indignos e está sujeita a um rápido fracasso; enquanto a erudição dura até a morte, e para alguns adquire renome póstumo, e pode ser comparada a bons e confiáveis amigos.

43 Pitágoras continuou a tirar ilustrações da história e da filosofia, demonstrando que a erudição permite uma disposição naturalmente excelente para partilhar as conquistas dos líderes da raça. Para que outros compartilhem suas descobertas pela erudição. A educação possui quatro grandes vantagens sobre todos os outros bens. Primeiro, algumas vantagens, como força, beleza, saúde e coragem, não podem ser exercidas exceto pela cooperação de outra pessoa. Além disso, a riqueza, o domínio e muitos outros bens não permanecem com quem os transmite a outrem.

44 Terceiro, alguns tipos de bens não podem ser possuídos por alguns homens, mas todos são susceptíveis de instrução, de acordo com a escolha individual. Além disso, um homem instruído será naturalmente, e sem qualquer atrevimento, levado a tomar parte na administração dos assuntos do seu país de origem, (o que não acontece com mais riqueza). Uma grande vantagem da erudi-

57 Não é exatamente, com esta vergonha moral, como concebe o neoplatonismo e o neopitagorismo que o tema da Guerra de Troia é tratado. Pois a problemática das almas prevalece sobre o mundo dos deuses, por meio de um simbolismo, com Homero como teólogo, e de uma superação do mundo sensível pela aspiração ao mundo das ideias.

ção é que ela pode ser transmitida a outra pessoa sem diminuir em nada o valor do doador. Pois é a educação que faz a diferença entre um homem e uma fera, um grego e um bárbaro, um homem livre e um escravo, e um filósofo de um rude. Em suma, a erudição é uma vantagem tão grande sobre aqueles que não a possuem, que numa cidade inteira e durante uma olimpíada inteira apenas sete homens foram encontrados como vencedores eminentes nas corridas[58], e que em todo o globo habitável aqueles que se destacou em sabedoria não passou de sete. Mas em épocas subsequentes foi geralmente aceite que Pitágoras sozinho superou todos os outros em filosofia; pois em vez de se autodenominar sábio, ele se autodenominou filósofo. O que Pitágoras dizia aos jovens do ginásio, estes contavam aos mais velhos.

IX Comunidade e Castidade

45 Aí, estes últimos, o conselho dos mil homens, chamaram-no ao senado, elogiaram-no pelo que ele havia dito aos seus filhos e desejaram que ele revelasse à administração pública quaisquer pensamentos vantajosos para os crotoniatas, que ele pudesse ter. Seu primeiro conselho foi a construção de um templo às Musas, que preservasse a concórdia já existente. Ele observou-lhes que todas essas divindades estavam agrupadas por um mesmo nome comum, que formavam apenas um conjunto entre si, que se regozijavam especialmente com as honras comuns e que (apesar de todas as mudanças) o coro das Musas subsistiu sempre único e o mesmo. Eles compreendiam sinfonia, harmonia, ritmo e todas as coisas que geram harmonia. Não apenas aos belos teoremas, seu poder se estendia, mas também à harmonia e concórdia geral.

58 Curiosamente, Estrabão diz que em uma corrida olímpica os sete primeiros corredores do estádio eram todos de Crotona.

46 Justiça foi o próximo desiderato. A sua pátria não deveria ser vitimada egoisticamente, mas sim entendida como um depósito desejado pela maioria dos cidadãos. Deveriam, portanto, governá-la de forma que, como bem hereditário, pudessem transmiti-la à sua posteridade. Isto poderia ser melhor conseguido se os membros da administração concretizassem a sua igualdade com os cidadãos, com a única supereminência da justiça. É a partir do reconhecimento comum de que a justiça é exigida em todos os lugares, que foram criadas as fábulas de que Têmis sentou-se na mesma ordem que Zeus, e que o dado, ou a Justiça, está sentada junto a Plutão, e que a lei está estabelecida em todas cidades, para que quem é injusto nas coisas que a sua posição na sociedade lhe exige, possa simultaneamente parecer injusto para com o mundo inteiro.

47 Além disso, os senadores não devem fazer uso de nenhum dos deuses para efeitos de juramento, na medida em que a sua linguagem deve ser tal que os tornem críveis mesmo sem qualquer juramento. Quanto aos seus assuntos internos, o seu governo deve ser objeto de uma escolha compatível entre o público e o privado. Deviam demonstrar carinho genuíno aos seus próprios descendentes, lembrando que estes, dentre todos os animais, eram os únicos que podiam apreciar esse carinho. As suas associações com os seus parceiros de vida, as suas esposas, devem ser tais que se lembrem de que enquanto outros pactos estão gravados em mesas e pilares, os matrimoniais encarnam-se nos filhos. Devem, além disso, fazer um esforço para conquistar o afeto dos seus filhos, não apenas de uma forma natural e involuntária, mas através de uma escolha deliberada, a única que merece beneficência.

48 Ele ainda lhes implorou que evitassem qualquer relação com qualquer pessoa que não fosse suas esposas; para que, irritadas com a negligência e o vício de seus maridos, elas não se vinguem gerando filhos bastardos. Eles também deveriam considerar que re-

ceberam suas esposas do lar vestal com libações e as trouxeram para casa na presença dos próprios deuses, como os suplicantes teriam feito. Também que através de uma conduta ordeira e temperança se tornem modelo não só para a sua família, mas também para a sua comunidade. Novamente, eles deveriam minimizar o vício público, para que os infratores não se entregassem a pecados secretos para escapar da punição das leis, mas deveriam, em vez disso, ser impelidos à justiça pela reverência à beleza e à nobreza.

49 A procrastinação também deveria acabar, visto que a oportunidade era a melhor parte de qualquer ação. A separação dos pais dos filhos foi considerada por Pitágoras o maior dos males. Enquanto aquele que é capaz de discernir o que é vantajoso para si pode ser considerado o melhor homem, ao lado dele em excelência deve ser classificado aquele que consegue ver a utilidade no que acontece com os outros; enquanto o pior homem foi aquele que esperou até que ele próprio fosse afligido antes de compreender onde está a verdadeira vantagem. Os que buscam a honra podem muito bem imitar os atletas, que não ferem seus antagonistas, mas se limitam a tentar alcançar a vitória sozinhos. Os administradores da coisa pública não devem trair a ofensa ao serem contrariados, mas, por outro lado, beneficiar os tratáveis. Os pretendentes à verdadeira glória deveriam se esforçar realmente para se tornarem o que desejam parecer; pois o conselho não é tão sagrado quanto o elogio, sendo o primeiro útil apenas entre os homens, enquanto o segundo diz respeito principalmente às divindades.

50 Para encerrar, lembrou que a cidade deles foi fundada por Héracles[59], numa época em que, ferido por Lacínio[60], ele conduzia os bois pela Itália; quando, Croton tentando prestar-lhe assistência à noite, foi confundido com o inimigo, e ele o matou sem querer. Por isso, Héracles prometeu, sobre o sepulcro de Croton, que uma cidade deveria ser construída e dele derivaria o nome Crotona, dotando-o assim de imortalidade. Portanto, disse Pitágoras aos governantes da cidade, estes deveriam com justiça agradecer pelos benefícios que receberam. Os crotoniatas, ao ouvirem suas palavras, construíram um templo às Musas, expulsaram suas concubinas e pediram a Pitágoras que se dirigisse aos jovens no templo de Apolo Pítio e às mulheres no templo de Hera.

X Conselhos aos Jovens

51 Aos rapazes Pitágoras, atendendo ao pedido dos pais, deu os seguintes conselhos: eles não devem insultar ninguém nem vingar-se daqueles que os insultaram. Devem dedicar-se diligentemente à aprendizagem, correspondente a sua idade. Um jovem que começasse mais cedo teria facilidade em preservar a probidade pelo resto da vida, o que seria uma tarefa difícil para quem naquela idade não estivesse bem disposto; não, para quem inicia seu percurso por um mau impulso, correr bem até o fim é quase impossível. Pitágoras destacou que os meninos eram os mais queridos pelas divindades; e salientou que, em tempos de grande seca, as cidades enviavam meninos como embaixadores para implorar chuva aos

---

59 Héracles, conforme a lenda, prometeu a fundação da cidade que se construiu por meio de Miscelo, um aqueu da cidade de Ripes, a quem o deus Apolo deu a ordem, mediante um oráculo, para fazê-lo, ainda que Iâmblico aqui dê por fundador a Héracles e o motivo da fundação é a expiação pela morte que deu, inadvertidamente, a Croton.

60 Herói epônimo do cabo Lacinio, distante 150 estádios da cidade de Crotona, segundo Estrabão, que tentou roubar os bois a Héracles quando este estava entretido por Croton, o herói mítico, em memória de quem a cidade foi fundada, segundo se explica.

deuses, na persuasão de que a divindade está especialmente atenta às crianças, às quais era permitido participar de cerimônias sagradas de templos a templos, por se manterem perfeitamente puros.

52 Essa é também a razão pela qual os mais filantrópicos dos deuses, Apolo e Eros, são, em imagens, universalmente representados como tendo a idade de meninos. É igualmente reconhecido que alguns dos jogos em que os vencedores são coroados foram instituídos em benefício dos rapazes; os jogos píticos, por que a serpente Píton[61] foi morta por um menino, e os de Nemeia e os ístmicos, por causa da morte de Arquêmero[62] e Melicerta[63]. Além disso, enquanto a cidade de Crotona se construía, Apolo prometeu ao fundador que lhe daria uma descendência, se trouxesse uma colônia para Itália.

53 Disso se infere que Apolo presidiu ao seu desenvolvimento, e que na medida em que todas as divindades protegiam as crianças, não era mais do que justo que se tornassem dignos da sua amizade. Ele acrescentou que eles deveriam praticar a escuta para

---

61 Segundo a tradição, Apolo matou o monstro Piton quando era um menino; algumas fontes asseguram que aos três dias de nascimento.

62 Em sua marcha em direção a Tebas, os Sete, ao passarem por Nemeia, pediram a Hipsípile, escrava que estava encarregada da custódia de Ofeltes, filho de Licurgo, rei de Nemeia, que lhes mostrasse uma fonte para matar a sede. A escrava deixou por um momento o menino no chão (um oráculo havia ordenado que não deixasse nunca o menino na terra até que pudesse andar), junto à fonte, aonde havia levado os Sete. A serpente que guardava a fonte se precipitou sobre o menino e o afogou. Anfiarau, o adivinho da expedição contra Tebas, interpretou o acontecimento como um mau presságio, prevendo que a campanha seria um fracasso. Não obstante, em honra de Ofeltes, instituíram os jogos que, com o tempo, seriam os Jogos de Nemeia. Ofeltes passou a chamar-se Arquémoro ("o princípio do destino").

63 Foi filho de Atamante e Ino. Seus pais enlouqueceram e mataram-no, atirando-o a um caldeirão de água fervente. Segundo alguns, foi o pai; segundo outros, a mãe, que quando tomou consciência do ato se suicidou, se jogando no istmo de Corinto. Um golfinho levou o corpo da criança à costa, onde Sísifo, rei de Corinto e irmão de Atamante, o sepultou.

aprenderem a falar. Além disso, assim que tivessem entrado no caminho que pretendiam seguir durante o resto da sua existência, deveriam imitar os seus antecessores, nunca contradizendo aqueles que eram maiores. Pois mais tarde, quando eles próprios tiverem crescido, esperarão com justiça não serem prejudicados pelos seus futuros aprendizes. Por causa desses ensinamentos, Pitágoras não merecia mais ser chamado pelo seu nome, senão que todos os homens o chamassem de "divino".

XI Conselhos às Mulheres

54 Às mulheres, Pitágoras falou o seguinte, sobre sacrifícios. Para começar, na medida em que não era mais do que natural que desejassem que alguma outra pessoa que pretenda orar por elas fosse digna, ou melhor, excelente, porque os deuses atendem particularmente a essas pessoas, então também é aconselhável que elas próprias devam estimar muito a equidade e a modéstia, para que as divindades possam estar mais inclinadas a atender aos seus pedidos. Em segundo lugar, elas deveriam oferecer às divindades coisas que elas próprias fizeram com suas próprias mãos, sem a ajuda de servos, como bolos, favos de mel, incensos, perfumes. Mas não deveriam adorar divindades com sangue e cadáveres, nem oferecer tantas coisas ao mesmo tempo, como se pretendessem nunca mais sacrificar. No que diz respeito à sua relação com os maridos, elas devem lembrar-se de que a sua natureza feminina recebeu dos seus pais a licença para amar os seus maridos mais do que os autores da sua existência. Por conseguinte, é correto não se oporem aos seus maridos, nem considerarem que os submeteram, caso estes últimos cedam a elas cada vez que as submetiam.

55 Foi nessa mesma oportunidade que Pitágoras fez a célebre sugestão de que, depois de uma mulher ter tido ligação com o marido, é lícito para ela realizar ritos sagrados no mesmo dia, o que seria inadmissível, se, a conexão foi com qualquer homem que não

fosse o marido. Ele também aconselhou as mulheres que sua conversa deveria ser sempre discreta e que se esforçassem para que os outros falassem bem delas. Ele ainda os advertiu a cuidar de sua boa reputação e a tentar não justificar o escritor de fábulas que têm em conta a justiça das mulheres ao abrir mão de vestidos e adornos, quando alguém precisa deles, sem testemunhas, devolvendo-os sem argumentos ou litígios, processos ou polêmicas decorrentes deste reconhecimento de confiança, para criar o mito das três mulheres que usavam apenas um olho por causa de uma cooperação amigável[64]. Aplicado aos homens, esse fato, de tomar alguma coisa que foi cedida de bom grado, com disposição de repartir suas coisas, seriam inacreditável, pois não é próprio de sua natureza.

56 Além disso, Pitágoras, que é chamado de o mais sábio de todos, observou que (Hermes) quem modulou a voz humana, e em suma, foi o inventor dos nomes, fosse ele um deus (Zeus, os deuses supramundanos, os deuses liberados, ou Hermes), ou uma divindade (a ordem mercurial dos demônios), ou um certo homem divino (o egípcio Teute, ou em animais especiais como o Íbis, o macaco ou os cães), percebendo que o sexo feminino era mais dado à devoção, deram a cada uma das suas idades o nome de uma divindade. Assim, uma mulher solteira era chamada de Core, ou Prosérpina; uma noiva Ninfa; uma gestante que dera luz, Mãe; e a que recebeu um neto, Maia, no dialeto dório. Consequentemente, os oráculos de Dodona e de Delfos são trazidos à luz por uma mulher. Por este elogio à piedade feminina, diz-se que Pitágoras efetuou uma mudança tão grande no traje feminino popular, que as mulheres não

64 Trata-se das Greias de belas faces, as "Anciãs", que jamais foram jovens. Nasceram já velhas e seus pais eram Fórcis e Ceto. Seus nomes são Enió, Pefredó e Dinó. São irmãs das três Gorgonas e participam também do mito de Perseu. Tinham um só olho e um só dente para as três, que os usavam uma de cada vez, daí a "amigável cooperação".

ousaram mais vestir-se com roupas caras, consagrando milhares de suas vestimentas no templo de Hera.

57 Este discurso teve efeitos também na fidelidade conjugal, a tal ponto que na região de Crotona a fidelidade conjugal tornou-se proverbial; (assim imitando) Ulisses que, ao invés de abandonar Penélope, considerou a imortalidade perdida, ao rejeitar Calipso. Pitágoras encorajou as mulheres crotoniatas a imitar Ulisses, exibindo a sua probidade aos seus maridos. Em resumo, através destes discursos, Pitágoras adquiriu grande fama tanto em Crotona, como no resto da Itália.

XII Porque Pitágoras chamava-se por Filósofo

58 Diz-se que Pitágoras foi o primeiro a chamar-se filósofo, em um mundo no qual até então não era uma denominação útil e apropriada, mas uma descrição[65]. Ele comparou a entrada dos homens na vida atual à direção de uma multidão para algum espetáculo público. Ali se reúnem homens de todas as classes e interesses distintos. Alguns se apressam em vender seus produtos por dinheiro e ganho; outros exibem sua força física, ou buscam obter renome; os mais liberais reúnem-se para observar a paisagem, as belas obras de arte, os exemplares de valor e as habituais produções literárias. Assim, também na vida presente, homens de várias atividades são reunidos. Alguns ficam dominados pelo desejo de riqueza e luxo; outros pelo amor ao poder e comando, ou pela ambição insana de glória. A mais pura espécie de homem é a que se eleva à contemplação das supremas belezas, e tal é a do filósofo.

59 Pitágoras acrescenta que a visão de todo o firmamento, e das estrelas que nele giram, é de fato bela, quando consideramos a sua ordem que é derivada da participação na essência primeira e

65 Uma relação desses termos que a tradição atribui a Pitágoras pode ser vista na própria antiguidade clássica.

inteligível. Mas essa primeira essência é a natureza dos número e proporções (ou princípios produtivos), que permeia tudo, e de acordo com a qual todos esses corpos (celestes) são dispostos elegantemente e ordenados adequadamente. e a verdadeira sabedoria é uma ciência versada nos objetos primeiros e belos (a assim chamada propriedade inteligível); que subsistem em invariável constância, sendo imortais e divinos, pela participação na qual outras coisas também podem ser chamadas de belas. O desejo por contemplar algo assim é a filosofia. Da mesma forma é bela a devoção à educação; e esta noção Pitágoras ampliou, a fim de efetuar o aperfeiçoamento da raça humana.

XIII Pitágoras partilhava com Orfeu o controle dos Animais

60 Segundo historiadores confiáveis, suas palavras possuíam uma qualidade encantatória que prevaleciam mesmo com os animais, o que confirma que, nos seres inteligentes, a aprendizagem doma os animais, mesmo selvagens ou irascíveis. A ursa dauniana[66], que prejudicava gravemente os habitantes, foi detida por Pitágoras, acariciando-a suavemente, alimentando-a com cevada, frutos secos e bolotas, e depois de obrigá-la por um juramento a deixar em paz os seres vivos, ele a mandou embora. Ela se escondeu nas montanhas e na floresta, e desde então nunca mais se soube que ferira qualquer outro animal.

61 Em Tarento, ele viu um boi pastando, em um campo onde comia favas. Ele aconselhou o pastor a se abster desse alimento e para dizer ao boi que se abstivesse também. O pastor riu dele, comentando que não conhecia a língua dos bois; mas se Pitágoras a soubesse, era melhor que ele mesmo lhe dissesse isso. Pitágoras aproximou-se da orelha do boi e sussurrou-lhe durante muito tempo, daí em diante o boi não só se absteve das favas, como nunca

66 De uma cidade da Sicília, na subida do Etna.

mais foi visto as provando. Este boi viveu muito tempo em Tarento, perto do templo de Hera, e foi alimentado com comida oferecida pelos visitantes, até muito velho, sendo considerado "o boi sagrado de Pitágoras".

62 Uma vez, quando conversava com seus discípulos sobre pássaros, sinais celestes e prodígios, observou que todas aves são mensageiras dos deuses, enviadas por estes a homens verdadeiramente queridos por eles, quando viu descer uma águia que voava sobre Olímpia, então ele a acariciou suavemente e dispensou. Através de tais e semelhantes ocorrências, Pitágoras demonstrou que possuía o mesmo domínio que Orfeu sobre os animais selvagens, e que os seduzia e detinha pelo poder de sua voz.

XIV A Preexistência de Pitágoras

63 Pitágoras costumava abordar os homens da melhor forma possível, ensinando-lhes o que os prepararia para aprender a verdade em outros assuntos. Pois por indicações mais claras e seguras ele lembrava a muitos de seus interlocutores a vida anterior vivida por suas almas antes de serem ligadas ao corpo atual. Ele demonstraria por argumentos indubitáveis que outrora fora Euforbo, filho de Panto, conquistador de Pátroclo. Ele elogiava especialmente os seguintes versos homéricos fúnebres pertencentes a ele, que cantava com a lira com mais elegância, repetindo-os frequentemente.

Ao fragoroso baque as armas fremem;
Como a das Graças, lhe salpica o sangue
De ouro e prata a madeixa entretecida.
Qual, se o colono a pálida oliveira
em terreno alimenta solitário
Que em mananciais abunde, ela formosa
Viceja, e de alvas flores enfeitada
Balança a coma ao vário Eólio sopro,

Té que um pegão furioso a desarreiga
E esfolha e encova; assim virente Euforbo,
Em terra e exânime, é do arnês despido
(HOMERO, *Ilíada,* XVII).

Omitiremos contudo os relatos sobre o escudo deste frígio Euforbo[67], que, em Micenas, entre outros despojos troianos, foi dedicado à argiva Hera, por ser de natureza demasiado popular. O que Pitágoras, no entanto, quis indicar com todos esses detalhes foi que ele conhecia as vidas anteriores que viveu, o que lhe permitiu iniciar uma atenção providencial aos outros, na qual ele os lembrou de suas existências anteriores[68].

XV Pitágoras Curava pela Medicina e Música

64 Pitágoras considerava que a primeira atenção que deveria ser dada aos homens deveria ser dirigida aos sentidos, como quando se percebe belas figuras e formas, ou ouve belos ritmos e melodias. Consequentemente, ele estabeleceu que a primeira educação artística era aquela recebida através das melodias e ritmos da música, e destas se obtêm remédios para os costumes e paixões humanas, e se restaurava a harmonia primitiva das faculdades da alma. Além disso, ele concebeu o controle e cura as doenças do corpo e da alma. Há também, por Zeus, algo que merece ser mencionado acima de tudo: a saber, que para seus discípulos ele organizou e prescreveu o que poderia ser chamado de aparelhos e terapias, inventando divinamente a mistura de certas melodias diatônicas, cromáticas e harmônicas através das quais ele facilmente alternava e fazia circular as paixões da alma em uma direção contrária, sempre que elas apareciam e haviam se acumulado recentemente, de forma irracional ou clandestina, como tristeza, raiva, piedade, inveja ex-

67 Segundo Diodoro, Pitágoras reconheceu o escudo em Argos.

68 Porfírio acrescenta outras reencarnações: que antes de ser Pitágoras, foi Etálidas, Hermótimo e Pirro.

cessiva, medo, desejos múltiplos, raiva, apetites, orgulho, colapsos ou espasmos. Cada uma delas ele corrigiu até a virtude, temperando-as através de melodias apropriadas, como se por meio de algum remédio salutar.

65 Da mesma forma, à noite, quando seus discípulos se retiravam para dormir, ele os libertava das perturbações e tumultos do dia, purificando seus poderes intelectuais das desordens em que foram expostos, acalmando seu sono e tornando seus sonhos agradáveis e proféticos. Mas quando eles se levantavam novamente pela manhã, ele os libertava do sono pesado, do coma e do torpor da noite por meio de certos acordes e modulações peculiares, produzidos simplesmente pelo toque da lira ou pela adaptação da voz. Mas não era por meio de instrumentos ou órgãos físicos de voz que Pitágoras efetuava isso consigo mesmo; mas pelo emprego de um certo carisma divino indescritível, difícil de apreender, através da qual estendeu o seu poder de audição ajustando o seu intelecto às sublimes sinfonias do mundo, só ele aparentemente ouvindo e apreendendo a harmonia e consonância universal das esferas e as estrelas que se movem através delas, produzindo uma melodia mais completa e intensa do que qualquer coisa produzida por sons mortais. Esta melodia também era o resultado de sons, velocidades, magnitudes e intervalos diferentes e variados, organizados entre si em uma determinada proporção musical, produzindo um movimento complicado, mais musical, embora suave.

66 Irrigado, portanto, com esta melodia, seu intelecto ordenado e exercitado fisicamente por ela, ele iria, com o melhor de sua capacidade, exibir certos sinais dessas coisas para seus discípulos, especialmente através de imitações dos mesmos através de instrumentos físicos ou dos órgãos da voz. Pois ele acreditava que, de todos os habitantes da terra, apenas por ele esses sons cósmicos eram compreendidos e ouvidos, como se viessem da fonte central e da

raiz da natureza. Ele, portanto, considerou-se digno de ser ensinado, e de aprender algo sobre os seres celestiais, e de ser assimilado a eles pelo desejo e pela imitação, na medida em que somente seu corpo estivesse bem o suficiente para ser conformado pela divindade que lhe havia dado à luz. Quanto aos outros homens, pensava que deveriam contentar-se em olhar para ele e para os dons que possuía, e em serem beneficiados e corrigidos através de imagens e conselhos, em consequência da sua incapacidade de compreender verdadeiramente os primeiros e genuínos arquétipos das coisas.

67 Assim como àqueles que são incapazes de olhar diretamente para o sol, conseguimos mostrar seus eclipses nos reflexos de água parada, ou em piche derretido, ou em algum espelho escurecido, poupamos a fraqueza de seus olhos. Essa organização peculiar do corpo de Pitágoras, muito mais refinada do que a de qualquer outro homem, também Empédocles testemunha isto, ao escrever enigmaticamente a seu respeito:

> *E havia entre eles um homem de um saber sem igual, mestre, em particular, de toda a espécie de obras sábias, que adquirira um enorme cabedal de conhecimentos: pois sempre que empenhava todo o seu saber, facilmente via cada uma de todas as coisas que existem em dez ou até vinte gerações humanas* (EMPÉDOCLES *apud* PORFÍRIO. *Vida de Pitágoras*, §30)[69].

As expressões "saber sem igual," ele “via cada uma de todas as coisas”, "cabedal de conhecimentos," e assim por diante, descrevem com a maior precisão possível seu método peculiar e excepcionalmente preciso de ouvir, ver e entender.

XVI Asceticismo Pitagórico

68 A música realizou, portanto, esse aperfeiçoamento da alma pitagórico. Mas outro tipo de purificação da mente, e também de toda a alma, praticou através de vários estudos, do seguinte modo. Ele tinha uma noção geral de que disciplinas e estudos deveriam

69 É o fragmento 31 B 129, de Empédocles.

implicar alguma forma de trabalho dos aprendizes e e exercício físico, portanto, como um legislador, decretou julgamentos das mais variadas naturezas, punições e restrições pelo fogo e pela espada, para a intemperança inata, ou um desejo inerradicável de posse, que os depravados não podiam sofrer nem sustentar. Além disso, seus discípulos foram ensinados a se abster de todos os alimentos de origem animal e de quaisquer outros que sejam hostis ao poder do raciocínio, impedindo suas energias genuínas. Ele também ordenou a eles a continência verbal e o silêncio total, exercitando-os durante anos no domínio da língua, enquanto investigava e repensava vigorosamente e assiduamente sobre os temas mais difíceis de compreender.

69 Por isso, também lecionou sobre a abstinência de vinho, que fossem parcimoniosos na alimentação, dormissem pouco e cultivassem um desprezo natural e hostilidade à fama, riqueza e coisas do gênero; respeitar sem fingimento aqueles a quem a reverência é devida, seus predecessores, exercer genuinamente a igualdade e a cordialidade para com os seus semelhantes em idade, e para com os mais jovens, cortesia, incentivo, sem inveja. Além disso, sobre a amizade, nas suas mais diversas formas, como a amizade universal de todos para com todos, de Deus para com os homens através da sua piedade e sábia veneração, ou das crenças entre si; de ensinamentos; da alma para o corpo e do racional para a parte irracional, através da filosofia e sua contemplação; ou seja dos homens uns para com os outros, ou mesmo dos cidadãos através de uma legislação saudável, por um lado, mas de estrangeiros através de uma concepção natural correta, por outro. Ademais, do marido para a esposa ou irmãos e parentes, através da comunhão não pervertida; ou se, em suma, é de todas as coisas para todos, e ainda mais, de certos seres irracionais através da justiça, e de uma conexão e solidariedade; ou seja a pacificação e conciliação do corpo que em si é

mortal, e dos seus poderes conflitantes latentes, através da saúde e de uma dieta temperada e conforme a isso, em imitação da condição salubre dos elementos cósmicos.

70 Em síntese, Pitágoras proporcionou aos seus discípulos a conversa mais apropriada com os deuses, tanto acordados como dormindo; algo que nunca ocorre em uma alma perturbada pela raiva, dor ou prazer, e certamente, ainda mais, por qualquer desejo vil, ou contaminada pela ignorância, que é o mais nocivo e profano de todo o resto. Por todas essas invenções, portanto, ele purificou e curou divinamente a alma, ressuscitando-a e salvando-a, e dirigindo ao inteligível o seu olho divino, que, como diz Platão[70], vale mais a pena salvar do que dez mil olhos corpóreos; pois quando é fortalecido e esclarecido por ajudas apropriadas, quando olhamos através disso, percebemos a verdade sobre todos os seres. Neste aspecto particular, portanto, Pitágoras purificou o poder mente. Esta é o modelo de educação que impulsionou, e tais são os objetos do seu interesse.

XVII Testes de Iniciação Pitagóricos

71 Ao preparar assim os seus discípulos para a educação, ele não recebia imediatamente como associado qualquer pessoa que se aproximasse dele para esse propósito, até que ele os tivesse testado e examinado criteriosamente. Para começar ele perguntava sobre a relação deles com seus pais e parentes. Em seguida, ele examinou suas risadas, falas ou silêncios, para ver se isso era improcedente; mais adiante, sobre seus desejos, seus companheiros, suas conversas, como empregavam seu lazer e quais eram os motivos de sua alegria ou tristeza. Ele observava sua forma, seu andar e todos os movimentos de seu corpo. Ele considerava as indicações naturais

70 Veja a sua obra *República*, VII, 527e.

de sua estrutura fisionômica, classificando-as como expoentes visíveis das tendências invisíveis da alma.

72 Depois de submeter um candidato a tais exames, ele deixava que ele fosse negligenciado por três anos, ainda observando secretamente sua constância e o genuíno desejo de estudo, e se ele era suficientemente pronto para a glória e desprezar as honras. Depois disso, o candidato era obrigado a observar o silêncio durante cinco anos, de modo a ser feito experiências definitivas na continência da fala, na medida em que a subjugação da língua é a mais difícil de todas as vitórias, como aliás foi revelado por aqueles que instituíram os mistérios. Durante esta provação, os bens de cada um eram alienados em comum, ficando comprometidos com curadores, administradores ou legisladores que eram chamados de "políticos". Destes pretendentes, após o silêncio quinquenal, aqueles que por modesta dignidade conquistavam sua aprovação como dignos de compartilhar suas doutrinas, tornavam-se então esotéricos, e dentro do véu ouviam e viam Pitágoras. Antes disso, eles participavam de suas palavras apenas através da audição, sem ver aquele, que permanecia dentro, e eles próprios dando provas de seus hábitos.

73 Se rejeitados, recebiam o dobro da riqueza que haviam trazido, mas os "ouvintes" (seguidores de Pitágoras) erguiam-lhe um túmulo, como se estivessem mortos. Se mais tarde encontrassem o candidato rejeitado, eles o tratariam como um desconhecido, declarando que aquele a quem eles prepararam para educação havia morrido, na medida em que o objetivo dessas disciplinas era formar homens bons e honestos. Aqueles que demoravam a adquirir conhecimentos eram considerados mal organizados ou, digamos, deficientes e estéreis.

74 Se, porém, depois de Pitágoras os ter estudado fisionomicamente, o seu andar, movimentos e estado de saúde, ele tivesse boas esperanças neles; e se, depois dos cinco anos de silêncio, e dos ritu-

ais e iniciações de tantas disciplinas junto com as limpezas da alma, e tantas e tão grandes purificações produzidas por tão diversos planos especulativos, através dos quais a sagacidade e a santidade são enraizadas na alma, se, mesmo depois de tudo isso, alguém fosse considerado ainda preguiçoso e estúpido, eles ergueriam para tal candidato dentro da escola um pilar ou monumento - como foi dito ter sido feito a Perilo de Túrios, e Cílon, o príncipe dos sibaritas -, rejeitado, expulsavam-no do auditório, carregando-o de prata e ouro. Esta riqueza fora por eles depositada em comum, aos cuidados de certos depositários, apropriadamente chamados de "administradores". Se algum dos pitagóricos mais tarde se encontrasse com o rejeitado, eles não reconheceriam aquele a quem consideravam morto.

75 Daí também Lísis, culpando um certo Hiparco por ter revelado as doutrinas pitagóricas aos profanos, e àqueles que as aceitaram sem disciplinas ou aprendizagem científica, disse. Conta-se que você filosofa indiscriminadamente em público, o que se opõe aos costumes de Pitágoras. Com esforço você de fato os aprendeu, oh Hiparco; mas você não os cuidaste. Meu caro, você provou petiscos sicilianos, que não deveria ter rebaixado. Se você desistir deles, ficarei muito feliz; mas se não o fizer, para mim você estará morto. Pois seria piedoso recordar os preceitos humanos e divinos de Pitágoras, e não comunicar os tesouros da sabedoria a quem não purificou a alma, mesmo em sonho. É ilícito dar coisas obtidas com tão grande trabalho e com assiduidade tão diligente à primeira pessoa que você encontrar, tanto quanto divulgar os mistérios das deusas de Elêusis[71] ao profano. Qualquer uma das coisas seria injusta e ímpia.

76 Deveríamos considerar quanto tempo foi necessário para apagar as manchas que se insinuavam em nossos peitos, antes de

71 Deméter e sua filha Perséfone.

nos tornarmos dignos de receber as doutrinas de Pitágoras. A menos que os tintureiros purifiquem previamente as peças nas quais desejam fixar as cores desejadas, a tinta desbotaria ou seria totalmente lavada. Da mesma forma, aquele homem divino preparou as almas dos amantes da filosofia, para que não o desapontassem em nenhuma daquelas belas qualidades que ele esperava que possuíssem. Ele não transmitiu doutrinas espúrias, nem estratagemas, nos quais a maioria dos sofistas, que são ociosos e sem bons propósitos, enredam jovens; mas seu conhecimento das coisas humanas e divinas era científico. Esses sofistas, no entanto, usam suas doutrinas como mero pretexto para cometerem atrocidades terríveis, varrendo os jovens como se fossem uma rede de arrasto, da maneira mais vergonhosa, tornando seus ouvintes em estorvos precipitados.

77 Eles infundem teoremas e doutrinas divinas em corações cujos modos estão confusos e agitados, como se água pura e clara fosse despejada em um poço fundo cheio de lama, o que agitaria o sedimento e destruiria a clareza da água. Tal infortúnio mútuo ocorre entre tais professores e discípulos. O intelecto e o coração daqueles cuja iniciação não procedeu por disciplinas, estão cercados por matagais densos e espinhosos, que obscurecem o poder suave, tranquilo e de raciocínio da alma, e impedem o desenvolvimento e elevação da parte intelectiva. Esses matagais são produzidos pela intemperança e pela avareza, ambas prolíficas.

78 A intemperança produz casamentos sem lei, luxúrias, intoxicações, prazeres não naturais e impulsos apaixonados que levam de cabeça para poços e abismos. A desenfreada dos desejos removeu as barreiras contra o incesto até mesmo com mães ou filhas, assim como um tirano violaria os regulamentos da cidade, ou as leis do país, com as mãos amarradas atrás delas, como escravos, eles foram arrastados para as profundezas da degradação. Por outro lado, a avareza produz rapina, roubo, parricídio, sacrilégio, feitiçaria e

males afins. Sendo assim, estes matagais circundantes, infestados de paixões, terão de ser desmatados com disciplinas sistemáticas, como que com fogo e espada; e quando a razão tiver sido libertada de tantos e grandes males, estaremos em condições de lhe oferecer e implantar nela algo de útil e bom.

79 Tão grande e necessária era a atenção que, segundo Pitágoras, deveria ser dada às disciplinas enquanto introduções à filosofia. Além disso, na medida em que dedicou tanto cuidado ao exame das atitudes mentais dos futuros discípulos, ele insistiu que o ensino e a comunicação das suas doutrinas deveriam ser distinguidos por grande honra.

XVIII Organização da Escola Pitagórica

80 O próximo passo para expor como, após a admissão ao discipulado, seguiu-se a distribuição em diversas turmas de acordo com o mérito individual. Como os discípulos eram naturalmente diferentes, era-lhes impraticável participar igualmente em todas as coisas, nem teria sido justo que alguns partilhassem das revelações mais profundas, enquanto outros poderiam ficar excluídos delas, ou outros de tudo; tais discriminações, eram injustas. Ao mesmo tempo que comunicava a todos algumas das suas lições adequadas, procurava beneficiar a todos, preservando a proporção da justiça, fazendo do mérito de cada um, o índice da extensão dos seus ensinamentos. Ele levou esse método ao ponto de chamar alguns "pitagóricos" e outros de "pitagoristas"[72], assim como discriminamos "áticos" alguns e "aticista" a outros. De acordo com esta distinção de nomes, alguns dos seus discípulos ele considerava genuínos, e que seriam modelos dos outros aspirantes.

72 Parece corresponder a uma distinção tal como "exotéricos" e "esotéricos". E deve corresponder também com a divisão em grupos de "acusmáticos" e "matemáticos", que mais adiante se menciona.

81 As posses dos pitagóricos deveriam ser partilhadas em comum, na medida em que viveriam juntos por longo tempo, enquanto os pitagoristas deveriam continuar a gerir as suas próprias propriedades, embora reunindo-se frequentemente no mesmo lugar para estudar, todos poderiam ter tempo livre para exercer as suas atividades. Estes dois modos de vida que tiveram origem em Pitágoras, foram transmitidos aos seus sucessores. Entre os pitagóricos existiam também duas especialidades de filosofia, seguidas por duas classes de discípulos, os "acusmáticos" e os "matemáticos". Estes últimos eram universalmente reconhecidos como pitagóricos pelos demais, embora os matemáticos não aceitassem os acusmáticos, insistindo que estes recebiam suas instruções não de Pitágoras, mas de Hípaso, que foi descrito de várias maneiras como um crotoniata ou metapontino.

82 A filosofia dos acusmáticos consistia em palestras sem demonstrações ou conferências ou argumentos[73] meramente orientando algo a ser feito de determinada maneira, preservando-os como outros tantos dogmas divinos, indiscutíveis, e que eles prometiam não revelar, considerando como mais sábio o que as retém mais do que outros. Todos os chamados *acusmata* se dividem em três tipos: o primeiro indica o que uma coisa é; o segundo o que é mais importante; e o terceiro, o que se deve ou não fazer. Exemplos da categoria "o que é?" são: O que são as ilhas dos Bem-aventurados? O Sol e a Lua[74]. O que é o oráculo de Delfos? A *tetraktys*[75]*:* que é

73 Explicações teóricas sem mais com um fundo oculto. Tratava-se de *akousmata*, "as coisas que se escutam", uma espécie de lições ou sentenças teóricas, que são, propriamente, os *symbola* que mais adiante veremos (a partir do §103).

74 Segundo a mitologia, era o lugar aonde íam as almas dos heróis ou das pessoas que haviam realizado grandes obras. Eram também o Sol e a Lua as sedes das almas.

75 A *tetraktys* ("o quaternário" ou "serie dos quatro primeiros números") constitui a essência da doutrina pitagórica, os números 1, 2, 3, 4, com as proporções harmônicas que com eles podem se formar e cuja soma é dez, definido pelo pitagorismo como número perfeito. Em definitivo,

a *harmonia* em que cantam as Sereias[76]. Exemplos da categoria "O que é mais?" são: O que é mais justo? O sacrifício; O que é mais sábio? O número; mas o seguinte é o homem que nomeou as coisas. O que é mais sábio entre os humanos? A medicina. O que é mais bonito? A *harmonia.* O que é mais poderoso? O conhecimento. O que é mais excelente? A felicidade. O que é mais verdadeiro ditado? Que os homens são perversos. Por isso Pitágoras dizia gostar do poeta Hipodamas de Salamina, por cantar:

Digam, oh deuses, a fonte de onde vocês vieram para haver chegado a ser tais, e vocês, oh homens, de onde procedeis e quão mau vocês se tornaram?

83 Essas foram sentenças da segunda categoria, que ensinaram a natureza distinta de tudo, "o que é em mais alto grau". Este tipo de estudo constitui realmente a sabedoria dos chamados sete sábios. Pois estes também não investigaram o que era bom simplesmente, nem o que é difícil, mas sobretudo o que é particularmente o mais difícil, ou seja, para um homem conhecer a si mesmo. Assim também consideraram não o que era fácil, mas o que era mais fácil, a saber, continuar seguindo os costumes. Tais estudos assemelharam-se e seguiram os sábios, que, no entanto, precederam Pitágoras. As aulas práticas, que estudavam o que deveria ou não ser feito, consideravam questões como: "Se é necessário gerar filhos", pois devemos deixar depois de nós sucessores que possam adorar as divindades. Mais uma vez, "que devemos calçar primeiro o sapato do pé direito". "Que não é próprio caminhar em via pública", "nem por a mão em recipiente de água lustral", "nem lavar-se em banho público". Pois em todos estes casos a limpeza dos usuários é incerta.

---

consideravam os pitagóricos que tanto o oráculo de Delfos como a *tetraktys* constituíam a verdade suprema.

76 Aqui se trata da interpretação pitagórica, que assume o neoplatonismo, segundo a qual "a harmonia das Sereias" era o movimento igual das esferas. As sereias eram as almas das esferas, causadoras de seu movimento. Platão se inspira na harmonia das sereias, quando descreve o acorde que forma seu canto.

84 Outros problemas eram: “Não ajude um homem a colocar um fardo”, o que o encoraja a vadiar, mas ajude-o a levantá-lo. “Não espere gerar filhos de uma mulher rica”. “Não fale sobre assuntos pitagóricos sem luz”. “Faça libações aos deuses a partir da alça do copo”, para tornar o presságio auspicioso e evitar beber da mesma parte (de onde foi derramado o licor). “Não use a imagem de um Deus num anel”, por medo de contaminá-lo, pois tais imagens devem ser protegidas numa casa. “Não faça mal a nenhuma mulher”, pois ela é suplicante, portanto, de fato, nós a trazemos do lar vestal e a tomamos pela mão direita. Também “não é apropriado sacrificar um galo branco”, que também é suplicante, sendo consagrado à Men[77] e anuncia as horas.

85 “Aquele que pede conselho, não dê senão o melhor”, pois o conselho é um sacramento. “O esforço mais trabalhoso é o bem, assim como o prazeroso é principalmente o pior”. “É necessário ser castigado, se temos a intenção de castigar”. “É apropriado, ao sacrificar, tirar os sapatos ao entrar no templo”. “Ao ir a um templo não se deve desviar do caminho”; pois a divindade não deve ser adorada de maneira descuidada. “É bom morrer resistindo, com feridas no peito, mas não se estiverem atrás”. “A alma humana encarna-se nos corpos de todos os animais, exceto naqueles que é lícito sacrificar”; portanto, “não devemos comer senão aqueles a quem é apropriado para o sacrifício”. Tais foram os assuntos destas palestras éticas. As palestras mais extensas, porém, foram aquelas referentes aos sacrifícios e honra aos deuses, tanto no momento da migração da vida deste mundo, quanto em outros momentos; também sobre a forma adequada de sepultura.

86 Em algumas dessas proposições os motivos são apresentados; como por exemplo “que devemos gerar filhos para deixar sucessores para adorar os deuses”. Mas nenhuma justificação é atribuí-

77 Divindade de origem babilônia; em grego, é o nome do mês.

da para as outras, embora em alguns casos estejam implícitas de forma próxima ou remota, como por exemplo "que o pão não deve ser partido, porque não convém para o julgamento no Hades". As razões meramente prováveis, que são adicionais, não são pitagóricas, mas foram inventadas por não-pitagóricos que desejaram adicionar peso à afirmação. Assim, por exemplo, no que diz respeito à última afirmação, de que "o pão não se deve partir", alguns acrescentam a razão de que não devemos distribuir (desnecessariamente) o que foi reunido, na medida em que em tempos bárbaros todo um grupo amigo iria junto ante um pão inteiro. Outros explicam ainda esse preceito alegando que é desfavorável, no início de um empreendimento, fazer um presságio de fratura ou diminuição. Além disso, todos estes preceitos baseiam-se num único princípio subjacente, o fim da divindade, para que o conjunto de cada vida possa resultar no seguimento de Deus, o que está além desse princípio e doutrina da filosofia.

87 Pois é absurdo buscar o bem em qualquer outra direção que não seja a dos deuses. Aqueles que o fazem assemelham-se a um homem que, num país governado por um rei, deveria honrar um dos seus concidadãos que é magistrado, ao mesmo tempo que negligencia aquele que é o governante de todos eles. Na verdade, isso é o que os pitagóricos pensavam das pessoas que buscavam o bem em outro lugar que não em Deus. Pois visto que Ele existe, como o senhor de todas as coisas, deve ser evidente que o bem deve ser solicitado somente a Ele. Pois até os homens transmitem o bem àqueles que amam e apreciam, e fazem o oposto àqueles de quem não gostam. Tal era realmente a sabedoria daqueles preceitos. Havia, no entanto, um certo Egeu chamado Hipomedonte de Assini, um dos ouvintes pitagóricos, que insistiu que o próprio Pitágoras desse as razões e as demonstrações desses preceitos ele mesmo; mas que em consequência de terem sido entregues a muitos, alguns

dos quais lentos, as manifestações foram retiradas, deixando as proposições nuas. Os matemáticos, porém, insistem que as razões e demonstrações foram acrescentadas pelo próprio Pitágoras, explicando que a diferença surgiu da seguinte forma.

88 Segundo eles, Pitágoras, originário de Samos, na Jônia, que então florescia sob a tirania de Polícrates, chegou à Itália, atraindo como associados os homens mais proeminentes da cidade. Mas os mais idosos destes que se ocupavam com a política e, portanto, não tinham tempo livre, precisavam dos discursos de Pitágoras dissociados dos raciocínios, pois teriam dificuldade em seguir os seus significados através de disciplinas e demonstrações, embora Pitágoras percebesse que eles seriam beneficiados por saberem o que deveria ser feito, mesmo sem a razão subjacente, assim como os pacientes dos médicos obtêm sua saúde sem ouvir as razões de cada detalhe do tratamento. Mas Pitágoras conversava através de disciplinas e demonstrações com os associados mais jovens, que eram capazes tanto de esforço, quanto de aprender. Essas são então as diferentes explicações dos acusmáticos e matemáticos. Quanto a Hípaso, porém, reconhecem que ele era um dos pitagóricos, mas que encontrou a condenação dos ímpios no mar por ter divulgado e explicado o por meio de desenhos, a esfera de doze pentágonos (o dodecaedro[78]); mas mesmo assim obteve a fama de

Figura 5: Os pitagóricos associavam o dodecaedro ao éter, o quinto elemento.

78 A enciclopédia bizantina *Suidas* atribui a Teeteto de Atenas a criação dos cinco sólidos regulares - o que inclui o dodecaedro. Veja o verbete *"Theaetetus"* e também o diálogo de Platão

ter feito a descoberta. Na realidade, porém, isto, tal como tudo o mais relacionado com a geometria, foi invenção "daquele homem" como se referiam a Pitágoras[79].

89 Mas os pitagóricos dizem que a geometria foi divulgada nas seguintes circunstâncias: Um certo pitagórico perdeu a fortuna, para recuperá-la, foi-lhe permitido ensinar aquela ciência que, por parte de Pitágoras, era chamada de *história,* ou investigação. Estas são, então, as informações sobre a diferença de cada modo de filosofar e as classes dos discípulos de Pitágoras. Para aqueles que o ouviram dentro ou fora do véu, e aqueles que o ouviram acompanhados dele e vendo-o, e que são classificados como auditores "internos" ou "externos", não eram outros senão estes. Sob essa linha podem ser classificados os pitagóricos políticos, administradores e legisladores.

XIX Abáris, o Cita

90 Em geral, vale a pena saber que Pitágoras descobriu muitos métodos de educação, mas comunicou a cada um apenas aquela parte da sabedoria que era apropriada à natureza e ao poder do destinatário, da qual o seguinte caso é uma prova apropriada e marcante. Quando Abáris[80], o cita, veio dos hiperbóreos, ele já era de idade avançada e não tinha habilidade e não era iniciado no aprendizado helênico. Pitágoras não o obrigou a percorrer os temas introdutórios, o período de silêncio e a longa ausculta, sem falar de outras provações, mas considerou-o apto para um ouvinte imediato

---

Teeteto, 148b.

79 Os pitagóricos chamavam "divino" a Pitágoras enquanto estava vivo, mas, uma vez morto, se referiam a ele como "aquele homem".

80 Famoso sacerdote do deus Apolo, na mítica região dos hiperbóreos, Cítia. Trata-se igualmente de um personagem que fazia prodígios. Muito conhecido é o dardo sobre o que se deslocava pelos ares.

de suas doutrinas, e instruiu-o pelo caminho mais curto em seu tratado *Sobre a Natureza*, e um *Sobre o Deus*[81].

91 Este hiperbóreo Abáris era idoso e muito sábio em questões sagradas, sendo um sacerdote de Apolo ali adorado. Naquela época, ele voltava da Hélade a seu país, para consagrar ao Deus o ouro que havia recolhido em seu templo entre os hiperbóreos. Quando estava de passagem pela Itália, viu Pitágoras e identificou-o como o Deus de quem era sacerdote. Acreditando que Pitágoras não se parecia com nenhum homem, mas não era outro senão o próprio Deus, Apolo, tanto pelas veneráveis associações que viu ao seu redor, como pelas que o sacerdote já conhecia, prestou-lhe homenagem dando-lhe um dardo sagrado. Este dardo ele levou consigo quando saiu de seu templo, como um instrumento que o ajudaria nas dificuldades que poderiam se abater sobre ele em uma jornada tão longa. Pois ao passar por lugares inacessíveis, como rios, lagos, pântanos, montanhas e similares, ele o carregava, e através dele dizia-se que realizava lustrações e expulsava ventos e pestes das cidades que lhe pediam para se libertar de tais males.

92 Por exemplo, dizia-se que Lacedemônia, depois de ter sido por ele purificado, não estava mais infectada com a pestilência, que outrora era endêmica, pela natureza miasmática do solo, no calor sufocante produzido pela montanha pendente Taigeto, assim como acontece com Cnossos, em Creta. Muitas outras circunstâncias semelhantes foram reportadas sobre Abáris. Pitágoras, porém, aceitou o dardo, sem manifestar nenhum espanto com a novidade da coisa, nem perguntar por que o dardo lhe foi dado, como se ele fosse mesmo um deus. Então, ele chamou Abáris de lado e mostrou-lhe sua coxa dourada, como uma indicação de que ele não estava totalmente enganado (em sua estimativa de sua verdadeira nature-

81 Não há acordo sobre a autoria de Pitágoras destes dois tratados. Pelo carácter tão genérico de seus títulos são atribuíveis a qualquer filósofo da antiguidade, no caso de que tenham existido.

za). Depois, Pitágoras descreveu-lhe vários detalhes do seu longínquo templo hiperbóreo, como prova de merecer ser considerado divino. Pitágoras acrescentou também que veio (às regiões da mortalidade) para remediar e melhorar a condição da raça humana, tendo assumido a forma humana para que os homens não perturbados pela novidade da sua transcendência evitassem a disciplina que ele aconselhava. Aconselhou Abáris a ficar com ele, a ajudá-lo a corrigir (os modos e a moral) daqueles que pudessem encontrar, e a partilhar os recursos comuns dele e dos associados, cuja razão os levou a praticar o preceito de que "os bens de amigos comuns".

93 Assim, Abáris ficou com ele e aprendeu fisiologia e teologia de maneira abundante; e em vez de viver pelas entranhas das feras, revelou-lhe a arte de prognosticar por números concebendo este um método mais puro, mais divino e mais aparentado com os números celestiais dos deuses. Também ensinou a Abáris outros estudos para os quais estava apto. Voltando, porém, ao propósito do presente tratado, Pitágoras esforçou-se por corrigir e alterar diferentes pessoas de acordo com as suas capacidades individuais. Infelizmente a maioria destes detalhes não foram transmitidos publicamente nem é fácil descrever o que nos foi transmitido a seu respeito.

XX Requisitos Psicológicos

94 Devemos agora expor alguns dos pontos mais célebres da disciplina pitagórica e marcos dos seus estudos distintivos. Quando Pitágoras testava um novato, primeiro, ele considerava a capacidade deste último de seguir seu conselho, e "refrear a fala", a expressão que usava para isso. Nomeadamente, se poderiam reservar e preservar o que ouviram e aprenderam. Em seguida, ele examinava a modéstia deles, se empenhava mais com aqueles que ficavam calados do que com os que falassem. Além disso, ele testava todas as outras qualidades, por exemplo, se eles ficavam excitados e incon-

troláveis com qualquer desejo ou paixão imoderada. O exame de sua afetação pelo desejo ou raiva, sua contenciosidade ou ambição, sua inclinação para a amizade ou discórdia, não era de forma alguma superficial. Se então, após uma pesquisa minuciosa, esses noviços fossem aprovados como tendo boas maneiras, ele então dirigia a atenção para sua facilidade de aprendizado e sua memória. Ele examinava sua capacidade de seguir o que foi dito, com rapidez e destreza; e depois, se foram impelidos para as disciplinas que lhes foram ensinadas pela temperança e pelo afeto.

95 Pois ele enfatizava a gentileza natural. Isto ele chamava "aperfeiçoamento"[82]. Ferocidade ele considerava hostil a tal tipo de educação. Pois as maneiras selvagens são acompanhadas de atrevimento, descaramento, intemperança, preguiça, estupidez, licenciosidade, desgraça e coisas do gênero, enquanto seu oposto acompanha a mansidão e a gentileza. Estas coisas então ele considerou ao testar aqueles que vieram a ele, e nestas os aprendizes foram exercitados. Aqueles que estavam aptos para receber os bens da sabedoria que possuía, ele admitia ao ensino; procurando elevá-los ao conhecimento científico; mas se percebesse que algum noviço não estava adaptado a eles, expulsava-o como estrangeiro e bárbaro.

XXI Programa Diário

96 Os estudos que empregava aos seus associados foram os seguintes; pois aqueles que se comprometiam com a orientação de sua doutrina agiam dessa maneira. Eles faziam caminhadas matinais solitárias em lugares que eram tranquilos, templos ou bosques, ou outros locais adequados. Eles achavam desaconselhável conversar com qualquer pessoa até que tivessem adquirido serenidade interior, concentrando seus poderes de raciocínio; eles consideravam

---

82 *Katartysis:* "Preparação", "disciplina", "domar", como se se tratasse da domação de um cavalo. De fato, é a palavra com que se designa em grego a ação de amansar um cavalo.

turbulento misturar-se em uma multidão assim que se levantavam da cama; e é por isso que estes pitagóricos sempre escolhiam locais mais sagrados para caminhar. Depois da caminhada matinal eles se reuniam, especialmente em templos, ou, se isso não fosse possível, em locais semelhantes. Neste momento, empregavam-se na discussão de disciplinas e doutrinas, e na correção de costumes.

97 Depois dessa ocupação, voltaram a atenção para a saúde do corpo. A maioria deles eram ungidos e exercitavam-se correndo; o restante em lutas, nos jardins ou bosques; outros em saltos com pesos de chumbo nas mãos[83], ou em práticas pugilísticas a sós, com vistas ao fortalecimento do corpo, selecionando cuidadosamente esses exercícios para esse fim. Lanchavam pão e mel, ou favo de mel, evitando vinho. Depois, realizavam debates sobre política interna ou externa, as relações com estrangeiros, conforme aos mandatos da lei. À tarde, voltaram a caminhar, mas não sozinhos, como na caminhada matinal, mas em grupos de dois ou três, relembrando as lições aprendidas e, exercitando-se em atividades nobres.

98 Depois do passeio, eles tomavam o banho; e após isso reuniram-se na sala de jantar comum, que não acomodava mais do que um grupo de dez pessoas. Em seguida, eram realizadas libações e sacrifícios com fumigações e incenso. Seguiu-se depois o jantar, que terminou antes do pôr do sol. Eles comiam ervas cruas e cozidas, torta de cevada, vinho e todos os alimentos comestíveis com pão[84]. De todos os animais permitidos para serem imolados, eles comiam a carne, mas raramente comiam peixe[85], o que não lhes era

83 Usavam os pesos no salto para se equilibrarem.

84 Em grego, *opson*, isto é, tudo o que se acompanha para comer com pão, geralmente carne, que pode ser fiambre, conhecido em português por "acompanhamento".

85 Porfírio aconselha exatamente a abstinência "de tainha, urtiga e quase todos os outros produtos do mar". A tainha, *triglis*, em grego, pode corresponder também ao peixe conhecido como "salmonete". Iâmblico também aconselha abster-se do salmonete.

útil por certas causas, os animais não naturalmente nocivos não podiam ser feridos nem mortos.

99 Esta ceia foi seguida de libações, sucedidas de leituras. Os mais novos liam o que os mais velhos aconselhavam, e como eles sugeriram. Quando estavam prestes a partir, o copeiro derramava-lhes uma libação, após a qual o mais velho anunciava preceitos, como os seguintes: “Que uma planta suave e frutífera não deve ser ferida nem corrompida, nem qualquer animal inofensivo.

100 “Além disso, que devemos falar piedosamente e formar concepções adequadas de seres divinos, tutelares e heroicos, e igualmente de pais e benfeitores. Que devemos ajudar, e não obstruir a aplicação das leis e lutar cotra a ilegalidade”. Depois disso, todos separados, para ir para casa. Eles usavam uma vestimenta branca limpa. Eles também se deitavam em camas brancas e limpas, cujas colchas eram feitas de linho e não de lã. Eles não caçavam, não realizavam nenhum exercício semelhante. Tais eram os preceitos entregues diariamente aos discípulos de Pitágoras, no que diz respeito a comer e viver.

XXII Amizade

101 A tradição fala de outro tipo de ensino por meio de máximas pitagóricas[86] relativas às opiniões e práticas humanas, alguns exemplos dos quais podem ser aqui mencionados. Aconselhou remover conflitos em autênticas amizades. Se possível, isso deveria se aplicar a todas as amizades; caso contrário, pelo menos com os pais, idosos e benfeitores. Amizades existentes com pessoas como essas não seriam preservadas, mas destruídas pela rivalidade, discórdia, raiva e paixões mais graves subsequentes. As cicatrizes e feridas que os atritos às vezes causam devem ser minimizadas tanto quanto

86 Estas sentenças ou preceitos podem pertencer a Aristóxeno e ser a fonte, a partir daqui, de vários parágrafos da presente obra de Iâmblico (§§101 e 102, 180 a 183, etc.).

possível, o que será efetuado se especialmente o mais jovem dos dois aprender a ceder e a subjugar suas emoções raivosas. Por outro lado, as chamadas *pedartaseis*[87], ou correções e admoestações dos mais velhos para com os mais novos, devem ser feitas com muita tranquilidade, e respeito, também com muita solicitude e cautela, o que torna a repreensão ainda mais elegante e útil.

102 A confiança nunca deve ser separada da amizade, seja a sério ou em tom de brincadeira. A amizade existente não sobrevive à insinuação de engano entre os que dizem ser amigos. Nem a amizade deve ser afetada pelo infortúnio ou outras vicissitudes humanas; e a única rejeição da amizade que é louvável é aquela que segue de um vício perverso e incurável. Tal era o modelo das máximas exortatórias pitagóricas, que se estendiam a todas as virtudes, e à vida em geral.

XXIII Uso de Parábolas de Instrução

103 Pitágoras considerava muito necessário o uso de parábolas na educação. A maioria dos helenos as adotavam, como os mais antigos; e foram, em princípio, preferencialmente empregadas pelos egípcios, que as desenvolveram das mais variadas maneiras. Em harmonia com isto, descobriu-se que Pitágoras as trataram diligentemente, a partir dos símbolos pitagóricos, ao desdobrarmos o seu significado e intenções misteriosas, desenvolvendo o seu conteúdo de retidão e verdade, liberando-os de sua forma enigmática. Quando, segundo a tradição simples e uniforme, eles se acomodam à inteligência sublime desses filósofos, que divinizavam além da concepção humana.

104 Aqueles que vieram desta escola, não só os mais antigos pitagóricos, mas também aqueles que durante a velhice de Pitágoras ainda eram jovens, como Filolau, e Eurito, Carondas e Zaleuco,

87 Correções e orientações.

Bríson e os mais velhos Arquitas, Aristeu, Lísis e Empédocles, Zamolxis e Epimênides, Milon, Leucipo, Alcmeão e Hípaso, e Timáridas eram todos daquela época, uma multidão de sábios, incomparavelmente excelentes, todos estes adotaram esta modalidade de ensino, tanto nas suas conversas, como nos comentários e anotações. Também os seus escritos, e todos os livros que publicaram, a maioria dos quais preservados, até aos nossos tempos, não foram compostos em dicção popular ou vulgar, ou de forma habitual a todos os outros escritores, de modo a serem imediatamente compreendidos, mas de uma forma que não seja facilmente apreendida por seus leitores. Pois eles adotavam a prescrição da reserva de Pitágoras, obscurecendo seus escritos e conversas mútuas de uma maneira obscura para ocultar os mistérios divinos dos não iniciados.

105 O resultado é que quem apresentasse esses enigmas sem desenvolver o seu significado através de uma exposição adequada, correria o risco de se expor à acusação de serem ridículos e fúteis, insignificantes e tagarelas. Quando, no entanto, os símbolos eram explicados de acordo, e tornados claros e óbvios até mesmo para as multidões, então seriam considerados análogos a ditos proféticos, como os oráculos do Apolo Pítio. Seu significado admirável inspiraria aqueles que unem intelecto e erudição. Vale a pena mencionar alguns deles, para explicar esse modo de ensino. "Não entrar negligentemente em um templo ou adorar descuidadamente, mesmo que apenas às portas. Sacrifique e adore descalço. Evitar vias públicas, andar em trilhas pouco transitadas. Não é sem luz que se fala de assuntos pitagóricos". Esse é um esboço do modo simbólico de ensino adotado por Pitágoras.

XXIV Sugestões de Dieta

106 Uma vez que a alimentação, utilizada de forma adequada e regular, contribui muito para a melhor educação, vale considerar os preceitos de Pitágoras sobre o assunto. Geralmente, eram proibi-

dos todos os alimentos que provocassem flatulência ou indigestão, enquanto ele recomendava os alimentos contrários, que conservam e são adstringentes. Por isso, ele recomendou as qualidades nutritivas dos cereais. Rejeitados foram todos os alimentos estranhos aos deuses, pois nos retiravam da comunhão com eles. Por outro lado, ele proibiu aos seus discípulos todos os alimentos que eram sagrados, por serem demasiado honrosos para servirem ao uso comum humano. Ele exortou seus discípulos a se absterem de coisas que fossem um impedimento à profecia ou à pureza e castidade da alma, ou ao hábito de temperança e virtude.

107 Por último, ele rejeitou todas as coisas que impediam a santidade e perturbavam ou obscureciam as outras purezas da alma e as visões em sonhos. Essas eram as normas gerais sobre alimentação. Em particular, porém, aos mais contemplativos dos filósofos, que haviam chegado ao ápice das realizações filosóficas, eram proibidos alimentos em excesso e desequilibrada, como o vinho, ou como os animais; e não sacrificá-los aos deuses, nem de forma alguma ferir os seres vivos, mas observar a justiça mais solícita para com eles.

108 Ele mesmo vivia dessa maneira, abstendo-se de alimentos de origem animal e adorando altares imaculados, sem sangue. Ele também teve o cuidado de aconselhar que os outros não matassem animais de natureza semelhante à nossa, e preferia corrigir e instruir animais selvagens, do que feri-los como punição. Além disso, ele ordenou a abstinência de alimentos de origem animal até mesmo aos políticos; pois como desejavam agir com justiça no mais alto grau, certamente não deveriam ferir nenhum animal afim. Como de fato poderiam persuadir os outros a agir com justiça, se eles próprios fossem detectados numa avidez insaciável em devorar animais úteis a nós. Estes estão unidos a nós por uma aliança frater-

na através da comunhão de vida, e dos mesmos elementos, e da mistura destes.

109 Comer a carne de certos animais era, no entanto, permitido àqueles cuja vida não era inteiramente purificada, filosófica e sagrada; mas mesmo para estes foi destinado um tempo definido de abstinência. Porém, não deviam comer o coração, nem o cérebro, o que era totalmente proibido a todos os pitagóricos. Pois estes órgãos são fundamentais e por assim dizer escadas e órgãos de sabedoria e vida. Alimentos que não os de origem animal eram por ele também considerados sagrados, por conta da natureza da razão divina. Assim seus discípulos deveriam se abster de malvas, porque esta planta é a primeira mensageira e sinal da simpatia das naturezas celestes com as terrestres. Também o peixe *Oblada melanura* foi interditado por ser sagrado aos deuses terrestres. Do mesmo modo, a morobá (*Erythrinus erythrinus*). "Abster de favas" também por diversas causas foi aconselhado - física, psíquica e sagrada. Muitos outros preceitos foram sugeridos na tentativa de conduzir os homens à virtude através da alimentação.

XXV Música e Poesia

110 Pitágoras também era de opinião que a música, se usada adequadamente, contribuía muito para a saúde. Na verdade, costumava usar essa purificação de forma consciente como remédio. Na estação primaveral, ele utilizava a melodia da seguinte maneira. No centro, ficava um músico que tocava lira, e sentados ao seu redor em círculo ficavam aqueles que sabiam cantar. Depois, o lirista começava a tocar e os cantores interpretavam certos hinos, através dos quais eles pareciam ficar muito contentes, porque suas maneiras se tornavam elegantes e ordeiras, ao seguir os tons melódicos e o ritmo. Esta música, em vez de medicamentos, também era usada em outros momentos como terapia.

111 Certas melodias eram concebidas como remédios contra as paixões da alma, mas também contra o desânimo e o ranger de dentes, e foram compostas por Pitágoras como de grande ajuda. Além disso, ele empregava outras melodias contra a raiva e a fúria e todas as outras aberrações da alma. Outro tipo de modulação foi criada contra os desejos. Ele também praticava a dança, que era acompanhada pela lira, em vez da flauta, que ele considerava ter influência na insolência, sendo teatral e de forma alguma própria de homens livres. Com o propósito de corrigir a alma, ele também usava versículos selecionados de Homero e Hesíodo.

112 Conta-se entre os feitos de Pitágoras, que certa vez, através de uma canção espondaica, extinguiu a raiva de um rapaz tauromênio, que depois de festejar à noite, pretendeu incendiar o vestíbulo da casa de sua amante, ao vê-la sair da casa de seu rival. Nesta tentativa precipitada o rapaz fora insuflado por uma canção frígia, que no entanto Pitágoras imediatamente interrompeu. Enquanto Pitágoras estava fazendo astronomia, ele encontrou este flautista frígio e convenceu-o a mudar a sua canção frígia por uma espondaica; através da qual a fúria do rapaz fora imediatamente reprimida, ele retirou-se para casa de maneira ordeira, pouco tempo depois de ter insultado estupidamente Pitágoras ao reconhecê-lo, e não queria ouvir nenhuma advertência, nem ser contido.

113 Aqui está outro caso. Um jovem, que estava fora de si, avançara sobre Anquito, que o havia acolhido como hóspede, com a espada desembainhada a fim de matá-lo, porque o anfitrião, como juiz, também havia condenado à morte o pai do rapaz. Empédocles mudou a intenção do jovem ao cantar, ao som de sua lira, aquela estrofe de Homero:

...Que tira a cólera e a dor, assim como a lembrança dos males
(HOMERO, *Odisseia*, IV, 221).

Salvando assim seu anfitrião Anquito da morte e o jovem de cometer assassinato.

114 Diz-se que a partir dessa época, o jovem se tornou um dos mais fiéis discípulos de Empédocles. Os pitagóricos realizavam a chamada correção, a composição harmônica e a execução de determinadas melodias úteis apropriadas para converter as paixões contrárias da alma. Quando se retiravam, purificavam a sua mente dos ruídos e perturbações a que foram expostos durante o dia, por certas odes e hinos que produziam um sono tranquilo, e poucos, mas bons sonhos. Mas quando acordavam do sono, libertavam-se novamente do atordoamento e do torpor do sono através de canções de outro tipo. Às vezes as paixões da alma e certas doenças eram, como diziam, genuinamente seduzidas por encantamentos, apenas com sons musicais, sem palavras. Esta é provavelmente a origem do uso geral desta palavra *encantamento*. Assim, por meio da música, Pitágoras produziu a mais benéfica correção de costumes e vidas.

XXVI Teoria Musical

115 Ao descrever a sabedoria de Pitágoras na instrução dos seus discípulos, não devemos deixar de notar que ele inventou a ciência harmônica e as proporções. Mas para explicar isto temos que recuar um pouco no tempo. Certa vez, enquanto ele considerava atentamente a música e raciocinava consigo mesmo se seria possível conceber algum instrumento de ajuda ao sentido da audição, de modo a sistematizá-la, já que a visão é tornada precisa pelo uso da régua, compasso e do quadrante, ou o tato se torna reconhecível pela balança e pelas medidas de peso, então pensando nessas coisas, Pitágoras passou por acaso em frente a uma oficina de ferreiro, onde providencialmente ouviu os martelos batendo um pedaço de ferro na bigorna, produzindo sons que se harmonizavam, exceto um. Mas ele reconheceu nesses sons, a consonância da oitava, da quinta e da quarta. Ele viu que o som entre a quarta e a quinta, con-

siderado por si só, era uma dissonância, e ainda assim completou o som maior entre eles.

116 Encantado, portanto, ao descobrir que a coisa que ele estava ansioso para descobrir tinha sido bem-sucedida com ajuda divina, ele foi para a ferraria e, por meio de vários experimentos, descobriu que a diferença de som surgia do peso dos martelos, mas não da força das pancadas, nem da forma dos martelos, nem da mudança de posição do ferro batido[88]. Tendo então examinado com precisão os pesos e o tamanho dos martelos, ele voltou para casa e fixou uma estaca diagonalmente às paredes, para que não surgisse nenhuma diferença por causa das várias estacas, ou alguma diferença no seu material. Nesta estaca, ele suspendeu quatro cordas de tripa, de materiais semelhantes, tamanho, espessura e torção. Um peso foi pendurado na parte inferior de cada. As cordas tinham o mesmo comprimento[89].

117 Tocou duas delas simultaneamente, reproduzindo os intervalos consonantes mencionados antes, em pares diferentes. Ele comprovou que a corda esticada com maior peso, quando comparada com aquela esticada por um peso menor, tinha o intervalo de uma oitava. O peso do primeiro era de doze unidades, e o do último, seis. Estando portanto em dupla proporção (2:1), formava a oitava, que era evidenciada pelos próprios pesos. Então ele descobriu que o barbante no qual estava suspenso o maior peso em comparação com aquele no qual estava suspenso o menor peso, e cujo peso era de oito unidades, produzia o intervalo conhecido como quinta.

---

88 Essa história da ferraria é um erro antigo, pois peças de ferro dão a mesma nota sejam atingidas por martelos pesados ou leves. Sem falar que o uso de bigornas de ferro foi introduzido nas forjas europeias após o império romano. Pitágoras pode, portanto, ter trazido a descoberta consigo do Egito, embora também possa ter desenvolvido os detalhes adicionais mencionados neste capítulo.

89 Os sons das cordas esticadas faz menção Diógenes Laércio. Este procedimento foi atribuído também a Pitágoras, entre outros, por Aristides Quintiliano, Gaudêncio e Nicômaco de Gerasa.

Daí ele descobriu que esse intervalo está na proporção de um e meio para um, ou de três para dois (3:2), razão em que os pesos também estavam entre si. Também descobriu que o barbante esticado pelo maior peso, quando comparado com o que estava ao lado dele, em peso, ou seja, nove unidades, tinha um intervalo chamado de quarta, análogo aos pesos. Esta proporção, portanto, ele descobriu estar na proporção de um e um terço para um, ou quatro para três (4:3); enquanto aquele do barbante do qual estava suspenso um peso de nove unidades até o barbante que tinha o menor peso, novamente na proporção de três para dois (3:2), que é de 9 para 6.

118 Da mesma forma, o segundo barbante, próximo daquele em que estava suspenso o menor peso, era aquele que tinha oito unidades de peso, com relação à corda de seis estava na proporção de 4 para 3 (sendo 8 para 6), mas para o barbante que tinha o maior peso, na proporção de 3 para 2, sendo 12 para 8. Portanto, aquilo que está entre a quinta e a quarta, e pelo qual a quinta excede a quarta, é provado ser como nove é para oito (9:8). Mas de qualquer forma pode-se provar que a oitava é um sistema de dois sentidos que consiste na quinta em conjunção com a quarta, assim como a proporção dupla consiste em três para dois (3/2) e quatro para três (4/3); como por exemplo 12, 8 e 6; ou, inversamente da quarta e da quinta, como na dupla proporção de quatro para três e de três para dois, como por exemplo, 12, 9 e 6. Portanto, e nesta ordem, tendo habituado a mão como o ouvido para os pesos suspensos, e tendo estabelecido de acordo com eles a relação das proporções, por um artifício fácil transferiu a suspensão comum das cordas da estaca diagonal para a forma do instrumento que chamou de *chordotonos*[90], ou ponte de cordas. Então com a ajuda de clavilhas, ele produziu uma tensão nas cordas análoga àquela efetuada pelos pesos.

90 Ponte para esticar cordas.

119 Utilizando este método, portanto, como base, e como se fosse uma regra infalível, estendeu depois a experiência a outros instrumentos, nomeadamente, ao bater em panelas, em flautas e seringas, para monocórdios, triângulos e similares em todos os quais ele encontrou a mesma proporção de números. Então ele nomeou o som que participa do número 6, tônica (*hipate*, nota Mi); aquele que participa do número 8, e é quatro para três, subdominante (*mese*, ou Lá); aquele que participa do número 9, e está um tom acima do subdominante, ele chamou, dominante (*paramese*, Si), e 9 a 8; mas o que participa do número 12, oitava (*nete*, outro Mi). Em seguida, ele preencheu os espaços intermediários com sons análogos em ordem diatônica e formou um octacórdio a partir de números simétricos; do duplo (2:1), do três para dois (3:2), do quatro para três (4:3), e da diferença destes, do 8 para 9.

120 Assim ele descobriu a progressão harmônica, que tende por uma certa necessidade física do som mais grave ao mais agudo, diatonicamente. Mais tarde, do diatônico progrediu para as ordens cromática e enarmônica, como mostraremos mais adiante quando tratarmos de música. Esta escala diatônica, entretanto, parece ter a seguinte progressão, um semitom, um tom e um tom; e este é o quarto, sendo um sistema composto por dois tons, e pelo que se chama semitom. Depois, acrescentando um tom, produzimos o quinto, que é um sistema composto por três tons e um semitom. Ao lado deste está o sistema de um semitom, um tom e um tom, formando uma quarta, ou seja, outra proporção de quatro para três. Assim, na oitava original, de fato, todos os sons do tom mais grave que são quartas entre si, produzem em todos os lugares quartas entre si; o semitom, por transição, recebendo o primeiro, meio e terceiro lugar, conforme aquele tetracorde.

121 Agora, no octacórdio pitagórico, que por conjunção é um sistema de tetracorde e pentacorde, mas se separado é um sistema

de dois tetracordes distintos um do outro, por um tom, a progressão é do som mais grave para o mais agudo. Portanto, todos os sons que pela distância entre si são quintas, produzem entre si o intervalo da quinta; o semitom procedendo sucessivamente em quatro casas, a primeira, a segunda, a terceira e a quarta. É assim que se diz que a música foi descoberta por Pitágoras. Tendo-a reduzida a um sistema, ele o entregou aos seus discípulos para utilizá-lo para produzir coisas tão bonitas quanto possível.

XXVII Assistência Política Mútua

122 Muitos feitos dos pitagóricos na esfera política são merecidamente elogiados. Houve uma época em que os crotoniatas tinham o hábito de fazer funerais e enterros muito suntuosos. Então um dos pitagóricos disse ao povo que uma vez ouvira Pitágoras conversar sobre naturezas divinas, durante as quais observara que as divindades do Olimpo atendiam às disposições dos suplicantes, e não à multidão das oferendas. Os deuses infernais, ao contrário, por se interessarem por assuntos menos importantes, regozijavam-se com lamentações e banquetes, libações, iguarias e pompas obsequiosas.

123 Como prova disso, a divindade de Hades é chamada Plutão[91] por seu desejo de receber. Aqueles que o honram com simplicidade não se importam muito e permitem ficar muito tempo no mundo superior; mas se apressa em atrair aqueles dispostos a gastar profusamente em solenidades fúnebres, para que ele possa obter as honras oferecidas em comemoração aos mortos. O resultado foi que os crotoniatas que ouviram este conselho foram persuadidos de que se se comportassem moderadamente nos infortúnios, promoveriam a sua própria salvação, mas morreriam prematuramente se fossem excessivos em tais despesas.

91 Que é "rico".

124 Uma certa divergência surgiu sobre um caso em que não houve testemunha. Outro pitagórico foi feito árbitro; e ele conduziu ambos os litigantes, um de cada vez, a um certo sepulcro, anunciando que o homem enterrado era extremamente justo. Um orou para que pudesse receber muita recompensa por esta boa vida, enquanto o outro declarou que o falecido não estava em melhor situação pelas orações de seu oponente. O pitagórico condenou este último, confirmando que aquele que elogiou o morto pelo seu valor tinha conquistado credibilidade. Em uma causa de grande importância, mais um pitagórico decidiu que um dos dois que concordou em resolver aquele caso por arbitragem, deveria pagar quatro talentos, enquanto o outro deveria receber dois. Então, sentenciou que pagassem três, e pareceu que cada um havia recebido um talento[92]. Duas pessoas depositaram com má intenção uma peça de roupa com uma mulher que comercializava na ágora e disseram-lhe que não a devia dar a nenhum deles a menos que ambos estivessem presentes. Mais tarde, fraudulentamente, um reivindicou e conseguiu o depósito comum, dizendo que tinha o consentimento da outra parte. O outro denunciou o pacto feito no início aos magistrados[93]. Um certo pitagórico, porém, como árbitro, decidiu que a mulher era inocente, interpretando o assentimento alegado como se ambos estivessem presentes.

125 Duas pessoas, que pareciam ser grandes amigas, mas que chegaram a suspeitar uma da outra através de calúnias de um bajulador, que disse a um que o outro havia tomado liberdades indevidas com sua esposa. Aconteceu, então, de um pitagórico entrar em uma forja onde um ferido criticava o ferreiro por não ter afiado su-

92 O texto é confuso nesse ponto pois o resultado é que cada um terminou por pagar com um talento de diferença, um para menos e outro para mais.

93 Literalmente, "o outro virou sicofante, ou delator". O original fala assim: *sykophantountos heterou*.

ficientemente a espada que lhe trouxera para esse fim. O pitagórico suspeitando do uso ao qual a espada foi dada disse, "a espada é mais afiada que todas as coisas para ti, exceto a calúnia." Isso fez com que o possível vingador considerasse que não deveria pecar precipitadamente contra seu amigo que fora convidado para dentro de sua casa com o propósito de matá-lo.

126 Um estranho no templo de Asclépio deixou cair acidentalmente o cinto, no qual havia dinheiro. Quando ele tentou pegá-lo, foi informado que os regulamentos do templo proibiam pegar qualquer coisa caída do chão. Ele ficou indignado, e um pitagórico aconselhou-o a retirar o dinheiro que não tocava o chão deixando o cinto onde estava. Durante um espetáculo público, alguns guindastes sobrevoaram o teatro. Um marinheiro disse ao seu companheiro: "você vê testemunhas?" Um pitagórico próximo convocou-os para um tribunal presidido por mil magistrados, onde, ao serem interrogados, confessaram ter atirado ao mar certos meninos que, ao se afogarem, apelaram aos guindastes, que voavam sobre eles, como testemunho do fato. Esta história foi erroneamente atribuída a outro lugar, mas realmente aconteceu em Crotona. Certos discípulos recentes de Pitágoras estavam em desacordo entre si, e o mais novo chegou ao sênior, declarando que não havia razão para encaminhar o assunto a um árbitro, na medida em que tudo o que precisavam fazer era esquecer sua raiva. O mais velho concordou, mas lamentou não ter sido o primeiro a fazer essa proposta.

127 Poderíamos relatar aqui a história de Damon e Fíntias, de Platão e Arquitas, e de Clínias e Proro[94]. No momento, porém, nos

---

94 A história de Fintias e Damon será contada no § 234 e também a de Clinias e Proro (§ 239). Arquitas, que foi estratego em sete campanhas, segundo Diógenes Laércio, defendeu a cidade de Tarento contra as forças de outras cidades do sul da Itália. É o famoso filósofo e matemático pitagórico, amigo de Platão, que declara, em sua *Carta VII,* 338c, que "eu mesmo promovera o conhecimento de Dionísio com Arquitas e seus tarentinos, apertando entre eles laços de amizade e

limitaremos ao de Êubulo, o messênio, que, ao navegar de volta para casa, foi levado cativo pelos etruscos, que o conduziram a Etrúria, onde foi reconhecido por um pitagórico etrusco chamado Nausito, que o resgatou dos piratas e o mandou para casa em segurança.

128 Quando os cartagineses estavam prestes a enviar cinco mil soldados para uma ilha deserta, o cartaginês Milcíades viu entre eles o argivo Possides – ambos eram pitagóricos. Aproximando-se dele, e sem revelar as suas intenções, aconselhou-o a regressar a casa o mais rápido possível. Ele o colocou em um navio que navegava perto da costa, forneceu-lhe os itens necessários para a viagem e, assim, salvou-o do perigo iminente. Aquele que tentasse relatar todos os belos feitos que embelezaram as relações mútuas dos pitagóricos descobriria que a tarefa excedia o espaço e a paciência.

129 Passarei então a mostrar que alguns dos pitagóricos eram administradores competentes, aptos para governar. Muitos eram guardiões das leis, e governavam certas cidades italianas, indultando-as e aconselhando-as a adotar as medidas mais salutares, enquanto eles próprios recusavam qualquer pagamento. Embora muito caluniados, prevaleceu a sua probidade e o desejo dos cidadãos de torná-los administradores. Nesta época, os estados mais bem governados parecem ter sido a Itália e a Sicília.

130 Um dos melhores legisladores, Carondas, o cataneu, era pitagórico, assim como os célebres legisladores de Locri, Zaleuco e Timares. Pitagóricos também eram aqueles governos de Régio, chamados de *ginasiarcas*, em homenagem a Teócles. Destacados nos estudos e nos costumes que foram então adotados pelos seus concidadãos, foram Fítio, Teócles, Helicão e Aristócrates. Com efei-

---

hospitalidade".

to, diz-se que Pitágoras foi o originador de toda a erudição política adotada naquelas cidades[95].

Em geral, dizem que foi o inventor de toda educação cidadã quando disse que nada existente é puro, na medida em que a terra participa do fogo, o fogo do ar, e o ar da água, e a água do ar. Da mesma forma o belo participa do disforme, o justo do injusto, e assim por diante; para que a partir deste princípio o impulso humano possa, pela direção adequada, ser direcionado em qualquer direção. Ele também disse que havia dois movimentos, um do corpo que é irracional, e um da alma, que é o resultado de uma escolha deliberada. Ele também disse que a política pode ser comparada a três linhas cujas extremidades se juntam, formando um triângulo contendo um ângulo reto, sendo as linhas 4, 3 e 2; de modo que um deles é 4 para 3, outro é 5 para 2 e o outro 3 é a média aritmética entre 2 e 4.

131 Agora, quando, através do raciocínio, estudarmos as relações mútuas dessas linhas e os lugares abaixo delas, descobriremos que elas representam a melhor imagem de um sistema político. Platão o plagiou, pois na sua *República*[96] ele diz claramente, "(...) quatro e três aliados a cinco, dão duas harmonias." Isto é, cultivou a moderação das paixões e o caminho do meio entre os extremos, tornando feliz a vida dos seus discípulos relacionando-os com os ideais do bem.

132 Também nos dizem que ele persuadiu os crotoniatas a abandonarem as relações com cortesãs e prostitutas. As esposas crotoniatas chegaram a Dinono, esposa do pitagórico Brontino, que era uma mulher sábia e esplêndida, autora da máxima de que era próprio da mulher fazer um sacrifício toda manhã em que se levantava dos braços dos maridos - que alguns atribuem à mulher de

95 As constituições que se promulgaram nestas cidades reprimiam as tiranias, mas não as evitaram.

96 PLATÃO. *República*, 546c.

Pitágoras, Teano -, e suplicaram que persuadisse a Pitágoras para discursar-lhes sobre a continência devida aos seus maridos. Ela fez isso, e Pitágoras fez um discurso aos crotoniatas, que acabou com a incontinência então predominante.

133 Quando embaixadores vieram de Síbaris a Crotona para exigir o retorno dos exilados, e Pitágoras, vendo um dos embaixadores que com as próprias mãos havia matado um dos seus amigos, não os atendeu de forma alguma. Mas quando este homem insistiu numa explicação e se dirigiu a Pitágoras, este disse que não havia oráculos para assassinos. Isso induziu muitos a acreditar que ele era Apolo. Todas essas histórias, com o que mencionamos acima sobre a destruição dos tiranos, e a democratização das cidades da Itália e da Sicília, e muitas outras circunstâncias, são provas eloquentes dos benefícios conferidos aos cidadãos por Pitágoras, no aspecto político.

XXVIII A Divindade de Pitágoras

134 Daqui em diante nos limitaremos às obras que discorrem sobre as virtudes de Pitágoras. Como de costume, começaremos pelas divindades, esforçando-nos por exibir a sua piedade e feitos maravilhosos. De sua piedade, que isto sirva de exemplo: ele sabia o que era sua alma, de onde ela veio para o corpo, e também suas vidas anteriores, disso dando as indicações mais evidentes. Em uma ocasião, ao passar pelo rio Nesso junto com muitos companheiros, ele se dirigiu ao rio, que, com uma voz distinta e clara, aos ouvidos de todos os seus amigos, respondeu, "Salve, Pitágoras!"Além disso, todos os seus biógrafos insistem que durante o mesmo dia ele esteve presente em Metaponto, na Itália, e em Tauromênia, na Sicília, discursando com seus discípulos em ambos os lugares, embora es-

sas cidades sejam separados, tanto por terra como por mar, por muitos estádios, cujo percurso consome muitos dias[97].

135 É também comum o relato de que mostrou a sua coxa de ouro ao hiperbóreo Abáris, que disse que se parecia com o Apolo adorado entre os hiperbóreos, e de quem Abáris era sacerdote; e que ele estava certo e não ser enganava. Uma miríade de outros fatos mais admiráveis e divinos são igualmente relatados de forma unânime e uniforme do homem, tais como previsões infalíveis de terremotos, eliminação rápida de pestes e vendavais, fim instantâneo de queda de granizo, acalmar as ondas dos rios e mares, para a travessia cômoda de seus discípulos. O poder de efetuar milagres desse tipo foi alcançado por Empédocles de Agrigento, Epimênides, o cretense, e Abáris, o hiperbóreo, e essas pessoas os realizaram em muitos lugares.

136 Seus feitos foram tão manifestos que Empédocles foi apelidado de "protetor do vento", Epimênides de "purificador", e Abáris de caminhante etéreo, porque, carregado do dardo que lhe fora dado pelo Apolo Hiperbóreo, ele passou por rios, mares e lugares inacessíveis, como alguém transportado pelos ares. Muitos pensam que Pitágoras fez a mesma coisa, quando no mesmo dia discursou com seus discípulos em Metaponto e Tauromênia. Diz-se também que ele previu que haveria um terremoto provocado pela água de um poço do qual havia bebido; e que um navio navegando com vento favorável, seria submerso no mar.

---

97 Uma versão anterior dessas lendas foi contada por Aristóteles em sua obra perdida *Sobre os Pitagóricos*. Da qual, alguns trechos foram transcritos em tempo por Cláudio Eliano de Preneste (séc. III), no seu livro *Histórias Diversas* (liv.II, cap. XXVI), onde surgem divergências geográficas em relação à dupla aparição de Pitágoras. Este teria aparecido em Crotona, no sul da Itália, e não em Tauromênia, na Sicília. O rio Nesso - atual Nestos - fica na antiga região da Trácia, ao norte da Grécia moderna. Eliano menciona, no entanto, o rio *Kosas*, que passava em Metaponto.

137 Estas são provas suficientes da sua divindade. Expondo meus pensamentos em voz alta, é meu desejo indicar os primeiros princípios que, sobre o culto aos deuses, foram estabelecidos por Pitágoras e seguidos por seus discípulos. Todas as normas relativas à ação e o que não se deve fazer no que diz respeito à divindade. É este seu princípio: toda vida é ordenada com intuito de seguir o deus. E a sua filosofia é a de que os homens agem ridiculamente, se buscam o bem em outro lugar senão em deus – é como se nesse respeito se cortejasse, entre os cidadãos, algum funcionário da cidade, negligenciando o rei que governa todas as coisas. Pensam que os homens devem se comportar como se deus fosse o senhor de tudo, e que detém o poder, para quem devemos pedir o bem, pois todos fazem o bem a quem eles amam e admiram, e o contrário aos que odeiam. Evidente que de devemos fazer as coisas com as quais o deus se compraz.

138 Não é fácil, porém, para um homem saber quais são, a menos que ele obtenha esse conhecimento de alguém que ouviu Deus, ou ouviu o próprio Deus, ou o obtenha através da arte divinatória. Daí também os pitagóricos serem estudiosos da adivinhação, que é uma interpretação da benevolência dos deuses. Que tal empenho vale a pena será admitido por quem acredita nos deuses; mas quem pensa que qualquer uma dessas coisas é ingenuidade, também será da opinião de que ambas são tolices. Muitos dos preceitos dos pitagóricos derivavam dos mistérios. Os pitagóricos acreditam plenamente nos relatos místicos de Aristeas de Proconeso[98], de Abáris, o hiperbóreo, e muitas lendas contadas nesse estilo. De fato, acreditam em todas elas, e eles mesmos tentam muitas delas, mas as dessa natureza, que parecem míticas, as guardam de memória sem desconfiar que se possam atribuir à divindade. Os pitagóricos, portanto, assumiram e acreditaram no que ensinavam com

98 Lendário taumaturgo.

base no fundamento *a priori* de que não eram fruto de opiniões falsas.

139 Daí Eurito, o crotoniata, discípulo de Filolau, dizer que um pastor que alimentava suas ovelhas perto do túmulo de Filolau ouviu alguém cantando. Mas a pessoa a quem isto foi relacionado não contestou de forma alguma, apenas perguntou que tipo de harmonia era. O próprio Pitágoras também, sendo questionado por uma certa pessoa sobre o significado da conversa com seu falecido pai durante o sono, respondeu que não significava nada. Pois nada é pressagiado por você falar comigo, disse ele. De modo que ante todas as coisas dessa ordem ninguém se considera ingênuo, apenas os que acreditam nelas, porque para a divindade não há possível ou impossível, como creem os instruídos, senão que tudo é possível. Eis o início dos versos, que os pitagóricos atribuem a Lino[99], embora não se saiba que sejam seus:

É necessário esperar tudo, porque não há nada isento de esperança.
É fácil para a divindade levar tudo a termo; nada lhe é impossível.

140 Acreditavam que a confiança nas suas doutrinas vinha do fato de que o primeiro que falou dele, não foi um qualquer, mas a divindade. E uma das sentenças orais era: "Quem é Pitágoras?", pois dizem que era Apolo Hiperbóreo. E como prova disso aduziam que, quando se ergueu em um certame, se viu sua coxa de ouro e que abraçou Abáris e tomou seu dardo com o qual foi guiado.

141 Diz-se que Abáris venho dos hiperbóreos, recolhendo ouro para o templo e predizendo uma peste. Alojou-se nos templos e jamais se viu beber ou comer alguma coisa. Também se diz que em Lacedemônia fez uns sacrifícios de exorcismo preventivo, e por esse motivo jamais aconteceu, em seguida, uma peste no lugar. Pi-

99 Mítico poeta, como Orfeu. Personagem que aparece na tradição, sob diversos aspectos. Por um lado, figura como filho de Apolo e Psamate. Às vezes, é relacionado com a música ou figura como mestre de Héracles.

tágoras fez com que esse Abáris o reconhecesse como mestre, apanhando o dardo de ouro que possuía, sem o qual não conseguia encontrar o caminho.

142 Em Metaponto, quando alguns queriam tomar uma carga que estava em um barco que se aproximava, disse: "Certamente, um cadáver estará entre vós". E a nave apareceu com um morto. Também Síbaris pegou uma perigosa serpente venenosa e a expulsou, como fez com uma pequena serpente de Tirrênia, que causava a morte com sua picada. Em Crotona, segundo dizem, acalmou uma águia branca sem que esta lhe opusesse resistência. E com alguém que queria ridicularizá-lo se negou a falar até que surgisse algum sinal, e depois apareceu em Caulônia a ursa branca. E ele mesmo previu a morte de seu filho a alguém que ia a comunicar.

143 E o fez se lembrar de Mílias de Crotona que havia sido Midas o filho de Górdias, e Mílias se encaminhou à terra firme para realizar o que Pitágoras o havia recomendado em relação à tumba. Dizem também que o que comprou a casa de Pitágoras e à escavou não se atreveu a contar nada o que viu, e por roubar em Crotona, os lugares sagrados, foi preso e executado. Pois foi visto pegando a barba de ouro que havia caído de uma estátua. Estas coisas pois e outras mais do estilo dizem os pitagóricos para ganhar confiança. Como este relatos são aceitos e é impossível que tratem de uma só pessoa, acreditam, por conseguinte, que Pitágoras deveria ser recebido como se referindo não a um mero homem, mas a um sobre humano.

144 Isso é também o que sua máxima significa, que *"homem e pássaro são bípedes, mas há um terceiro"* referindo-se assim a Pitágoras. Tal, portanto, por causa de sua piedade, foi Pitágoras; e tal ele era realmente considerado. Os juramentos eram religiosamente observados pelos pitagóricos, que estavam atentos a esse seu preceito:

Como devido por lei, tua homenagem presta primeiro aos deuses imortais;
Então ao teu juramento, e por último aos heróis ilustres.

Por exemplo: Um pitagórico esteve em tribunal e pediu para prestar juramento. Em vez de desobedecer a este princípio, embora o juramento fosse permitido religiosamente, preferiu pagar ao pleiteante uma multa de três talentos.

145 Pitágoras ensinava que nenhum acontecimento acontecia por acaso ou sorte, mas sim em conformidade com a providência divina, e especialmente com os homens bons e piedosos. Isso é bem ilustrado por uma história do tratado de Andrócides *Sobre Símbolos Pitagóricos*, acerca do pitagórico tarentino Timaridas. Quando este se preparava para navegar longe de seu país, seus amigos estavam todos presentes para se despedir dele e abraçá-lo. Ele já havia embarcado quando alguém gritou para ele, "Ó Timaridas, eu oro para que os deuses possam moldar todas as suas circunstâncias de acordo com seus desejos!" Mas ele respondeu, "Preveja-me coisas melhores; a saber, que o que acontecer comigo pode ser conforme à vontade dos deuses!" Pois ele achava mais sábio e prudente não resistir ou reclamar contra a providência divina. Se questionados sobre a fonte de onde estes homens derivaram tanta piedade, devemos reconhecer que a teologia dos números pitagórica foi claramente prenunciada, até certo ponto, nos escritos órficos.

146 Nem há dúvida de que quando Pitágoras compôs seu tratado *Sobre os Deuses*, ele recebeu ajuda de Orfeu[100], portanto, de fato, esse tratado teológico é de coautoria, afirmam os eruditos e fontes confiáveis pitagóricas, de Telauges; a partir dos comentários deixados pelo próprio Pitágoras a sua filha, Damo, irmã de Telauges, e que, após a sua morte, teriam sido confiados a Bitale, filha de Damo e a Telauges, filho de Pitágoras e marido de Bitale, quando atingiu a

100 O pitagorismo vem a ser uma espécie de desdobramento último do orfismo, e este, por sua vez, guarda relação com os movimentos dionisíacos arcaicos.

maioridade, pois estava, na época da morte de Pitágoras, com sua mãe Teano. Agora, a quem se pode dizer qual foi o autor do dito *Discurso Sagrado*, ou *Tratado sobre os Deuses*, que leva ambos os títulos, é Pitágoras, pois lemos: "Pitágoras, filho de Mnesarco, foi instruído no que diz respeito aos deuses quando celebrou orgias na Libetra trácia, sendo nelas iniciado por Aglaofamo; e que Orfeu, filho de Calíope, tendo aprendido a sabedoria com sua mãe na montanha Pangeu, disse que a essência eterna do número é o princípio mais providencial do universo, do céu e da terra, e da natureza intermediária; e ainda mais, que é a raiz da permanência das naturezas divinas, dos deuses e das divindades".

147 Disto é evidente que ele aprendeu com os escritores órficos que a essência dos deuses é definida pelo número. Através dos mesmos números também, ele produziu um maravilhoso prognóstico e adoração aos deuses, ambos particularmente de acordo com os números. Como a convicção é melhor produzida por um fato objetivo, o princípio acima pode ser provado da seguinte forma. Quando Abáris realizava ritos sagrados de acordo com seus costumes, ele adquiria uma presciência dos acontecimentos, que é cuidadosamente cultivada por todos os bárbaros, sacrificando animais, especialmente pássaros; pois pensam que as entranhas desses animais são particularmente adaptadas para este fim. Pitágoras, porém, não querendo suprimir a sua ardente busca pela verdade, mas sim guiá-la por um caminho mais seguro, sem sangue e sem matança, e também porque pensava que um galo era sagrado ao Sol, obteve um consumado conhecimento de "toda a verdade", através da ciência aritmética.

148 Da piedade, também, ele derivou a fé em relação aos deuses. Pois Pitágoras sempre insistiu que nada de maravilhoso a respeito dos deuses ou dos ensinamentos divinos deveria ser desacreditado, na medida em que os deuses são competentes para efetuar

qualquer coisa. Mas os ensinamentos divinos em que devemos acreditar são aqueles transmitidos por Pitágoras. Assim pois, confiavam, aceitavam e respeitavam o que acreditavam, de modo que Eurito, discípulo de Filolau, quando um pastor lhe contou que a melodia que havia escutado era da voz de Filolau que saia da tumba, onde estava morto há anos, lhe disse: "E, pelos deuses, qual harmonia era?"

149 Pitágoras usava roupas e colchas brancas limpas de linho, evitando as de lã. Esse costume ele impôs aos seus discípulos. Ao falar de naturezas superiores, ele usava denominações honrosas e palavras de bom presságio, em todas as ocasiões mencionando e reverenciando os deuses; assim, durante a ceia, ele realizou libações às divindades, e ensinou seus discípulos, diariamente, a celebrar os seres sobre-humanos com hinos. Ele prestava atenção da mesma forma a rumores e presságios, profecias e sortes, e em suma, a todas as circunstâncias inesperadas.

150 Além disso, ele sacrificou aos deuses com painço, bolos, favos de mel e incenso. Mas ele não sacrificava animais, nem qualquer um dos filósofos contemplativos. Seus outros discípulos, porém, os acusmáticos e os políticos, foram por ele ordenados a sacrificar animais como um galo, ou um cordeiro, ou algum outro animal jovem, mas não com frequência; mas eram proibidos de sacrificar bois. Outra indicação da honra que prestou aos deuses foi o seu ensinamento de que os seus discípulos nunca deveriam usar inutilmente os nomes das divindades ao praguejar. Por exemplo, Silo, um dos pitagóricos crotoniatas, pagou uma multa em vez de jurar, embora pudesse ter feito isso sem violar a verdade. Assim como os pitagóricos se abstiveram de usar os nomes dos deuses, também, por reverência, não quiseram nomear Pitágoras, indicando aquele a quem queriam dizer com a invenção da *tetraktys*. Essa é a forma de juramento atribuída a eles:

Juro pelo descobridor da tetraktys*, que é a fonte de toda nossa sabedoria;*
A fonte perene e raiz da Natureza.

151 Em suma, Pitágoras imitou o modo órfico de escrita, e a disposição piedosa, a forma como honravam os deuses que representavam; são imagens e em latão que não se assemelham à nossa forma humana, mas sim ao receptáculo divino da esfera, porque compreendem e fornecem todas as coisas, sendo de natureza e forma semelhantes ao Todo. Mas a sua filosofia e culto divinos eram compostos, tendo aprendido muito com os seguidores órficos, mas muito também com os sacerdotes egípcios, os caldeus e os magos, os mistérios de Elêusis, Imbros, Samotrácia e Lemnos e até mesmo dos celtas e ibéricos.

152 Diz-se também que o *Discurso Sagrado* de Pitágoras era corrente entre os latinos[101], não sendo lido para ou por todos, mas apenas por aqueles que estão dispostos a aprender, o que há de melhor, evitando tudo o que é vil. Ordenou que as libações fossem feitas três vezes, observando que Apolo entregava oráculos do tripé, sendo a tríade o primeiro número. Os sacrifícios a Afrodite deveriam ser feitos no sexto dia, porque este número é o primeiro a participar de todos os números e quando dividido de todas as formas possíveis, recebe a potência dos números subtraídos e dos que restam. Os sacrifícios a Héracles, porém, deveriam ser feitos no oitavo dia do mês, comemorando seu nascimento no sétimo mês.

153 Ele ordenou que entrassem em um templo somente vestidos com uma roupa limpa, com a qual ninguém tivesse dormido; porque o sono, assim como o preto e o vermelho, indica lentidão, enquanto a limpeza é sinal de igualdade e justiça no raciocínio. Se fosse encontrado sangue derramado de um homicídio involuntário em um templo, deveria ser feita uma lustração, seja em um vaso de ouro, ou com água do mar; o ouro é a mais bela de todas as coisas e

101 É possível que o rei de Roma, Numa, tenha sido um pitagórico.

a medida de troca de todo restante; enquanto a última derivou do princípio da umidade, do alimento da primeira e mais comum matéria. Além disso, as crianças não devem nascer em um templo; onde a parte divina da alma não deveria ser ligada ao corpo.

154 Em dia de festa, não se deve cortar o cabelo, nem cortar as unhas; já que seria indigno perturbar o culto aos deuses, para atender o nosso próprio capricho. Nem os piolhos devem ser mortos em um templo, pois o poder divino não deve participar de nada supérfluo ou degradante. Os deuses deveriam ser honrados com cedro, louro, cipreste, carvalho e murta; nem se deve purificar o corpo com estes, nem nenhum deles ser cortado com os dentes. Ordenou também que o alimento fervido não fosse assado, significando assim que a mansidão não precisa de raiva. Os corpos dos mortos ele não permitia que fossem queimados, seguindo aqui os magos, não querendo que algo tão divino como o fogo se misturasse com a natureza mortal.

155 Ele considerava sagrado os mortos serem carregados com roupas brancas; prefigurando assim obscuramente a natureza simples e primeira, segundo o número e o princípio de todas as coisas. Acima de tudo, ele ordenou que o juramento fosse prestado religiosamente; pois o futuro é longo, mas nada é longe para os deuses. Ele ensinou que era muito mais santo ser um homem que sofre uma injúria do que matar um outro; pois o julgamento é pronunciado no Hades, onde a alma e sua essência, e a primeira natureza das coisas são avaliadas corretamente. Ele condenou que os caixões fossem feitos de cipreste, seja porque o cetro de Zeus era feito dessa madeira, seja por algum outro motivo místico. Libações deveriam ser realizadas diante do altar de Zeus, o salvador, de Héracles e dos Dióscuros; celebrando Zeus como autor e líder da refeição; Héracles como o poder da natureza, e os Dióscuros, como a harmonia universal.

156 As libações não devem ser oferecidas com os olhos fechados, pois nada de bonito deve ser feito com timidez e vergonha. Quando trovejasse, dever-se-ia tocar a terra, em memória da geração das coisas. Os templos devem ser acessados pelos lados à direita; e sua saída pela passagem à esquerda; pois a direita é o princípio do que é chamado de número ímpar, divino; enquanto a esquerda simboliza o número par e a dissolução. Essas são muitas das injunções que ele teria adotado na busca da piedade. Outros detalhes que foram omitidos podem ser inferidos do que foi apresentado. Daí, a matéria se esgota.

XXIX Máximas e Conhecimentos

157 Os comentários dos Pitagóricos expressam melhor sua sabedoria; são precisos, concisos, saboreiam a antiga elegância do estilo e deduzem as conclusões com primor. Contêm as concepções mais condensadas, e são diversificadas em forma e matéria. São precisos e eloquentes, repletos de argumentos claros e indubitáveis, acompanhados de demonstração científica, em forma dedutiva; como de fato descobre qualquer leitor atento. Em seus escritos, Pitágoras, a partir de uma fonte suprema, entrega a ciência das naturezas inteligíveis e divina.

158 Depois ensina toda a física, desdobrando completamente a ética e a lógica. Em seguida, vêm diversas teorias matemáticas e outras ciências excelentes. Não há nada relativo ao conhecimento humano que não seja discutido nestes escritos abrangentes. Se, portanto, for reconhecido que dos escritos pitagóricos que agora estão em circulação, alguns foram temas do próprio Pitágoras, enquanto outros consistem no que ele disse, e por isso são anônimos, embora de origem pitagórica; - se tudo isso for verdade, é evidente que ele era conhecedor hábil em toda a sabedoria. Diz-se que enquanto esteve no Egito se dedicou muito à geometria. Pois a vida egípcia está cheia de projetos geométricos; desde períodos remotos, quando se

dizia fabulosamente que os deuses provocavam no Egito, a subida e descida do Nilo, foram obrigados a medir todas as terras que cultivavam; de onde de fato o nome da ciência, geometria, foi derivado. Além disso, os egípcios estudavam as teorias dos fenômenos celestes, nas quais Pitágoras também era especialista. Todos os teoremas sobre linhas parecem ter sido derivados daquele país. Tudo o que diz respeito a números e cálculo foi descoberto na Fenícia. Os teoremas sobre os corpos celestes foram, por alguns, referidos aos egípcios e aos caldeus em conjunto.

159 Tudo o que Pitágoras recebeu, no entanto, ele desenvolveu ainda mais, organizou-os para os alunos e demonstrou-os pessoalmente com perspicuidade e elegância. Ele foi o primeiro a dar um nome à filosofia, descrevendo-a como um desejo e amor pela sabedoria, que mais tarde ele definiu como a ciência da verdade dos seres. Seres que ele definiu como naturezas imateriais e eternas, os únicos possuidores de um poder eficaz, assim como as essências incorpóreas. O resto das coisas são seres apenas em nome, e considerados assim apenas através da participação de seres reais; tais são as formas corporais e materiais, que surgem e decaem sem nunca existirem verdadeiramente. Agora a sabedoria é a ciência das coisas que são verdadeiramente seres; mas não das meras entidades figurativas. As naturezas corpóreas não são objetos da ciência, nem admitem um conhecimento estável, pois são infinitas, e incompreensíveis para a ciência, e quando comparadas com os universais assemelham-se a não-seres, e são, num sentido genuíno, indefiníveis.

160 Na verdade, é impossível conceber que deva haver uma ciência das coisas que não são naturalmente os objetos de conhecimento; nem uma ciência de coisas inexistentes poderia ser atraente para ninguém. Muito mais desejáveis são as coisas genuínas, existindo em permanência invariável e sempre respondendo à sua descrição. A percepção dos objetos que existem apenas com o mesmo

nome, nunca é o que parecem ser, segue a apreensão dos seres reais, tal como o conhecimento dos particulares é posterior à ciência dos universais. Pois, como disse Arquitas, "quem conhece adequadamente os universais, terá também uma percepção clara da natureza dos particulares", É por isso que os seres não são únicos, singulares, nem simples, mas vários e multiformes. Os seres genuínos são de naturezas inteligíveis e incorpóreas, enquanto outros são corpóreos, enquadrando-se na percepção dos sentidos, comunicam-se com o que realmente existe apenas pela participação.

161 A respeito de tudo isso, Pitágoras formou as ciências mais apropriadas, não deixando nada sem investigação. Além disso, desenvolveu as ciências mestras do método, comuns a todas elas, como a demonstração, as definições e a análise, como se pode depreender dos comentários pitagóricos. Para seus íntimos, ele costumava proferir sentenças simbolicamente oraculares, nas quais o menor número de palavras estava prenhe do mais diversificado significado, não muito diferente de certos oráculos do Apolo Pítio, ou como a própria natureza em minúsculas sementes, as primeiras exibindo concepções, e os últimos efeitos são inúmeros e difíceis de entender.

162 Tal como a máxima do próprio Pitágoras: *"O princípio é a metade do todo".* Nesta e em declarações semelhantes o mais divino Pitágoras escondeu as centelhas da verdade, como num tesouro, para aqueles capazes de serem acesos por isso. Nestes breves enunciados depositou uma extensa teoria, mais ampla e difícil de apreender, como na máxima, *"tudo corresponde ao número",* que ele repetia frequentemente aos seus discípulos. Uma outra era, "amizade é igualdade; igualdade é amizade." Em denominações isoladas, como "cosmos", ou "essência", ou, "filosofia". Ou ainda, *"tetraktys*!" Todas essas e muitas outras invenções semelhantes foram criadas por Pitágoras para o benefício e a melhoria de seus associados; e

por aqueles que os entendiam eram considerados tão dignos de veneração, e tão divinamente inspirados, que os que conviviam com ele faziam este juramento[102]:

Juro pelo descobridor da tetraktys*, que é a fonte de toda a nossa sabedoria;*
A fonte eterna e raiz da natureza.

Essa era a forma de sua tão admirável sabedoria.

163 Das ciências homenageadas pelos pitagóricos, não menos importantes foram a música, a medicina e a adivinhação. Eram silenciosos e propensos a escutar, e entre eles era especialmente valorizado o que era capaz de escutar. Na medicina, a parte mais enfatizada foi a dieta; e eles foram muito rigorosos em seu exercício. Primeiro, procuraram entender os sintomas físicos da moderação da bebida, alimentação e repouso. Em segundo lugar, foram quase os primeiros a prestar atenção à preparação de alimentos e a descrever os seus métodos. Com mais frequência do que os seus antecessores, os pitagóricos usavam cataplasmas, embora desaprovassem mais as pomadas medicamentosas, que limitavam principalmente à cura de ulcerações. A maioria desaprovava cortes e cauterizações.

164 Algumas doenças que eles curaram através de encantamentos. A música, se usada de maneira adequada, era considerada por Pitágoras de grande contribuição para a saúde. Os pitagóricos também empregaram sentenças selecionadas de Homero e Hesíodo para a correção das almas.

Acreditavam que eles deveriam reter e preservar na memória o que aprenderam e ouviram. Na verdade, esta capacidade de aprender e de lembrar determinou a quantidade de disciplinas e

102 Juravam os pitagóricos pelo autor que descobriu a *tetraktys*, a série dos quatro primeiros números, sem nomear expressamente a Pitágoras. O juramento se atribuía a Empédocles, ainda que também se diz de Lísis, o discípulo que imediatamente sucedeu a Pitágoras. O juramento se encontra nos versos áureos que resumem a doutrina moral de Pitágoras. É válido também lembrar a harmonia musical e a relação do juramento com os versos áureos.

palestras, na medida em que aprender é o poder pelo qual o conhecimento é obtido, e lembrar aquele pelo qual ele é preservado. Portanto, a memória foi muito honrada, abundantemente exercitada e recebeu muita atenção. Também no aprendizado entendia-se que eles não deveriam descartar o que lhes foi ensinado, até que seus primeiros rudimentos tivessem sido inteiramente dominados. Este era o método deles para relembrar o que ouviam diariamente.

165 Nenhum pitagórico se levantava da cama antes de se lembrar dos acontecimentos do dia anterior; e conseguia isso tentando lembrar o que primeiro disse, ou ouviu, ou ordenou que seus domésticos fizessem antes de se levantar; ou qual foi a segunda ou terceira coisa que ele disse, ouviu ou ordenou. O mesmo método era empregado no resto do dia. Ele tentava lembrar a identidade da primeira pessoa que conheceu ao sair de casa, e quem foi a segunda; e com quem ele havia falado em primeiro, segundo ou terceiro lugar. Assim também fazia com o restante, procurando resumir na memória todos os tratos do dia inteiro, e na mesma ordem em que cada um deles ocorreu. Se, no entanto, depois de se levantarem houvesse tempo suficiente para fazê-lo, os pitagóricos relembraram anteontem.

166 Assim fizeram questão de exercitar a memória de forma sistemática; considerando que a capacidade de lembrar era mais importante para a experiência, a ciência e a sabedoria. A escola pitagórica encheu a Itália de filósofos; e este lugar que antes era desconhecido, foi mais tarde, por conta de Pitágoras, chamado de Magna Grécia, que ficou mais famosa por seus filósofos, poetas e legisladores. Com efeito, as artes retóricas, os raciocínios demonstrativos e a legislação foram inteiramente transferidos para a Hélade. Quanto à física, podemos citar os principais físicos, Empédocles e o eleata Parmênides. Quanto às máximas éticas, são devidas a Epicarmo[103],

103 Comediógrafo siciliano do século V a. C.

cujas concepções são utilizadas por todos os filósofos. Isso no que diz respeito à sabedoria de Pitágoras, como em certo aspecto ele impeliu todos os seus ouvintes a sua busca, na medida em que estavam adaptados à sua participação, e quão perfeitamente ele se empenhava.

XXX Justiça e Política

167 Quanto à justiça, entenderemos melhor como a praticou e transmitiu à humanidade, primeiro considerando sua origem e os motivos que causam a injustiça. O que nos mostrará como ele a evitou e quais métodos adotou para fazer a justiça prosperar em sua alma. O princípio da justiça é a cooperação e a igualdade, através das quais, se participa de uma forma que se aproxima mais da união do corpo e da alma, todos os homens se tornam cooperativos e distinguem o meu do teu, como também testemunha Platão[104], que aprendeu isso com Pitágoras.

168 Pitágoras fez isso da melhor maneira possível, retirando da vida em comum tudo o que era privado, enquanto fomentava tudo o que era comum, na medida em que as posses últimas, que afinal eram as causas da desordem e da sedição entre seus discípulos, tudo era partilhado com todos, ninguém possuindo nada em particular. Ele mesmo foi quem mais participou desta comunhão e fez uso dos bens comuns da maneira mais justa; mas os discípulos que mudavam de ideia recebiam de volta a sua contribuição original, com um acréscimo, e se retiravam. Assim, Pitágoras estabeleceu a justiça da melhor maneira possível, começando pelo seu primeiro princípio. Em segundo lugar, a justiça é introduzida pela relação familiar com outras pessoas, enquanto a injustiça é produzida pela insociabilidade e negligência de sua linhagem comum com as outras pessoas. Desejando, portanto, difundir ao máximo esta soci-

104 Confira PLATÃO, *República*. 463b e ss.

abilidade entre os homens, ordenou aos seus discípulos que a estendessem aos animais mais afins, considerando-os como seus íntimos e amigos, o que proibiria ferir, matar ou comer qualquer um deles.

169 Aquele que reconhece a comunidade dos elementos e da vida entre homens e animais estabelecerá, em grau muito maior, comunhão com aqueles que compartilham uma alma racional e semelhante. Isso também mostra que Pitágoras impulsionou a justiça a partir de um princípio fundamental. Como a falta de dinheiro muitas vezes obriga os homens a agir de forma contrária à justiça, ele tentou evitar isso praticando uma economia tal que suas despesas necessárias pudessem ser generosas, e ainda assim manter uma suficiência justa. Pois desse modo, como as cidades são compostas de lares, a organização dos cuidados domésticos é o princípio de toda boa ordem nas cidades.

170 Por exemplo, dizia-se que ele próprio era herdeiro da propriedade de Alceu - que faleceu após completar uma embaixada na Lacedemônia; mas que a despeito disso era admirado tanto pela sua economia como pela sua filosofia. Também em seu casamento, educou de tal maneira a filha que lhe nasceu, e que depois se casou com o crotoniata Meno, que quando solteira ela foi líder do coro, enquanto como esposa ocupou o primeiro lugar entre aquelas que adoravam nos altares. Diz-se também que os metapontinos preservaram a memória de Pitágoras, transformando a sua casa num templo de Ceres, e a rua onde vivia num museu.

171 Como a injustiça também resulta frequentemente da insolência, do luxo e da ilegalidade, ele exortava diariamente os seus discípulos a apoiarem as leis e a combaterem a ilegalidade. Ele considerava a moleza o primeiro mal que costuma invadir casas e cidades; o segundo, a soberba, e em terceiro o luxo. A preguiça, portanto, deveria ser excluída e expulsa por todos os meios possíveis; e

que desde o nascimento os homens deveriam estar acostumados a viver com moderação e de maneira viril. Ele também acrescentou a necessidade de purificação da maledicência, seja ela uma lamentação ou provocativa, injuriosa, insolente ou obscena.

172 Ao lado desta justiça domiciliar, acrescentou outra e da mais bela espécie, a legislativa, que tanto ordena o que fazer como o que não fazer. A justiça legislativa é mais bela que a criminal, assemelha-se ao remédio que cura os enfermos, mas diferente por ser preventiva, planejando de longe a saúde da alma. É por isso que os melhores legisladores se formaram na escola de Pitágoras: primeiro, Carondas, o cataneu, depois Zaleuco e Timarato, que legislaram para os lócridas. Ao lado deles estavam Teeteto e Helicão, Aristócrates e Fítias, que legislaram para Régio. Tudo isto suscitou nos cidadãos honras comparáveis às oferecidas às divindades.

173 Pois Pitágoras não agiu como Heráclito, que concordou em escrever leis para os efésios, mas também acrescentou petulantemente que nessas leis ordenaria que os cidadãos se enforcassem. As leis que Pitágoras se empenhou em estabelecer eram benevolentes e sábias. Nem precisamos nos admirar apenas desses legisladores que tiveram uma educação de homem livre. Pitágoras teve um escravo chamado Zamolxis, vindo da Trácia. Depois de ouvir os discursos de Pitágoras, e obter a liberdade, regressou aos getas, e ali, como já foi mencionado no início desta obra, exortou os cidadãos à coragem, persuadindo-os de que a alma é imortal. Tanto é que ainda hoje todos os gálatas e tralianos, e muitos outros bárbaros, convencem os seus filhos de que a alma não pode ser destruída, mas sobrevive à morte, para que eles não sejam temerosos, e que o perigo comum deva ser enfrentado com uma mente firme e viril. Por instruir os getas nessas coisas, e por ter escrito leis para eles, Zamolxis foi por eles considerado o maior dos deuses.

174 Além disso, Pitágoras concebeu que a hierarquia das divindades era muito eficaz para estabelecer a justiça; e deste princípio ele deduziu um sistema político completo, leis particulares e um princípio de justiça. Assim, sua teologia básica era que deveríamos perceber a existência de Deus, e que sua disposição para com a raça humana é tal que ele a inspeciona e não a negligencia. Tal teologia foi muito útil: pois necessitamos de uma autoridade à qual não estaríamos dispostos a resistir, tal como o governo fiscalizador da divindade, pois se a natureza divina é desta natureza, ela merece o império do universo. Pois os pitagóricos corretamente ensinaram que o homem é um animal naturalmente soberbo e mutável pelos impulsos, desejos e paixões. Ele requer, portanto, um governo fiscalizador extraordinário deste tipo, que pode produzir alguma moderação e ordem.

175 Eles, portanto, pensaram que qualquer um que reconhecesse sua inconstância nunca deveria se esquecer da piedade e da adoração à divindade, que vigiavam a conduta humana. Depois dos deuses e dos espíritos divinos, eles consagram a maior parte da discussão aos pais e à lei, e dizem que é a ambos que devemos obedecer, não por fingimento, mas com convicção. Em geral, pensavam que é nosso dever acreditar que não há mal maior que a anarquia, pois não é da natureza humana aceitar sobreviver sem um guia.

176 Os pitagóricos aconselhavam que a cidade se mantivesse fiel aos seus costumes e leis ancestrais, mesmo que fossem inferiores a outras legislações. Pois não há vantagem e não é saudável, fugir das leis vigentes, e privar com inovações. Pitágoras, portanto, para evidenciar que sua vida estava em conformidade com suas doutrinas deu muitos outros exemplos de piedade aos deuses. Pode ser conveniente mencionar um destes, como exemplo dos restantes.

177 Vou relatar o que Pitágoras disse e fez em relação à embaixada de Síbaris à Crotona, sobre o retorno dos seus exilados. Por ordem dos embaixadores, alguns dos seus companheiros haviam sido assassinados, uma parte deles, por um dos embaixadores que estavam presentes, enquanto outro era filho de um dos que provocaram a sedição, e tinha morrido de doença. Quando os crotoniatas estavam, portanto, deliberando como deveriam agir neste caso, Pitágoras disse aos seus discípulos que estava descontente com o fato dos crotoniatas estarem tão em desacordo com o acontecimento, e que, em sua opinião, os embaixadores não deveriam nem mesmo ser autorizados a liderar vítimas para o altar, e muito menos arrastar de lá os suplicantes expulsos[105]. Quando os sibaritas vieram até ele com suas queixas e o homem que havia matado alguns de seus discípulos com as próprias mãos defendendo sua conduta, Pitágoras declarou que não haveria oráculo para um assassino. Outro embaixador acusou-o de afirmar que era Apolo, porque quando no passado alguém lhe perguntou sobre determinado assunto, porque é que a coisa era assim; e ele respondeu: "Se acharia sensato, quando Apolo lhe entregava oráculos, perguntar a Apolo - por que ele fez isso?"

178 Outro dos embaixadores ridicularizou a sua escola, onde ensinava o regresso das almas a este mundo dizendo que, quando Pitágoras estivesse prestes a descer ao Hades, o embaixador daria a ele uma carta para seu pai, e implorava-lhe que trouxesse de volta uma resposta, quando ele retornasse. Pitágoras respondeu que não desceria à morada dos ímpios, onde sabia claramente que os assassinos eram punidos. Como então o resto dos embaixadores o insul-

---

105 Em 510 a.C., Crotona esteve envolvida em uma guerra contra Síbaris, da qual saiu vencedora. Este caso parece que teve lugar no ano desse conflito, quando assumiu o poder, em Síbaris, Telis, apoiado por facções populares. Os exilados em Crotona eram aristocratas. Eles haviam sido recebidos como suplicantes nos altares, para salvarem suas vidas.

tou, Pitágoras, seguido por muita gente, foi até a praia e aspergiu-se com água. Depois de insultar os restantes embaixadores, um dos conselheiros crotoniatas observou que entendia que tinham difamado Pitágoras, quem nem mesmo a um animal se atreveria a blasfemar, tal como se os animais tivessem voltado a emitir a mesma voz que os homens, como nos relatos das antigas fábulas, dos primeiros tempos.

179 Pitágoras descobriu outro método para impedir os homens de cometerem injustiça: o medo do julgamento. Ele sabia que esse método poderia ser ensinado, e que o medo muitas vezes era capaz de infundir a aversão à injustiça. Afirmou portanto que é muito melhor ser ferido do que matar um homem; pois um julgamento é realizado no Hades, onde a alma, sua essência e a primeira natureza dos seres são avaliadas com precisão. Desejando mostrar que entre os assuntos humanos desiguais, indefinidos e não sistemáticos a igualdade, definição e simetria da justiça podem ser exercidas. Comparou a justiça a um triângulo retângulo, o único entre as formas geométricas, que, embora, tendo uma diversidade infinita de ajustes de partes realmente desiguais no comprimento dos lados, ainda tem potências iguais - o quadrado na hipotenusa é igual aos quadrados nos outros dois lados.

180 Como todas as associações implicam relações com algum próximo e, portanto, implicam justiça, os pitagóricos declararam que existiam dois tipos de associações, que diferiam: a oportunidade e a inoportuna, conforme a idade, mérito, familiaridade, filantropia e assim por diante. Por exemplo, a associação de um mais jovem com um idoso é inoportuna, enquanto a de dois jovens é oportuna.

181 Nem todo tipo de raiva, ameaça ou ousadia é inoportuna, mas é inconveniente em um jovem com relação a um homem idoso, condutas extemporâneas devem ser evitadas com cautela. O

mesmo acontece com a categoria social, pois, para um homem que atingiu a verdadeira dignidade da virtude consumada, nem a forma desenfreada de discurso, nem qualquer outra das maneiras de conduta mencionadas antes são oportunas. Não muito diferente disso foi o que ele ensinou sobre as relações com pais e benfeitores. Disse que o aproveitamento do tempo oportuno era diverso. Para aqueles que estão com raiva ou enfurecidos, alguns são tão oportunos, e alguns fora de época. A mesma distinção se verifica com desejos, impulsões e paixões, ações, disposições, associações e encontros.

182 Observou ainda que, até certo ponto, a oportunidade deve ser ensinada, e que também o inesperado pode ser analisado artificialmente; embora nenhuma das qualificações acima seja obtida quando aplicada universalmente e simplesmente. No entanto, os seus resultados são muito semelhantes aos da oportunidade, nomeadamente elegância, decoro, congruência e afins. Lembrando-nos que a unidade é o princípio do universo, sendo o seu elemento principal, o mesmo acontece na ciência, na experiência e no crescimento. No entanto, a natureza é mais honrosa em casas, cidades, acampamentos e organizações semelhantes. Enquanto nas ciências aprendemos e julgamos não por um único olhar precipitado, mas por um exame minucioso de cada detalhe.

183 Há, portanto, grave perigo de uma apreensão totalmente errada das coisas, quando o princípio foi equivocado; enquanto o verdadeiro princípio permanecer desconhecido, nenhuma conclusão consequente pode ser definitiva. A mesma situação se verifica em coisas de outro tipo[106]. Nem uma cidade nem uma casa podem ser bem organizadas, a menos que cada uma tenha um governante eficaz que governe com aceitação voluntária. Pois a cooperação é tão necessária para o governante comandar, como para o governado obedecer. Assim também deve haver uma concordância de von-

---

106 O autor refere-se duplo significado de *arché*, como "principio" e "comando" ou "governo".

tade entre professor e aluno; pois nenhum progresso satisfatório pode ser feito enquanto houver resistência de qualquer um dos lados. Desse modo, ele demonstrou a beleza de ser persuadido pelos governantes e de ser obediente aos preceptores. Isto ilustra com maior objetividade esse argumento.

184 Ferecides de Siros, tinha sido seu professor, mas então sofria do pediculose. Pitágoras, portanto, foi da Itália a Delos, para cuidar dele, cuidando dele até sua morte e realizando piedosamente todos os ritos fúnebres devidos ao seu antigo mestre. Tão diligente ele foi no desempenho de seus deveres para com aqueles de quem recebeu instrução. Pitágoras insistiu tenazmente com os seus discípulos no cumprimento de acordos mútuos. Eis outro exemplo. Lísis certa vez havia completado sua adoração no templo de Hera, e estava saindo quando se encontrou no vestíbulo com Eurífamo, o siracusano, um de seus colegas discípulos, que estava então entrando no templo. Eurífamo pediu a Lísis que esperasse por ele, até que ele também terminasse seu culto. Então, Lísis sentou-se em um assento de pedra ali situado e esperou. Eurífamo entrou, terminou seu culto, mas, absorto em algumas considerações profundas, esqueceu seu compromisso e saiu do templo por outro portão. Lísis, no entanto, continuou a esperar, sem sair do lugar, o resto daquele dia, e o dia seguinte e também a maior parte do próximo.

185 Ele poderia ter ficado lá ainda mais tempo, talvez, até que, no dia seguinte, no auditório, Eurífamo ouvira falar disso. Os companheiros de Lísis estavam sentido falta dele. Recordando-se de seu pedido, Eurífamo apressou-se a ir até Lísis, dispensou-o do compromisso, e contou-lhe a causa do seu esquecimento da seguinte forma: "Algum Deus produziu em mim esse esquecimento, para provar sua firmeza em cumprir seus compromissos."

186 Pitágoras também ordenou a abstinência de alimentos de origem animal, por vários motivos, além do principal, de levar à

pacificação. Aqueles que são treinados para abominar o abate de animais como algo iníquo e antinatural pensarão que é muito mais impróprio matar um homem ou se envolver em guerra. Pois a guerra promove a matança e a legitima, aumentando-a e fortalecendo-a. A máxima de Pitágoras "não tocar no fiel da balança" é em si uma exortação à justiça, exigindo o cultivo de tudo o que é justo, como se mostrará quando estudarmos, em outra obra, os *Símbolos Pitagóricos*. Em todas estas particularidades, portanto, Pitágoras prestou grande atenção à prática da justiça; e sua pregação aos homens, tanto em atos como em palavras.

XXXI Temperança e Autocontrole

187 A temperança é o nosso próximo tema, cultivada como foi por Pitágoras e ensinada aos seus discípulos. Já foram detalhados os preceitos comuns sobre o assunto, nos quais aprendemos que tudo que for irregular deve ser eliminado a fogo e espada. Preceito semelhante é abster-se de alimentos de origem animal, e também daqueles que possam produzir intemperança, e acalmar a vigilância e as energias genuínas dos poderes de raciocínio. Um passo adicional nessa direção é a prática de introduzir, em um banquete, comida suntuosa, só para ser logo retirada e dada aos criados, tendo sido exibida apenas para castigar os desejos. Outra era que ninguém, além das cortesãs, deveria usar ouro, nem as mulheres livres.

188 Promover a prática da taciturnidade, e até do silêncio total, com o propósito de controlar a língua. Em seguida, exercícios intensivos e contínuos das mais difíceis especulações, em prol das quais o vinho, a comida e o sono seriam minimizados. Então viria o descrédito genuíno da fama, riqueza e coisas do gênero; um respeito sincero para com aqueles a quem é devida reverência; unido a uma despretensiosa espiritualidade para com os iguais em idade, e para com os mais jovens, orientação e conselho, livre de inveja, e de tudo o que se possa deduzir da temperança.

189 A temperança dos pitagóricos, e como Pitágoras ensinou essa virtude, pode ser aprendida com o que Hipóboto e Neantes narraram de Mílias e Timica, ambos pitagóricos. Parece que Dionísio, o tirano, não conseguiu obter a amizade de nenhum dos pitagóricos, embora tenha feito todo o possível para atingir esse propósito; pois eles notaram e condenaram suas inclinações autoritárias. Ele enviou, portanto, uma tropa de trinta soldados, sob o comando de Eurímenes de Siracusa, que era irmão de Dion, através de tocaia ele esperava aproveitar a mudança habitual dos pitagóricos para capturar alguns deles; pois tinham o costume de mudar de residência nas diferentes estações do ano, e escolhiam locais adequados para tal migração.

190 Portanto, em Fanas, uma região acidentada de Tarento, por onde os pitagóricos deveriam passar, Eurímenes escondeu insidiosamente sua tropa; e quando os desavisados pitagóricos chegaram lá por volta do meio-dia, os soldados avançaram sobre eles aos gritos, à maneira dos ladrões. Perturbados e aterrorizados com um ataque tão inesperado, com o número superior de seus inimigos, os pitagóricos não passando de dez, e estando desarmados contra soldados regularmente equipados, os pitagóricos viram que seriam inevitavelmente levados cativos, então decidiram que a sua única segurança residia na fuga, o que não consideravam inadmissível à virtude. Pois eles sabiam que, de acordo com a razão correta, a fortaleza é a arte de evitar e também de resistir.

191 Desse modo, eles teriam escapado, e a perseguição teria sido abandonada pelos soldados de Eurímenes, fortemente armados, se a fuga não os tivesse levado a um campo semeado de favas, que já estava florido. Não querendo violar seu princípio de não tocar nos feijões, eles ficaram parados, e levados ao desespero, viraram-se e atacaram seus perseguidores com pedras e paus, e tudo o que encontraram em mãos, até que feriram muitos e mataram al-

guns. Mas números contados, todos os pitagóricos foram mortos pelos lanceiros, pois nenhum deles se permitiria ser levado cativo, preferindo a morte, de acordo com os ensinamentos pitagóricos.

192 Como Eurímenes e seus soldados foram enviados com o propósito expresso de levar alguns dos pitagóricos vivos para Dionísio, eles ficaram muito desanimados; e tendo jogado os cadáveres em um sepulcro comum e empilhado terra sobre ele, eles voltaram para casa. Mas quando regressavam encontraram dois pitagóricos que ficaram para trás. Mílias, o crotoniata, e sua esposa lacedemônia Timica, que não conseguia acompanhar os outros, estando no sexto mês de gravidez. Estes, portanto, os soldados os fizeram cativos de bom grado, e conduziram ao tirano com todas as precauções, de modo a garantir a sua chegada com vida.

193 Ao saber o que havia acontecido, o tirano ficou muito desapontado e disse aos dois pitagóricos: "Vocês deverão obter de mim honras de dignidade incomum se estiverem disposto a governar em parceria comigo." Todas as suas ofertas, no entanto, foram rejeitadas por Mílias e Timica. Então ele disse, vou lhes libertar em segurança se vocês me disserem apenas uma coisa. Quando Mílias perguntou o que ele queria aprender, Dionísio falou: "Conte-me apenas porque seus companheiros escolheram morrer em vez de pisar nas favas"? Mílias respondeu imediatamente, "Meus companheiros preferiram de fato a morte a pisar nas favas; mas prefiro fazer isso do que lhe contar o motivo".

194 Espantado com esta resposta, Dionísio ordenou que ele fosse removido à força, e Timica torturada, pois pensava que uma mulher grávida, privada do marido, enfraqueceria diante dos tormentos, facilmente lhe contaria tudo o que ele queria saber. A mulher heroica, porém, mordeu a língua com os dentes até que ela se separasse e cuspiu no tirano, demonstrando assim que o membro delator deveria ser totalmente cortado, para que na fraqueza de seu

sexo, vencida pelos tormentos, não fosse obrigada a revelar algo que deveria ficar reservado, em silêncio. Tais dificuldades eles causavam à admissão de amizades externas, mesmo sendo da realeza.

195 Semelhantes a estes também eram os preceitos relativos ao silêncio, que tendiam para a prática da temperança; pois de toda a continência a subjugação da língua é a mais difícil. A mesma virtude é ilustrada por Pitágoras persuadindo os crotoniatas a abandonar todo comércio sacrílego e questionável com cortesãs. Além disso, Pitágoras restaurou a temperança de um jovem que se tornara selvagem de paixão amorosa, através da música. Exortações contra a insolência lasciva proclamavam a mesma virtude.

196 Tais coisas foram entregues aos pitagóricos pelo próprio Pitágoras, que era seu responsável. Eles cuidavam tanto do corpo que permaneciam nas mesmas condições, não sendo ora magros, ora gordos, alterações que consideravam anômalas. Também no que diz respeito à sua mente, eles conseguiram permanecer uniformemente alegres, e não hilários em um momento e, em outro, tristes, o que só poderia ser alcançado expulsando perturbações, desânimo ou raiva. Era um preceito deles que nenhuma vítima humana deveria ser surpreendida, pois por serem inteligentes, se esperaria o controle de tudo o que não pudesse ser evitado. No entanto, caso algum deles ficasse furioso ou desanimado, ele se retiraria da companhia de seus colegas e, buscando a solidão, se esforçaria para digerir e curar a paixão.

197 Dos pitagóricos também é relatado que nenhum deles punia um servo ou advertia um homem livre durante as raivas, mas esperava até que recuperasse sua habitual serenidade. Eles usaram uma palavra especial, “corrigir”[107], para significar tais repreensões autocontroladas, efetuando essa calma por meio do silêncio e da

107 Em grego, *pedartan.*

quietude. Assim Espíntaro[108] relata sobre Arquitas de Tarento, que ao retornar depois de uma campanha na guerra contra os mesápios[109], travada pelos tarentinos, a fim de inspecionar algumas terras que lhe pertenciam, e constatando que os camponeses e os demais servos não as haviam cultivado adequadamente, negligenciando muito isso, ficou furioso e tão irritado que disse a seus criados que era bom para eles que ele estivesse com raiva, pois caso contrário, eles não teriam escapado do castigo devido a uma negligência tão grande.

198 Uma anedota semelhante é relatada sobre Clínias, segundo Espíntaro; pois ele também costumava adiar todas as advertências e punições até que sua mente fosse restaurada à tranquilidade. Dos pitagóricos é ainda relatado que eles se abstiveram de toda lamentação, choro e coisas semelhantes; e que nem o ganho, o desejo, a raiva ou a ambição, ou qualquer coisa afim, jamais se tornavam causa de dissensão entre eles; todos os pitagóricos estavam dispostos uns para com os outros como pais para com os seus descendentes. Outra bela característica deles era que davam crédito a Pitágoras por tudo, dando-lhe o seu nome, não reivindicando a glória de suas próprias invenções, exceto muito raramente. Poucos são os que se conhece as suas próprias obras.

199 Admirável é também o cuidadoso sigilo com que preservaram o mistério dos seus escritos. Durante tantos séculos, antes dos tempos de Filolau, nenhum dos comentários pitagóricos apareceu publicamente. Filolau publicou pela primeira vez aqueles três célebres livros que, a pedido de Platão, Dion de Siracusa teria comprado por cem minas. Pois Filolau fora surpreendido por uma súbita e severa pobreza, e teve de capitalizar os escritos dos quais participou em de sua convivência com os pitagóricos.

---

108 Pai de Aristóxeno de Tarento, discípulo de Aristóteles.

109 Povo do sul da Itália.

200 Quanto ao valor da opinião, tais eram os seus pontos de vista. Um homem estúpido deve acatar a opinião de qualquer um, especialmente a das multidões. Apenas muito poucos estão qualificados para apreender e opinar corretamente; pois evidentemente isso se limita aos inteligentes, que são muito poucos. Para as multidões, tal qualificação, evidente, não se estende. Mas desprezar a opinião de todos também é estúpido; pois tal pessoa permaneceria sem instrução e incorrigível. O leigo deve estudar aquilo que ignora ou carece de conhecimento científico. Um aluno também deve submeter-se à opinião sábia de quem é capaz de ensinar.

201 Em geral, os jovens que desejam ser salvos devem atender às opiniões dos mais velhos, ou daqueles que viveram bem. Durante o curso da vida humana, há certas idades por eles chamadas de "distribuídas", que não podem ser conectadas pelo poder de qualquer pessoa corretamente. A menos que um homem desde o seu nascimento seja treinado em uma bela e ereta postura, essas idades se antagonizam. Uma criança bem educada, formada para a temperança e a coragem, deve dedicar grande parte da sua educação à fase da adolescência. Da mesma forma, quando o adolescente é treinado para a temperança e a fortaleza, ele deve concentrar sua educação na próxima idade que é a maioridade. Nada poderia ser mais absurdo do que a forma como o grande público trata este assunto.

202 Eles imaginam que os meninos devem ser ordeiros e moderados, abstendo-se de tudo que é incômodo ou indecorosos, mas assim que chegam à adolescência podem fazer o que quiserem. Nesta idade, portanto, existe uma combinação dos dois tipos de erros, pueris e viris. Para ser franco, evitam tudo o que exija diligência e boa ordem, ao mesmo tempo que seguem tudo o que tenha aparência de competição, intemperança e petulância, estando familiarizados apenas com assuntos de crianças. Seus desejos devem ser

orientados desde a fase infantil até a próxima etapa. Entretanto, a ambição e o resto das inclinações e desejos mais sérios e turbulentos da idade viril invadem prematuramente a juventude; por isso a adolescência exige o máximo de cuidado.

203 Em geral, nenhum homem deve ter permissão para fazer o que quiser; mas há sempre necessidade, de uma determinada fiscalização, ou de um governo legal e honesto, perante o qual cada um dos cidadãos seja responsabilizado. Pois os animais, quando abandonados a si mesmos e negligenciados, degeneram rapidamente em vício e depravação. Os pitagóricos, que não aprovavam que os homens fossem intemperantes, muitas vezes obrigavam a respostas e confundiam essas pessoas intemperantes perguntando-lhes por que os meninos geralmente são treinados para comer de maneira ordenada e moderada, sendo obrigados a aprender, que a ordem e a decência são lindas, e seus contrários, a desordem e a intemperança, são baixos, como os bêbados e os glutões são mantidos em grande reprovação. Pois, se nenhum desses hábitos temperados continuar na idade viril, seria inútil acostumar-nos, como crianças, só a tais hábitos. O mesmo argumento é válido em relação a outros bons hábitos para os quais as crianças são treinadas, uma reversão do treinamento não é vista no caso da educação de outros animais inferiores.

204 Desde o primeiro momento, um filhote e um potro são treinados e aprendem os truques que deverão exercitar quando chegarem à maturidade. O padrão mais liberal para o homem em matéria de moralidade não é portanto sustentado pelo bom senso que treina as crianças para a temperança. É geralmente relatado que os pitagóricos exortaram não apenas os seus íntimos; mas também a quem quer que encontrassem, para evitar o prazer como um perigo que exige a máxima cautela. Mais do que qualquer outra coisa esta paixão nos engana e nos induz ao erro. Eles argumentavam

que era mais sensato nunca fazer nada cujo fim fosse o prazer, cujos resultados são geralmente vergonhosos e prejudiciais. Eles afirmavam que deveríamos adotar como fim o belo, o justo e o cumprimento do dever. Só secundariamente devemos considerar o que é útil e vantajoso.

205 Nestas questões não há necessidade de cogitar considerações de acaso. Do desejo, os pitagóricos diziam o seguinte. Esse desejo em si é uma certa tendência, impulso e apetite da alma, procurando ser preenchido com algo ou desfrutar da presença de algo ou ser disposto de acordo com algum gozo sensorial. Há também desejos contrários, de evacuação e repulsão, e de acabar com alguma sensação. A paixão é múltipla e é quase a mais diferenciada das experiências humanas. No entanto, muitos desejos humanos são adquiridos artificialmente. É por isso que esta paixão exige o máximo cuidado e vigilância, e exercício físico para evitar que seja mais do que casual. Quando o corpo está vazio, desejar comida é mais do que natural; e então é igualmente natural que, quando estiver cheio, deseje uma evacuação apropriada. Mas desejar comida supérflua, ou roupas, colchas, ou residências luxuosas, é artificial. Os pitagóricos aplicaram este argumento também a móveis, louças, criados e ao gado criado para consumo.

206 Além disso, as paixões humanas nunca são permanentes, mas estão sempre mudando, infinitamente. É por isso que a educação dos jovens deve começar o mais cedo possível, para que as aspirações possam ser direcionadas para fins que são adequados, evitando aquelas que são vãs e desnecessárias, de modo a não serem perturbados e permanecerem puros de tais indesejáveis paixões; e pode desprezar aqueles que são objetos de desprezo porque estão sujeitos a desejos mutáveis. No entanto, deve-se observar que desejos insensatos, prejudiciais, supérfluos e insolentes subsistem nas almas de tais indivíduos e são os mais poderosos; pois não há nada de

tão absurdo que a alma de tais meninos, homens e mulheres não os leve a desejar realizar.

207 Na verdade, a variedade de alimentos consumidos é indescritível. Os tipos de frutas e raízes que a raça humana come são nada menos que intermináveis. Os tipos de carne consumidos são inúmeros; não há animal terrestre, aéreo ou aquático que não tenha sido comido. Além disso, na preparação destes, os artifícios utilizados são incontáveis e são temperados com múltiplas misturas de molhos. Portanto, de acordo com os movimentos da alma humana, não é mais do que natural que a raça humana seja tão variada a ponto de ser realmente insana.

208 De fato, cada tipo de alimento que é introduzido no corpo humano torna-se causa de uma determinada disposição peculiar. Quantidade é tão importante como a qualidade, pois por vezes uma ligeira alteração na quantidade produz uma grande alteração na qualidade, como acontece com o vinho. Primeiro tornando os homens mais alegres, depois mina a moral e a sanidade. Essa diferença geralmente é ignorada em coisas em que o resultado não é tão pronunciado, embora tudo o que se come seja causa de uma certa disposição particular. Daí, é necessária muita inteligência para saber e perceber que qualidade e quantidade de alimentos consumir. Esta ciência, inicialmente desenvolvida por Apolo e Peon[110], foi posteriormente desenvolvida por Asclépio[111] e seus seguidores.

209 Sobre a procriação, os pitagóricos ensinavam o seguinte. Primeiro, eles impediam a precocidade. Nem mesmo entre as plantas e os animais a precocidade é boa. Para produzir bons frutos é necessário maturação por um certo tempo para dar corpo forte e

110 Peon ou Pean é o deus "curador", nos poemas homéricos, e é também o epíteto de Apolo, com o qual se confunde, com a passagem do tempo. Posteriormente, foi superado por Asclépio, ou Esculápio, filho de Apolo.

111 O santuário de Asclépio, na ilha de Cós, foi sede da escola de Hipócrates.

perfeito aos frutos e sementes. Os rapazes e as moças devem, portanto, ser treinados para trabalhar e fazer exercício, com força, e devem comer alimentos adaptados a uma vida de trabalho e temperança, com resistência. Há muitas coisas na vida humana que é melhor aprender mais tarde na vida, e a vida sexual é uma delas.

210 É portanto aconselhável que um rapaz seja educado de modo a não iniciar relações sexuais antes dos vinte anos, e mesmo assim raramente. Isso acontecerá se ele mantiver ideais elevados de um bom hábito para o corpo. É pouco provável que a higiene corporal e a intemperança subsistam no mesmo indivíduo. Os pitagóricos elogiaram as leis helenas anteriores que proibiam relações sexuais com uma mulher que fosse mãe, filha ou irmã num templo ou outro local público. É aconselhável que existam muitos entraves à prática desta ação. Os pitagóricos proibiam totalmente as relações sexuais que não fossem naturais, ou fossem resultantes de insolência desenfreada, permitindo apenas as naturais, temperadas, que ocorrem no curso da procriação casta e pensada nos filhos.

211 Os pais devem tomar providências circunstanciais para os seus descendentes. O primeiro cuidado é uma vida sã e moderada, não se enchendo de comida fora de época, nem recorrendo a alimentos que criem maus hábitos corporais, evitando sobretudo intoxicações. Os pitagóricos pensavam que uma pessoa má, discordante e criadora de problemas produzia esperma depravado.

212 Eles insistiram que ninguém, a não ser uma pessoa indolente ou imprudente, tentaria produzir um animal e introduzi-lo na existência, sem providenciar diligentemente para ele uma entrada agradável e até elegante em seu mundo. Os amantes de cães prestam a máxima atenção à criação dos seus cachorros, sabendo que a bondade da prole depende da bondade dos pais, na época certa e no ambiente adequado. Os amantes dos pássaros não prestam menos atenção ao assunto.

213 Os criadores de animais nobres devem, portanto, por todos os meios possíveis, fazer com que os seus esforços sejam bem sucedidos e que as crias não nasçam ao acaso. É portanto absurdo que os homens não prestem atenção aos seus próprios descendentes, gerando-os casualmente e descuidadamente, e após o nascimento, alimentem-nos e eduquem-nos negligentemente. Esta é a causa mais poderosa e manifesta do vício e da depravação da maior parte da humanidade, pois a maioria empreende a procriação por impulso, como bestas. Tais eram os ensinamentos pitagóricos sobre a temperança, que defendiam com palavras e praticavam com atos. Eles os recebiam diretamente do próprio Pitágoras, como se fossem oráculos entregues pelo próprio Apolo Pítio.

XXXII Fortaleza

214 A fortaleza, tema deste capítulo, já foi ilustrada, pelo heroísmo de Timica, e daqueles pitagóricos que preferiram a morte, à transgressão da proibição de Pitágoras de tocar no feijão, e outros exemplos. O próprio Pitágoras demonstrou bravura nos atos nobres que realizou ao viajar sozinho para todos os lugares, passando por trabalhos dolorosos e sérios perigos, e ao escolher deixar seu país e viver entre estranhos. Da mesma forma, quando dissolvia tiranias, organizava comunidades confusas e emancipava cidades. Ele acabava com as ilegalidades e impedia as atividades de homens insolentes e tirânicos. Como líder, mostrou-se benigno para com os justos e brandos, mas expulsou de seu convívio os homens rudes e licenciosos, recusando-se até a respondê-los, resistindo-lhes com todas as suas forças, enquanto ajudava os primeiros.

215 Desses atos corajosos, bem como de outras ações corretas, muitos exemplos poderiam ser aduzidos; mas a maior delas é a

franqueza com que ele se expressava diante do tirano Faláris[112], o mais cruel deles, que o deteve em cativeiro. O sábio hiperbóreo Abáris o visitou, para conversar sobre muitos assuntos, especialmente os sagrados, como respeitar estátuas e cultos, a providência divina, as naturezas terrestre e celestial, e assim por diante.

216 Pitágoras, sob inspiração divina, respondia-lhe com ousadia, sinceridade e persuasão, de modo que converteu todos os ouvintes. Isso despertou a ira de Faláris contra Abáris, por elogiar Pitágoras e aumentou o ressentimento do tirano contra Pitágoras. Faláris jurou com arrogância, como era seu costume, e proferiu blasfêmias contra os próprios deuses. Abáris, no entanto, era grato a Pitágoras com quem aprendeu que todas as coisas estão dependentes e governadas pelos céus; o que ele comprovou a partir de muitas considerações, mas especialmente da eficácia dos ritos sagrados. Por lhe ensinar essas coisas, Abáris estava tão longe de pensar que Pitágoras era um enganador, que sua reverência por ele aumentou até o ponto de o considerar um Deus. Faláris tentou refutar isso desacreditando a adivinhação e negando publicamente que houvesse qualquer eficácia dos sacramentos realizados nos ritos sagrados.

217 Abáris, no entanto, orientou a controvérsia para as coisas que são consenso entre todos os homens, procurando persuadi-lo da existência de uma providência divina, a partir de circunstâncias que estão acima da influência humana, como guerras imensas, doenças incuráveis, a decadência de frutos, incursões de pestilências ou similares, difíceis de suportar e deploráveis, cuja energia benéfica purificadora dos poderes celestiais e divinos supera toda capacidade e esperanças humanos. Descaradamente e com audácia Faláris se opôs a tudo isso. Então Pitágoras, suspeitando que Faláris pretendia matá-lo, mas sabendo que ele não estava destinado a morrer em

112 Efetivamente, ficou famosa a crueldade desse tirano, que exerceu o poder em Agrigento, Sicília, até a metade do século VI a. C.

suas nas mãos, retrucou com grande liberdade de expressão. Olhando para Abáris, ele disse que dos céus para os seres aéreos e terrestres havia uma certa hierarquia descendente.

218 A partir de exemplos difundidos, ele expôs que todas as coisas seguem os céus. Então ele demonstrou a existência de um poder indiscutível da liberdade de vontade, na alma; prosseguindo mais amplamente para discutir a força perfeita da razão e do intelecto. Com a sua habitual franqueza ele até ousou debater a tirania, e todas as prerrogativas da fortuna, no que diz respeito à injustiça e à avareza humana, ensinando solidamente que tudo isto não tem valor. Em seguida, ele deu a Faláris uma advertência divina sobre a vida mais excelente, comparando-a seriamente com a mais depravada. Ele também desdobrou claramente a maneira de subsistência da alma, seus poderes e paixões; e, o que foi o mais belo de tudo, demonstrou-lhe que os deuses não são os autores dos males, que as doenças e calamidades corporais são resultados da intemperança, ao mesmo tempo criticando os poetas e mitólogos pela imprudência de muitas de suas fábulas. Depois, ele refutou diretamente Faláris, e o admoestou, mostrou-lhe com fatos o poder e a magnitude do céu, e por muitos argumentos demonstrou-lhe que a razão dita que as punições devem ser legítimas. Mostrou-lhe a diferença entre os homens e os outros animais, expondo cientificamente a diferença entre a fala interna e externa.

219 Expôs a natureza do intelecto e o conhecimento que dele deriva; com seus corolários éticos. Discursou sobre as coisas mais benéficas e úteis, acrescentando os conselhos implícitos mais brandos possíveis, acrescentando proibições do que não deveria ser feito. Mais importante de tudo, ele desdobrou-lhe a distinção entre as produções do destino e do intelecto, e a diferença entre os resultantes do destino. Argumentou sobre as divindades, e a imortalidade

da alma. Tudo isso, no entanto, pertence a algum outro capítulo, sendo o presente o tema do desenvolvimento da fortaleza.

220 Pois se, quando situado no meio das mais terríveis circunstâncias, Pitágoras filosofou com firmeza de decisão, se por todos os lados resistiu à fortuna, e a repeliu, suportando tenazmente seus ataques, empregou a maior ousadia ao discutir para com quem ameaçava sua vida, era evidente que ele desprezava inteiramente aquelas coisas geralmente consideradas terríveis, classificando-as como indignas de atenção. Se também desprezava a execução, quando esta parecia iminente, e não se comovia com a sua situação, é evidente que estava perfeitamente livre do medo da morte, e de todos os tormentos possíveis. Mas ele fez algo ainda mais nobre, provocando a dissolução da tirania, restringindo o tirano quando ele estava prestes a trazer as mais deploráveis calamidades à humanidade e libertando a Sicília do poder mais cruel e imperioso.

221 Pois foi Pitágoras quem conseguiu isso, como evidenciaram os oráculos de Apolo, que previram que o domínio de Faláris chegaria ao fim quando seus súditos se tornassem homens melhores e sociáveis; o que aconteceu na presença de Pitágoras, e por ele ter-lhes transmitido instruções e bons princípios. A melhor prova disso pode ser encontrada na época em que o fato aconteceu. No mesmo dia em que Faláris condenou Pitágoras e Abáris à morte, ele próprio foi morto por conspiradores. Outro argumento em favor disso está nas histórias de Epimênides.

222 Esse foi discípulo de Pitágoras; e quando certas pessoas planejaram matá-lo, ele invocou as Erínias e as divindades vingadoras, e assim fez com que aqueles que tentaram sua vida se destruíssem uns aos outros. Da mesma forma, Pitágoras, que ajudou a humanidade, imitando os modos e a coragem de Héracles em benefício dos homens, puniu e ocasionou a morte daquele que se comportou de forma insolente e desordenada para com os outros; e isso

através dos próprios oráculos de Apolo, à classe da qual a divindade tanto ele quanto Epimênides estavam destinados desde o nascimento. Este feito admirável e árduo foi o resultado de sua coragem.

223 Apresentaremos outro exemplo de constância dessa virtude; pois em seguida ele fez o que lhe parecia justo e ditado pela razão correta, sem se permitir ser desviado de sua intenção pelo prazer, pela paixão do trabalho ou pelo perigo. Seus discípulos também preferiram a morte à transgressão de qualquer de seus preceitos. Nessa firmeza de caráter sob as mais variadas situações. Estar envolvido em uma miríade de calamidades não poderia fazer com que eles se desviassem de suas regras. Eles nunca deixaram de exortar-se mutuamente a apoiar as leis, a enfrentar à ilegalidade desde o nascimento, a treinar-se para uma vida de temperança e fortaleza, de modo a restringir e opor-se ao luxo.

224 Também usaram certas melodias originais como remédios contra as paixões da alma; contra a lamentação e o desânimo, que Pitágoras inventou, para proporcionar o maior alívio a essas doenças. Outras melodias que empregavam contra a raiva e a fúria, através das quais podiam aumentar ou diminuir essas paixões, até reduzi-las à moderação, e conformidade com fortaleza. O pensamento que lhes proporcionou o maior apoio na resistência ampla foi a convicção de que nenhuma baixa humana deveria ser surpresa para homens de intelecto, mas que estes deveriam resignar-se a todas as vicissitudes fora do controle humano.

225 Contudo, sempre que dominados pela dor ou pela raiva, eles imediatamente abandonavam a companhia de seus colegas e, na solidão, esforçavam-se para digerir e curar a paixão opressora. Eles tomavam como certo que os estudos e as disciplinas implicavam esforço, e que deveriam enfrentar provas severas de diferentes tipos e serem contidos e punidos até com fogo e espada, de modo a exorcizar a intemperança e a ganância inatas; para esse fim, ne-

nhum trabalho ou resistência deveria ser poupado. Além do mais, para conseguir isso, eles se abstiveram sem reclamar de alimentos de origem animal e também de outras espécies. Essa também foi a causa de sua lentidão na fala e do completo silêncio, como meio para toda a subjugação da língua, que exigia o exercício de fortaleza durante um ano. Além disso, faziam uma investigação ou resolução extenuante e assídua dos teoremas mais difíceis.

226 Pelo mesmo motivo faziam a abstinência de vinho, comida, sono, e desprezavam a riqueza e a glória. Assim, por muitos meios diferentes, eles treinavam sua fortaleza. Porém, isso não é tudo. Contiveram-se em lamentações e choro. Eles se abstiveram de súplica e adulação própria de efeminados e pessoas vis. À mesma prática da fortaleza conservavam entre eles os segredos mais importantes e essenciais de sua disciplina, não escritos, preservando-os de serem divulgados a estranhos, guardando-os na memória, e transmitindo-os oralmente aos seus seguidores como se fossem os mistérios dos deuses.

227 É por isso que nada que valha a pena mencionar sobre sua filosofia jamais foi tornado público e, embora tenha sido ensinada e aprendida por muito tempo, não era conhecida fora de seus muros. Estranhos que poderiam se chamar de profano, às vezes acontecia de estarem presentes; e sob tais circunstâncias os pitagóricos se comunicavam apenas de modo enigmático, por meio de símbolos, cujo vestígio é retido pelos célebres preceitos ainda em circulação, como "o fogo não deve ser atiçado com uma espada", e outros semelhantes, que tomados literalmente, lembram conselhos de velhas; mas que, quando devidamente desdobrados, são para os ouvintes admiráveis e veneráveis.

228 O preceito que, de todos os outros, foi de maior eficácia na conquista da fortaleza é aquele que ajudou a defender e libertar dos laços vitalícios que mantêm o intelecto em cativeiro, e sem os

quais ninguém pode perceber ou aprender qualquer coisa racional ou genuína, qualquer que seja o sentido da atividade. Eles diziam: "A mente vê, a mente ouve: o resto é cego e surdo"[113]. A segunda recomendação mais eficaz é a que exorta a ser excessivamente estudioso, de purificar o intelecto, e por vários métodos adaptá-lo através de disciplinas aprendidas para receber algo divinamente benéfico, e não temer a separação do corpo, nem, quando se voltasse às naturezas incorpóreas, através de seu esplendor mais refulgente, compelido a desviar os olhos, nem se converter àquelas paixões que mantêm e até prendem a alma ao corpo, e a tornaram refratária a todas aquelas paixões que são relacionadas à procriação e degradação a um nível inferior. O treinamento de ascensão através de tudo isso é o estudo da mais perfeita fortaleza. Esses são testemunhos importantes do valor de Pitágoras e seus seguidores.

XXXIII Amizade Universal

229 A amizade de todos com todos foi claramente exposta por Pitágoras. A amizade de Deus para com os homens foi explicada por meio da piedade e do culto baseado em conhecimento; mas a dos ensinamentos uns para com os outros, em geral, da alma para o corpo, do racional para a parte irracional, através da filosofia e sua própria contemplação. Das pessoas entre si; e dos cidadãos justificou através de legislação adequada; a de estrangeiros, através da fisiologia comum dos corpos; entre homem e mulher, filhos, irmãos ou parentes através dos laços perenes da natureza. Em suma, ele ensinou a amizade de todos para todos, e ainda mais, de certos animais, através da justiça e de relações naturais convenientes. Mas a pacificação e conciliação do corpo, que é mortal, consigo mesmo, e de seus poderes imortais latentes, ele reforçou através da saúde e de

113 Famoso fragmento B12 de Epicarmo.

uma dieta temperada adequada a ela, em imitação da condição sempre saudável dos elementos cósmicos.

230 Em tudo isso, Pitágoras é reconhecido como o criador e definidor deles em um único nome, o da amizade. Tão admirável era sua amizade com seus seguidores, que mesmo agora, quando as pessoas são extremamente benevolentes mutuamente, as pessoas os chamam de "pitagóricos". Devemos portanto narrar a disciplina de Pitágoras a ela relacionada, e os preceitos que ele ensinou, aos seus discípulos. Os pitagóricos, portanto, aconselhavam a eliminação de toda rivalidade e discórdia da verdadeira camaradagem, se não de toda amizade; pelo menos, a amizade dos pais, e geralmente em toda gratidão para com os mais velhos. Combater ou lutar contra isso, por raiva ou alguma outra paixão, não é a maneira de preservar a amizade existente.

231 Cicatrizes e feridas na amizade deveriam ser as menores possíveis; e era assim que aqueles que fossem amigos saberiam dominar a sua raiva. Se é melhor quando o mais novo dos dois, e que pertence a alguma das categorias mencionadas antes, cede e domina sua cólera: a sua amizade será mais facilmente preservada. Ensinavam também que as correções e admoestações, a que chamavam *pedartaseis*, deveriam ocorrer do mais velho para o mais novo, e com muita discrição e cautela; e da mesma forma, uma atenção muito cuidadosa e ponderada deve ser manifestada nas advertências. Pois assim serão persuasivas e úteis.

232 Disseram também que a confiança nunca deve ser separada da amizade, seja a sério, seja por brincadeira. A amizade existente não pode sobreviver, quando a falsidade se insinua nos hábitos dos amigos professos. Segundo eles, a amizade não deve ser abandonada por causa de um infortúnio ou de qualquer outra vicissitude humana; a única rejeição admissível de um amigo ou amizade é resultado de um grande e incorrigível vício. O ódio não deve ser

nutrido voluntariamente contra aqueles que não são perfeitamente maus, mas uma vez formado, deve ser mantido vigorosa e firmemente, a menos que seu objeto mude sua moral, de modo a se tornar um ser melhor. Hostilidade não deve consistir em palavras, mas em ações. A guerra é louvável e legítima, quando conduzida de forma que a luta fosse corpo a corpo. Ninguém deve permitir-se ser causa de discórdia, e devemos, tanto quanto possível, evitar o seu começo.

233 Numa amizade que se pretende autêntica, a maior parte das coisas que lhe dizem respeito devem ser definidas e legítimas. E devem ser devidamente distintas e não ser ao acaso; e além disso a nossa conversa nunca deve tornar-se casual ou negligente, mas permanecer ordeira, modesta e benevolente. O mesmo acontece com as restantes paixões e disposições. Não devemos recusar amizades estrangeiras intencionalmente, mas aceitá-las e guardá-las com o maior cuidado. Que os pitagóricos preservaram a amizade entre si por muito tempo pode ser inferido do que Aristóxeno[114] em seu tratado *Sobre a Vida Pitagórica* diz ter ouvido falar de Dionísio, o tirano da Sicília, quando, tendo sido deposto, ele ensinava em Corinto.

234 Aqui, as palavras de Aristóxeno: "Tanto quanto puderam, esses homens evitaram lamentações e lágrimas, e coisas do gênero; também adulação, rogo, súplica e outras emoções. Dionísio, portanto, tendo caído de sua tirania e vindo para Corinto, contou-nos a história detalhada sobre os pitagóricos, Fíntias e Damon, que foram garantias da morte um do outro. Eis como foi: 'Alguns amigos íntimos de Dionísio mencionavam frequentemente os pitagóricos, difamando-os e injuriando-os, chamando-os de arrogantes e afir-

114 Aristóxeno estudou ritmo musical, ao lado da harmonia musical pitagórica. Conheceu os últimos pitagóricos da Magna Grécia, assim como o tirano Dionisio II, de Siracusa. Por outro lado, seu pai conheceu o célebre Arquitas de Tarento.

mando que a sua gravidade, a sua pretensa fidelidade e o seu desapego desapareceriam se caíssem em alguma calamidade.

235 'Outros contradiziam-se e como surgiram divergências sobre o assunto, decidiu-se resolver a questão através de uma intriga. Um homem acusou Fíntias - ante Dionísio - de ter conspirado com outros contra a sua vida. Testemunhas corroboraram as acusações, o que parecia provável embora Fíntias estivesse surpreso com a acusação. Quando Dionísio disse inequivocamente que tinha verificado as acusações, e que Fíntias devia morrer, este último respondeu que se Dionísio julgasse que isso era necessário, pedia o adiamento da execução, para resolver os seus assuntos. Damon e ele viviam juntos e tinham todas as coisas em comum, mas como Fíntias era o mais velho, ele se encarregava principalmente da administração dos assuntos domésticos. Ele, portanto, solicitou que Dionísio lhe permitisse partir para esse propósito, e que ele nomeasse Damon como seu fiador.

236 'Dionísio alegou surpresa com tal pedido, e perguntou-lhe se existia algum homem que fosse garantia da morte de outro. Fíntias afirmou que sim, e Damon foi chamado; e ao saber do ocorrido, concordou em se tornar o avalista, e que lá permaneceria até o retorno de Fíntias. Dionísio declarou espanto com essas circunstâncias, e aqueles que propuseram o experimento ridicularizaram Damon como aquele que seria capturado, zombando dele como o *cervo vicário*[115]; quando o pôr do sol se aproximava, Fintias voltou para enfrentar a pena; todos os presentes ficaram surpresos e admirados. Dionísio, tendo abraçado e beijado os homens, solicitou que o recebessem como um terceiro na sua amizade. Eles, no entanto, não consentiram de forma alguma com nada daquilo, embora ele os tenha implorado para que atendessem ao seu pedido'".

---

115 Como o da deusa Ártemis que substituiu, para seu sacrifício, Ifigênia, a filha de Agamenon e Clitemnestra.

237 Estas palavras são relatadas por Aristóxeno que as recebeu do próprio Dionísio. Diz-se também que os pitagóricos se esforçavam por exercer os ofícios de amizade com os de sua seita, mesmo que fossem desconhecidos e nunca se tivessem visto; ao receber indicação segura de participação nas mesmas doutrinas; para que, a julgar por tais ofícios amigáveis, possa-se acreditar, como é geralmente relatado, que homens dignos, mesmo que vivam nas partes mais remotas da terra, são amigos mútuos, e isso antes de se conhecerem, e cumprimentar uns aos outros. Reza a história que um certo pitagórico, viajando a pé por uma longa e solitária estrada, chegou a uma pousada; e ali, por esforço excessivo ou outras causas, caiu em uma doença longa e grave, a ponto de finalmente precisar buscar recursos para continuar vivendo.

238 O estalajadeiro, entretanto, seja por amizade ou benevolência, forneceu-lhe tudo o que era necessário, não poupando serviços pessoais ou despesas. Sentindo o fim próximo, o pitagórico escreveu certo símbolo em uma tabuinha, e recomendou que o estalajadeiro, em caso de sua morte, pendurasse a tabuleta perto da estrada, e observasse se algum viajante visse o símbolo. Pois essa pessoa, disse ele, vai te retribuir o que você gastou comigo e também vai te agradecer pela sua gentileza. Após a morte do pitagórico, o estalajadeiro o enterrou e assistiu às exéquias, sem qualquer expectativa de ser reembolsado, nem de receber remuneração de quem pudesse ler a tabuinha. Entretanto, impressionado com o pedido do pitagórico, foi induzido a expor o escrito na via pública. Muito tempo depois, outro pitagórico passou por ali e, ao entender o símbolo, descobriu quem havia colocado a tabuinha ali e, tendo também investigado cada detalhe, pagou ao estalajadeiro uma quantia muito maior do que ele havia desembolsado.

239 Também é relatado que Clínias de Tarento, quando soube que Proro de Cirene, que era um zeloso pitagórico, corria o risco de

perder todos os seus bens, navegou para Cirene e, tendo arrecadado uma quantia em dinheiro, restaurou os bens de Proro em condições mais vantajosas, embora com isso diminuísse sua própria riqueza e não reparasse o risco da viagem marítima. Da mesma forma, Testor de Posidônia, tendo ouvido por mero relato que o pitagórico Timáridas de Paros, de grande riqueza, havia caído na pobreza abjeta, navegou a Paros, e depois de ter coletado uma grande soma de dinheiro, recuperou as propriedades de Timáridas.

240 São belos exemplos de amizade. Mas muito mais admiráveis do que os exemplos dados foram os ensinamentos dos pitagóricos a respeito da comunhão dos bens divinos, da concordância do intelecto e de suas doutrinas sobre a alma divina. Eles sempre exortavam uns aos outros a não destruir a alma divina dentro deles. O significado de sua amizade tanto em palavras quanto em ações era um esforço para alcançar certa união divina, ou comunhão com a alma divina. Melhor que isso, seja o foi dito em palavras, ou realizado, não é possível encontrar. Pois sou de opinião que nisso consistem todos os bens da amizade. Sobre o assunto, reunimos todas as benesses da amizade pitagórica e não há nada mais a se dizer.

XXXIV Silêncio Voluntário

241 Tendo assim, de acordo com o objetivo traçado de expor Pitágoras e o pitagorismo, podemos continuar agora falando sobre pontos dispersos que não se enquadram em nenhum dos tópicos anteriores. Diz-se que cada calouro heleno chegado à comunidade era permitido falar sua língua materna, pois os helenos não aceitavam o uso de uma língua estrangeira. Estrangeiros juntos aos pitagóricos eram: messênios, lucanos, picentinos, e romanos. Metrodoro, irmão de Tirso e filho de Epicarmo, que se especializou em medicina, ao explicar os escritos do pai ao irmão, diz que Epicarmo, e antes dele Pitágoras, concordaram que o melhor dialeto, e mais

musical, era o dórico. O jônio e o eólio lembram a progressão cromática, que, entretanto, fica ainda mais evidente no ático.

242 A pronúncia das letras no dórico é harmônica, por causa de suas vogais. Os mitos também testemunham a antiguidade deste dialeto. Diz-se que Nereu se casou com Dóris, filha de Oceano; de quem teve cinquenta filhas, uma das quais mãe de Aquiles. Metrodoro também diz que alguns insistem que Heleno era filho de Deucalião, que era filho de Prometeu e Pirra, filha de Epimeteu; e de quem descendem Doro e Éolo. Além disso, ele observa que, pelos santuários da Babilônia, ele aprendeu que Heleno era descendente de Zeus e que os filhos de Heleno eram Doro, Xuto e Éolo; com o que Hesíodo também concordaria. A precisão em detalhes de relatos tão antigos é difícil para os modernos, a fim de nos permitir decidir qual deles é mais confiável.

243 Mas cada um deles afirma que o dialeto dório é o mais antigo, que o eólio, cujo nome deriva de Éolo, é o seguinte, e que o terceiro é o ático, por causa de Átis, filho de Craneu. O quarto é o jônio, derivado de Íon, filho de Xuto e Creusa, filha de Erecteu, três gerações mais nova que as demais; da época dos trácios e do rapto de Orítia, como revela a maioria dos historiadores. O dialeto dórico também foi usado pelos mais antigos dos poetas. Orfeu, o mais antigo destes, o utilizou.

244 Dizem que os pitagóricos aceitaram especialmente o sistema dietético em medicina e que foram mais rigorosos em sua aplicação, e tentaram descobrir, em primeiro lugar, a devida proporção entre a bebida, a comida e o descanso. Depois, no que diz respeito à própria preparação dos alimentos, foram pioneiros em ocuparem-se dela e regulá-la. Também os pitagóricos, em maior medida que seus predecessores, fizeram uso de cataplasmas, e não aprovavam igualmente o uso de medicamentos, e deles utilizavam especialmente os indicados para úlcera e, sobretudo, o que menos

aceitavam eram os tratamentos cirúrgicos e as cauterizações. Porém, empregavam encantamentos para algumas doenças.

245 Os pitagóricos opuseram-se àqueles que ofereciam aulas pagas, que abriam as suas almas como as portas de uma estalagem a qualquer homem que se aproximasse deles; e se assim não tivessem compradores, se espalhavam pelas cidades, a fim de, alugar ginásios, e exigirem dos jovens uma recompensa por algo que não têm preço. Pitágoras de fato escondeu o significado de muito do que disse, para que aqueles que foram genuinamente instruídos pudessem claramente participar disso; mas que outros, como diz Homero sobre Tântalo[116], ficassem aflitos com o que ouviam, por não receberem nenhum benefício com isso. Os pitagóricos pensavam que quem ensina por recompensa, se mostrava pior que os escultores, ou os artistas que executam o trabalho sentado. Para eles, quando alguém encomenda madeira para fazer uma estátua de Hermes, procura pela madeira adequada para talhar a forma correta; enquanto outros fingem que podem prontamente produzir as obras de virtude a partir de qualquer material.

246 Os pitagóricos também diziam que é mais necessário prestar atenção à filosofia do que aos pais ou à agricultura; pois, sem dúvida é devido a estes últimos que sobrevivemos, mas filósofos e preceptores são as causas de vivermos bem, e de nos tornarmos sábios, ao descobrirmos o modo correto de disciplina e instrução. Tampouco achavam adequado falar ou escrever de tal maneira que suas concepções pudessem ser óbvias para o primeiro que chegasse; pois a primeira coisa que se diz que Pitágoras ensinou é que, purificados de toda intemperança, os seus discípulos deveriam preservar em silêncio as doutrinas que ouviram. É sabido, portanto, que aquele que primeiro divulgou a teoria das quantidades comensuráveis e incomensuráveis àqueles indignos de recebê-la foi tão

116 Versos 582 e ss, do canto XI da *Odisseia*.

odiado pelos pitagóricos que eles não apenas o expulsaram de sua seita e de sua convivência, mas também lhe construíram uma tumba, como para alguém que havia migrado do humano para outra vida.

247 Também é conhecido que o poder divino ficou tão indignado com aquele que divulgou o ensinamento de Pitágoras, que ele morreu no mar, como um ímpio que divulgou o método de inscrever em uma esfera o dodecaedro, uma das cinco chamadas figuras sólidas[117], e a composição do icoságono. Mas segundo outros, foi isso que aconteceu com aquele que revelou a doutrina das quantidades racionais e incomensuráveis. Toda a pedagogia pitagórica era simbólica, lembrando enigmas e quebra-cabeças, e consistindo de máximas, no estilo arcaico. Da mesma forma, os oráculos pítios verdadeiramente divinos parecem ser um tanto difíceis de compreensão e explicação; para aqueles que recebem sem atenção as respostas dadas. Estas são as indicações sobre Pitágoras e os pitagóricos colhidas da tradição.

XXXV Ataque ao Pitagorismo

248 Houve, no entanto, certas pessoas que eram hostis aos pitagóricos e que se levantaram contra eles. Os estratagemas empregados para destruí-los, durante a ausência de Pitágoras, é universalmente reconhecido; mas os historiadores divergem no relato da jornada que ele empreendeu. Alguns dizem que ele foi para junto de Ferecides, o sírio, e outros, para Metaponto[118]. Muitas causas são

117 Para PLATÃO, *Timeu*, 53e-55c, as cinco figuras sólidas eram o cubo, a pirâmide, o dodecaedro, o octaedro e o icosaedro.

118 A partir deste capítulo, aparecem problemas cronológicos em vários aspectos que se relacionam com esta revolta civil que teve lugar contra os pitagóricos, por não haver precisão, entre os biógrafos e historiadores (às vezes, omissão), sobre os acontecimentos que aqui se narram. Por exemplo, Porfírio e Diógenes Laércio contam ambos estes acontecimentos, mas com a presença de Pitágoras, que fugiu do fogo. Porfírio, de fato, cita a Dicearco como apoio à permanência de Pitágoras

atribuídas aos complôs. Uma delas, que se originou nos homens chamados cilônios, é a seguinte: Cílon, membro de uma das antigas famílias de Crotona, era o seu cidadão mais destacado por nascimento, reputação e riqueza; mas, por outro lado, era uma pessoa de trato difícil, violento turbulento e tirânico. Seu maior desejo era partilhar do estilo de vida pitagórico e se aproximou do próprio Pitágoras, que era já ancião, mas foi rejeitado pelos motivos descritos antes.

249 Depois disso, ele e seus amigos declararam guerra à irmandade e a Pitágoras. A perseguição de Cílon e seus partidários era tão violenta e imoderada, que durou até o tempo dos últimos pitagóricos. Por causa disso, Pitágoras se mudou para Metaponto, e aí morreu segundo consta[119]. Os cilônios, como eles eram conhecidos, continuaram com suas intrigas contra os pitagóricos e a demonstrar a mais violenta inimizade. Contudo, durante algum tempo prevaleceu a probidade dos pitagóricos, com o desejo das próprias cidades em terem os seus assuntos administrados por eles. Mas, eventualmente os cilônios levaram as insídias contra eles a tal ponto que quando os pitagóricos se reuniram na casa de Milon, em Crotona, e deliberavam sobre matéria política, deitaram fogo à casa e queimaram todos eles, com exceção de dois, Arquipo e Lísis, que escaparam devido à sua juventude e vigor físico.

250 Como ninguém se importou com a calamidade, os pitagóricos abandonaram o seu envolvimento com a política, devido a

---

entre os seus, quando se produziu o ataque, o que demonstra que Iâmblico ignorava o suporte de Dicearco. E, claro está, ainda que a maioria prefira que estes acontecimentos se produziram na ausência de Pitágoras, o fato de que Iâmblico mencione dois motivos para esta ausência alimenta certa incerteza.

119 Assim, quatro circunstâncias em que teve lugar a revolta, são possíveis segundo a presença ou ausência do mestre. Pitágoras teria ficado em Crotona; teria viajado a Delos, com Ferecides; ido para Metaponto ou estava nesta mesma cidade como refugiado, onde veio a falecer.

dois motivos: a negligência das cidades e a perda dos homens mais qualificados para governar. Os dois sobreviventes eram tarentinos. Arquipo voltou para casa, mas Lísis partiu para a Hélade, magoado com a indiferença das cidades, e viveu algum tempo na Acaia, Peloponeso, mas depois mudou-se para Tebas, onde tinha um ardente desejo por sua pessoa. Lá, Epaminondas tornou-se seu discípulo e o chamava de "pai". Foi lá também que morreu. Os demais pitagóricos reuniram-se em Régio, na Itália, e aí passaram algum tempo, em convívio mútuo. Porém, com o decorrer do tempo e como a situação política havia deteriorado, abandonaram a Itália, com exceção de Arquitas de Tarento.

251 Em Régio, reuniram-se outros e passavam a vida juntos, com o tempo, os assuntos políticos foram piorando. Os mais célebres foram Fanton, Equécrates, Polimnasto, e Diócles, que eram de Fliunte; e Xenófilo calcídio da Trácia. Mas com o passar do tempo, apesar da administração dos assuntos públicos ter ido de mal a pior, estes pitagóricos preservaram, no entanto, as suas maneiras e disciplinas imaculadas; mas logo a seita começou a fracassar, até que pereceram com dignidade. É o que conta Aristóxeno. Nicômaco concorda com Aristóxeno, exceto que ele informa que a conspiração contra os pitagóricos ocorreu durante a viagem de Pitágoras a Delos.

252 De fato, seu preceptor Ferecides, o sírio, sofria de pediculose, e após sua morte Pitágoras realizou os ritos fúnebres. Então, aqueles que haviam sido rejeitados pelos pitagóricos, e aos quais foram erguidos túmulos, como se estivessem mortos, atacaram-nos e entregaram-nos todos às chamas. Depois, foram apedrejados pelos italianos que deixaram seus cadáveres insepultos. Por conseguinte, a ciência morreu no peito dos seus pesquisadores, onde era cultivada como algo místico e incomunicável. As coisas difíceis de entender, e que não eram explicadas, foram mantidas na memória da-

queles que estavam fora da seita, exceto algumas matérias, de certos pitagóricos, que naquela época estavam no exterior, como centelhas de uma ciência muito obscura e de difícil investigação.

253 Estes homens, abandonados e desanimados com esta calamidade, se espalharam em diferentes lugares, perdendo a influência pública. Eles viviam dispersos em lugares desertos, onde quer que encontrassem; cada um preferia ficar, à margem, consigo mesmo, do que com qualquer outra pessoa. Temendo, porém, que o nome da filosofia fosse totalmente extinto da humanidade, e para que, por esse motivo, incorressem na indignação dos deuses, ao perderem tão grande dádiva, eles fizeram uma coletânea de certos comentários e símbolos, reuniram os escritos dos pitagóricos mais antigos, e de tais assuntos como eles se lembravam. Essas relíquias foram deixadas por cada um, após sua morte, para seu filho, ou filha, ou esposa, com uma herança estrita que não deveria se alienar da família. Isso foi feito durante algum tempo e os legados foram transmitidos sucessivamente a seus descendentes.

254 Visto que Apolônio discorda em determinado lugar em relação a esses dados, e acrescenta muitas coisas que não mencionamos, devemos registrar seu relato da conspiração contra os pitagóricos. Ele diz que desde a infância Pitágoras despertava inveja. Tão logo ele conversasse com todos que lhe chegassem, ele agradava a todos; mas como ele restringiu suas relações a seus discípulos, a boa opinião do povo em geral sobre ele foi alterada. Eles realmente ressentiam-se que prestasse mais atenção a estranhos do que a eles mesmos; e se indignavam por preferir alguns dos seus concidadãos a outros; e eles suspeitavam que seus discípulos se reuniam com intenções hostis. Em seguida, como os jovens que se indignaram contra ele eram de alta posição, e superavam os outros em riqueza, e, quando chegavam à idade adequada, não só, ocupavam as primeiras honras em suas próprias famílias, mas também adminis-

travam os assuntos da cidade em comum; enquanto eles, que sendo mais de trezentos em número, representavam apenas uma pequena parte da cidade que não era dedicada aos mesmos hábitos e atividades que o restante da população.

255 Além disso, enquanto os crotoniatas se limitaram ao seu próprio país e Pitágoras habitou entre eles, a forma original de governo continuou; mas o povo tinha mudado e já não estava satisfeito com isso; e procuravam um pretexto para mudar sua constituição. Quando eles capturaram Síbaris e Pitágoras se retirou, a terra não foi dividida por sorteio, de acordo com o desejo da multidão, o ódio velado contra os pitagóricos explodiu, e a população os abandonou. Os líderes desta dissidência foram aqueles que estavam mais próximos dos pitagóricos, tanto por parentesco como por afinidades. Esses líderes, assim como o povo comum, ficaram ofendidos com as ações dos pitagóricos, que eram incomuns, e as pessoas interpretaram essa peculiaridade como uma rejeição de seus interesses. Nenhum dos pitagóricos chamava Pitágoras pelo seu nome. Enquanto vivo, eles se referiam a ele como o "divino", após sua morte, como "aquele homem", assim como Homero faz Eumeu referir-se a Ulisses:

A ele, estrangeiro, conquanto distante, não julgo decente só pelo nome chamar, pela grande afeição que me tinha[120].

256 De um forma conjunta[121], eles deveriam se levantar antes do nascer do sol e nunca usar um anel no qual a imagem de Deus estivesse gravada, para que essa imagem não fosse contaminada ao ser usada em funerais ou em outros lugares impuros. Eles deviam adorar o sol nascente. Pitágoras ordenou-lhes que nunca fizessem nada sem deliberação e discussão prévia; de manhã traçar um pla-

120 HOMERO. *Odisseia*, XIV, vv. 145-146.

121 Passagem repetitiva sobre o comportamento e normas de vida dos pitagóricos que está fora de lugar, no original.

no do que seria feito mais tarde, e à noite rever as ações do dia, que serviram ao duplo propósito de fortalecer a memória e considerar sua conduta. Se algum de seus associados os designasse para encontrá-los em algum lugar e hora específicos, eles deveriam permanecer lá até que ele chegasse, independente da duração do tempo, pois os pitagóricos não deveriam falar descuidadamente, mas lembrar o que foi dito e respeitar a ordem e o método.

257 Na morte, eles não deveriam blasfemar, mas morrer proferindo palavras propícias, tais como as usadas por aqueles que saem do porto para o mar Adriático. Tais coisas faziam os parentes dos pitagóricos ficarem indignados por não se associarem com mais ninguém, exceto seus pais; que compartilhavam em comum suas posses com exclusão de outros parentes, a quem tratavam como estranhos. Esses motivos pessoais transformaram a oposição geral em hostilidade. Hípaso, Diodoro e Teages uniram-se na insistência de que a assembleia e a magistratura deveriam ser abertas a todos os cidadãos e que os governantes deveriam ser responsáveis perante os representantes eleitos do povo. Isso foi contestado pelos pitagóricos Alcímaco, Dinarco, Meton e Demócedes, e se opuseram a mudanças na constituição herdada de seus antepassados. Eles foram, no entanto, derrotados e formalmente acusados em uma assembleia popular por dois oradores, o aristocrata Cílon e o plebeu Ninon.

258 Ambos planejaram seus discursos juntos, sendo o primeiro e mais longo proferido por Cílon, enquanto Ninon concluiu fingindo que havia penetrado nos mistérios pitagóricos, e que havia reunido e escrito detalhes que foram selecionados para criminalizar os pitagóricos; a um escriba ele deu para ler um livro intitulado *Discurso Sagrado*.

259 Aqui está uma amostra do seu conteúdo. Os amigos devem ser venerados da mesma maneira que os deuses; mas os outros

devem ser tratados como animais. Esse mesmo sentimento é atribuído aos próprios pitagóricos, mas em forma de verso, a saber:

Como deuses abençoados, seus amigos ele sempre reverenciou, mas considerava os outros como sem importância.

260 Pitágoras considerava que Homero merecia ser elogiado por chamar um rei de "pastor do povo"[122], o que significava a dominação da aristocracia, em que os governantes são oligarcas, enquanto o resto dos homens são como gado. Faziam guerra aos feijões, porque eles eram usados na votação; na medida em que selecionavam titulares de cargos por sorteio[123]. Governar deveria ser objeto de desejo, pois é melhor ser touro por um dia só do que ser boi a vida inteira. Embora as constituições de outros estados possam ser louváveis, ainda assim aconselhavam usar apenas aquilo que é costume deles mesmos. Resumindo, Ninon mostrou que a sua filosofia era uma conspiração contra a democracia e aconselhava o povo a não ouvir os conselheiros, que eles nunca deveriam ser admitidos na assembleia se o conselho dos pitagóricos tivesse convencido os Mil. De modo que os impedidos pelo poder dos pitagóricos, de escutar aos demais não deveriam deixar agora que eles falassem. O povo deveria lembrar-se que quando levantaram a mão direita para votar, ou mesmo contar os seus votos, esta sua mão direita foi rejeitada pelos pitagóricos. Também considerava vergonhoso que as massas crotoniatas que haviam vencido trinta mil homens, no rio Tetraente, fossem superadas por uma milésima parte do mesmo número, em sua própria cidade.

261 Com essas calúnias, Ninon exasperou tanto seus ouvintes que, poucos dias depois, uma multidão se reuniu com a intenção de atacar os pitagóricos enquanto eles faziam sacrifícios às Musas em

---

122 HOMERO. *Ilíada*, canto I v. 263.

123 Outra interpretação sobre a proibição das favas que foge ao consumo e rejeição ao contato, senão que era de fato, por causa do seu uso na assembleia para votações dos cargos públicos.

uma casa perto do templo de Apolo. Prevendo isso, os pitagóricos fugiram para uma estalagem, enquanto Demócedes com os jovens retirou-se para Plateia. Os partidários da nova constituição fizeram uma acusação contra Demócedes por incitar à tomada do poder, colocando um preço de trinta talentos pela sua cabeça, vivo ou morto. Uma batalha começou, e o vencedor, Teages, recebeu os três talentos prometidos pela cidade.

262 Os males da cidade espalharam-se por toda a região, e os exilados foram presos até em Tarento, Metaponto e Caulônia. Os enviados destas cidades que vieram à Crotona para obter as acusações foram, de acordo com o registro crotoniata, subornados, para que os acusados fossem desterrados. Os crotoniatas então expulsaram da cidade todos os que estavam insatisfeitos com o regime existente; expulsando com eles suas famílias, sob o duplo pretexto de que era uma impiedade insuportável deixar que os filhos fossem separados dos pais. Repudiaram então as dívidas, e redistribuíram suas terras.

263 Muitos anos depois, quando Dinarco e seus seguidores haviam sido mortos em outra batalha, e quando Litates, o principal líder da sedição, morreu, a pena e o arrependimento induziram os cidadãos a retirar do exílio o que restava dos pitagóricos. Eles, então, enviaram mensageiros à Acaia que deveriam chegar a um acordo com os exilados, prestando juramentos em Delfos.

264 Os pitagóricos que regressaram do exílio eram cerca de sessenta, sem falar dos idosos entre os quais estavam alguns médicos e dietistas nas linhas originais. Quando estes pitagóricos regressaram, foram recebidos pelas multidões, que silenciaram os dissidentes ao anunciarem o fim do novo regime[124]. Então, os túrios invadiram o território, e os pitagóricos foram enviados para dar aju-

124 Dizem que é desta época, que surgiu o provérbio, quando acontece - com referência aos que quebram a lei: "isto não é da época de Ninon".

da, mas morreram em batalha, defendendo-se mutuamente. A cidade tornou-se tão pitagorizada que, além do louvor público, eles realizaram um sacrifício público no templo das Musas, que havia sido originalmente construído por motivação de Pitágoras. Isso é tudo, sobre o ataque aos pitagóricos.

XXXVI A Sucessão dos Pitagóricos

265 Aristeu, filho do crotoniata Damofonte, sucedeu a Pitágoras. Era seu contemporâneo, e viveu há sete gerações antes de Platão. Foi considerado digno de dirigir a escola e a educação de seus filhos e de se casar com sua esposa, Teano, por conhecer de forma extraordinária a doutrina da seita. Pitágoras dirigiu a escola por 39 anos e vivera cerca de 100, confiou a direção a Aristeu, quando este já estava envelhecendo. Depois, ele entregou a escola ao filho de Pitágoras, Mnesarco, que por sua vez a passou para Bulágoras, no tempo em que Crotona saqueada. Após a guerra, Gartidas de Crotona, que estava ausente em viagem, durante o conflito, mas morreu prematuramente diante da desgraça que se abateu sobre a sua cidade. Deve ter sido o único que renunciou à vida por desgosto.

266 Quanto aos demais pitagóricos, quando ficavam muito velhos, não tinham outro objetivo que libertar-se de seu corpo como se fossem prisioneiros em uma cela. Tempos depois, Aresas de Lucânia, que se salvara com ajuda de forasteiros, assumiu a direção da escola; e a ele seguiu Diodoro de Áspendo[125], que foi aceito por causa do pequeno número de homens na seita. Este regressou à Hélade e divulgou as teorias pitagóricas. Desses, esforçaram-se por escrevê-las, na região de Herácleia, Clínias e Filolau; no Metaponto, Teórides e Eurito, e Arquitas, em Tarento. Epicarmo também foi um discípulo estrangeiro, mas não permaneceu entre os pitagóri-

125 Também conhecido como filósofo cínico que foi o primeiro a dobrar o manto, deixou a barba crescer e usava bastão e sacola.

cos. Quando chegou à Siracusa, deixou de filosofar por causa da tirania de Hierão. Porém, pôs em versos os pensamentos dos pitagóricos, preservando a doutrina em comédias com dogmas obscuros.

267 É provável que a maioria dos pitagóricos tenha permanecido anônima ou desconhecida. Mas os conhecidos ficaram célebres, eis os seus nomes[126]:

- Empédocles era de Agrigento;
- De Argos, Hipomedonte, Timóstenes, Eveltonte, Trasídemo, Críton e Políctor;
- Leócrito, o ateniense;
- De Cartago, eram: Milcíades, Anten, Hodio e Leócrito;
- Os cataneus eram Carondas e Lisíades;
- De Caulônia, Calímbroto, Dicon, Nastas, Drimon e Xentas;
- De Cirene, Proro, Melanipo, Aristângelo e Teodoro;
- De Cízico, Pitodoro, Hipóstenes, Butero e Xenófilo;
- Crisipo era de Corinto.
- De Crotona, Hipóstrato, Dimas, Egon, Hemon, Silo, Cleóstenes, Agelau, Epísilo, Ficiada, Ecfanto, Timeu, Buto, Erato, Itaneu, Rodipo, Brías, Evandro, Mílias, Antimedonte, Ageas, Leofron, Agilo, Onatas, Hipóstenes, Cleofron, Alcmeão[127], Damocles, Milon e Mênon;
- De Dardânia, Malião;
- Parmênides, de Eleia;

126 É possível que este catálogo tenha sido feito posteriormente e que seu autor fosse Aristóxeno. A ordem do texto original foi alterada pelos nomes das cidades e regiões, a fim de facilitar a consulta.

127 Notável discípulo de Pitágoras, médico e filósofo. Segundo Diógenes Laércio, Alcmeão escreveu um tratado desaparecido intitulado *Sobre a Natureza*, no qual reflete seu ponto de vista pitagórico, sobre a antitética dualidade e essência da alma humana. Além disso, abordava temas como a procriação, a formação de espermas e a reunião dos sentidos no cérebro.

- De Fliunte, Diócles, Equécrates, Fânton e Polimnesto;
- Abáris era hiperbóreo;
- De Lacedemônia: Autocáridas, Cleanor e Eurícrates;
- De Locri, Gítio, Xenon, Filodemo, Evetes, Eudico, Estenônidas, Sosistrato, Eutino, Zaleuco e Tímares;
- De Lucânia, Ocelo, e seu irmão Ocilo, Oresandro e Cerambo;
- No Metaponto, residiam Brontino, Parmisco, Oréstada, Leonte, Damármeno, Eneas, Quilas, Melésias, Aristeas, Lafaon, Evandro, Agesidemo, Xenócades, Eurifemo, Aristómenes, Agesarco, Alcias, Xenofantes, Traseu, Eurito, Epifron, Erisco, Megistias, Leócides, Trasímedes, Eufemo, Procles, Antímenes, Lácrito, Damótages, Pirron, Rexibio, Alopeco, Astilo, Dácidas, Halíoco, Lácrates e Glicino;
- De Paros, Aécio, Fenecles, Dexíteu, Alcímaco, Dinarco, Meton, Timeu, Timesianax, Eumero, e Timáridas;
- Do Ponto, Liramno;
- De Posidônia, Atamante, Simo, Próxeno, Cranau, Mies, Batilo, Fédon;
- De Régio, Aristides, Demóstenes, Aristócrates, Fítio, Helicão, Mnesíbulo, Hipárquides, Eutosião, Euticles, Ópsimo, Selinúncio e Calais;
- De Samos, Melisso, Lacon, Arquipo, Heloripo, Heloris, Hípon;
- De Síbaris: Metopo, Hípaso, Próxeno, Evanor, Leanate, Menestor, Diócles, Empedo, Timásio, Ptolemeu, Endio e Tirseno;
- De Sicião, Políades, Demon, Estrácio e Sóstenes;
- De Siracusa, Leptines, Fíntias e Damon;
- De Tarento eram Filolau, Eurito, Arquitas, Teodoro, Aristipo, Lícon, Hestieu, Polemarco, Asteas, Cênias, Cleon,

Eurimedonte, Arceas, Clinágoras, Arquipo, Zópiro, Eutino, Dicearco, Filônides, Frontidas, Lísis, Lisíbio, Dinócrates, Equécrates, Paction, Acusiladas, Ico, Pisícrates, Clearato, Leonteu, Frínico, Simíquias, Aristoclides, Clínias, Habróteles, Pisírrido, Brias, Elandro, Arquemaco, Mimnomaco, Acmônidas, Dicas e Carofântidas;

- Nausito de Etrúria.

Ao todo, 218. As mulheres pitagóricas mais ilustres eram:

- Timica, mulher de Mílias de Crotona;
- Filtis, filha de Teófris de Crotona, e irmã de Bindaco;
- Ocelo e Ecelo, irmãs de Ocelo e Ocilo, lucânios;
- Quilônide, filha de Quilon o lacedemônio;
- Cratesíclea da Lacedemônia, esposa de Cleanor;
- Teano, esposa de Brontino de Metaponto[128];
- Mía, a mulher de Milon de Crotona;
- Lastênia a arcadiana;
- Habrotélia, filha de Habróteles de Tarento;
- Equecrácia de Fliunte;
- Tirsenis de Síbaris;
- Pisírrode, a tarentina;
- Teadusa da Lacedemônia;
- Béo de Argos;
- Babelica, argiva;
- e Cleecma, irmã de Autocáridas, o lacedemônio.

No total, 17.

128 Pitágoras era casado com a filha de Brotino de Crotona que também se chamava Teano.

Cidades e Regiões de
Origem dos Pitagóricos
N
PONTO
CÍTIA
Cízico
Samos
DARDÂNIA
Paros
Sicião
Atenas
Argos
Corinto
Fliunte
Esparta
Cirene
ARCÁDIA
Tarento
Síbaris
Crotona
Metaponto
Caulônia
LUCÂNIA
Eleia
Locri
Régio
Posidônia
Catânia
Siracusa
Agrigento
ETRÚRIA
Cartago

FRAGMENTOS DE FILOLAU

Na era moderna, August Boeckh (1819) defendeu que todos fragmentos sobre Filolau, por ele reunidos, eram genuínos. Fato contestado por John Burnet (1920 e 1927), que, não obstante, os aceitava como indícios da profunda influência do pitagorismo sobre o pensamento da antiguidade e do helenismo, sobretudo entre os platônicos e neoplatônicos. Geoffrey S. Kirk, John E. Raven e Malcom Schofield (1983) consideram, por sua vez, alguns fragmentos filolaicos autênticos.

Apesar desse debate acadêmico, Filolau é reconhecido como o principal filósofo pitagórico da segunda metade do século quinto, antes de Cristo. Depois do banimento da escola pitagórica de Crotona, Filolau e seus companheiros se dispersaram. Foi, então, para Tebas (atual Grécia), onde lecionou até saber da condenação de Sócrates (469-399 a.C.) em Atenas. Retornou pois, para Itália, estabelecendo-se na cidade de Tarento. Lá, havia um centro da ordem pitagórica dirigido por Arquitas (séc. IV a.C.), seu aluno. Razão pela qual vários fragmentos da doutrina de Pitágoras (c. 582-500 a.C.) foram confundidos como sendo dos dois autores. Todavia,

deve-se a eles a divulgação póstuma das doutrinas de seu mestre e companheiros, pois como já foi dito, Pitágoras não permitia que nada discutido entre eles tomasse conhecimento público. As primeiras obras registradas que se conhecem sobre os preceitos pitagóricos são aquelas de autoria de Filolau, como a posteridade convencionou pensar, em fim.

Doutrinas e Fragmentos

Por causa de sua estrutura precária, os trechos remanescentes da filosofia dos pitagóricos sofrem de inconsistências, contradições e anacronismos originais ou agravados por seus comentadores. Em vista disso, os pedaços registrados precisam ser interpretados considerando a época, o lugar e as circunstâncias nas quais foram escritos, como peças de um quebra-cabeça difícil e incompleto.

A seguir, são apresentados os fragmentos sob a rubrica de Filolau, catalogados por Hermann Diels e Walther Kranz (1956), bem como os de Boeckh. Os trechos relacionados a Filolau foram classificados com letras maiúsculas e números por Diels e Kranz; com números e ou letras minúsculas por Boeckh. As doutrinas começam a partir de A9 e os fragmentos, B1. As passagens biográficas, de A1 a A8, foram omitidas. Destas, a metade pode ser encontrada em Diógenes Laércio.

I. Doutrinas

A9. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, I, 3, 10): Filolau, o pitagórico, disse que os prinípios são o limite e o ilimitado.

A10. (THEON DE ESMIRNA, *Matemática Útil para Entender Platão*, I, §4): Arquitas e Filolau usam os termos mônada e unidade de forma intercambiável, e eles dizem que a mônada é o um.

A11. (LUCIANO, *Pro Lapsu Inter Salutandum*, 5.): Alguns chamavam a *tetraktys* de o grande juramento dos pitagóricos, por

considerá-lo o número perfeito, ou até mesmo por ser o princípio da saúde; entre eles Filolau.

A12. (PSEUDO-IÂMBLICO. *Theologumena Arithmetica*. p.56): Depois da grandeza matemática que pelas suas três dimensões ou intervalos realiza o número quatro, Filolau mostra-nos o ser manifestando no número cinco qualidade e cor, no número seis a alma e a vida; no número sete, razão, saúde e o que ele chama de luz; então ele acrescenta que amor, amizade, prudência e reflexão são comunicados aos seres pelo número oito.

A13. (PSEUDO-IÂMBLICO. *Theologumena Arithmetica*, p.81, 15): A década também é chamada de Fé porque, segundo Filolau, é pela década e seus elementos, se utilizados energeticamente e sem negligência, que chegamos a uma fé solidamente fundamentada sobre os seres. É também chamada memória, e é assim que a *Mônada* foi dita *Mnemosyne*.

A14. (PROCLO. *A Euclides. Elementos*, pp.130-174): Mesmo entre os pitagóricos, porém, encontramos diferentes ângulos consagrados às diferentes divindades, como fez Filolau, que dedicou a alguns o ângulo do triângulo, a outros o ângulo do retângulo, a outros diversos ângulos, e às vezes o mesmo a vários. Os pitagóricos dizem que o triângulo é o princípio absoluto de geração das coisas geradas e de sua forma, por isso Timeu diz que as razões do ser físico e da formação regular dos elementos são triangulares; na verdade, têm as três dimensões, na unidade reúnem os elementos que em si estão absolutamente divididos e mutáveis; eles são preenchidos com o infinito característico da matéria, e acima dos seres materiais formam laços que na verdade são frágeis. É por isso que os triângulos são delimitados por linhas retas e têm ângulos que unem as linhas, e são suas [extremidades].

Filolau teve, portanto, razão ao dedicar o ângulo do triângulo a quatro divindades, Cronos, Hades, Marte e Baco, sob estes nomes combinando a disposição quádrupla dos elementos, que se refere à parte superior do Universo, a partir do céu, ou seções do zodíaco. De fato, Cronos preside toda essência úmida e fria; Marte, acima de tudo ardente; Hades contém tudo o que é terrestre, e Dionísio dirige a geração das coisas úmidas e quentes, simbolizadas pelo vinho, que é líquido e quente. Essas quatro divindades dividem suas operações secundárias, mas permanecem unidas; é por isso que Filolau, atribuindo-lhes apenas um ângulo, para expressar esse poder de unificação.
Os pitagóricos também afirmam que, de preferência ao quadrilátero, o quadrado traz a marca divina; e com isso eles expressam a ordem perfeita (...) Pois a propriedade de ser ereto imita o poder da imutabilidade; e igualdade representa a permanência; porque o movimento é o resultado da desigualdade; e repouso, o da igualdade. Essas são as causas da organização do ser que é sólido em sua totalidade e de sua essência pura e imóvel. Tiveram razão, portanto, em expressá-lo simbolicamente pela figura do tetrágono. Além disso, Filolau, com outro golpe de genialidade, chama o ângulo do quadrado o de Rhea, de Deméter e de Héstia. (...) Por considerar a terra como um tetrágono, e notando que este elemento possui a propriedade da continuidade, como aprendemos com Timeu, e a terra recebe tudo o que goteja das divindades e também os poderes geradores que elas contêm, ele estava certo em consagrar o ângulo do tetrágono a essas divindades que procriam a vida. De fato, alguns deles chamam a terra de Héstia e Deméter, e afirmam que ela participa de Rhea, em sua totalidade, e que Rhea contém

todas as causas geradas. É por isso que, em linguagem obscura, ele diz, que o ângulo do tetrágono contém o poder único que produz a unidade dessas criações divinas.
E não devemos esquecer que Filolau atribui o ângulo do triângulo a quatro divindades, e o ângulo do tetrágono a três, indicando assim a sua faculdade penetrativa, pela qual se influenciam mutuamente; mostrando como todas as coisas participam de todas as coisas, as coisas ímpares nas pares e as pares nas ímpares. A *tríade* e a *tétrade*, participando dos seres generativos e criadores, contêm toda a organização regular dos seres gerados. Seu produto é o *dodecágono*, que termina na mônada única, o princípio soberano de Zeus; pois Filolau diz que o ângulo do dodecágono pertence a Zeus, porque na unidade Zeus contém a totalidade do duodécada.

A15. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, II, 6, 5): Pitágoras, visto que existem cinco figuras sólidas também chamadas matemáticas, diz que a terra nasceu do cubo; o fogo, da pirâmide; o ar, do octaedro; a água, do icosaedro e a esfera de tudo, do dodecaedro.

A16. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, II, 7, 7): Filolau coloca fogo no meio, ao redor do centro, que ele chama de lareira de todos e casa de Zeus, mãe dos deuses, altar, junção e medida da natureza. E depois outro fogo no topo, que envolve tudo. Ele diz que por natureza o meio é o primeiro, e que em torno deste giram os dez corpos celestes, (e sob a esfera das estrelas fixas) os cinco planetas, e abaixo destes o Sol, e abaixo deste a Lua, e sob esta é a Terra, e abaixo dela a Antiterra, e depois de tudo isso o fogo da lareira que tem sua sede ao redor do centro. E ele chama de Olimpo a parte extrema do que está ao redor, em que os elementos estão em sua pureza, e de cosmos a parte que está sob o movimento do Olimpo, aquela onde ele

diz que os cinco planetas estão localizados com o Sol e a Lua, e o céu é a parte que está abaixo destas, isto é, sob a Lua e ao redor da Terra, e na qual as coisas estão sujeitas à geração incessante. Diz também que a sabedoria tem por objeto o ordenamento das coisas celestiais, e que a virtude tem por objeto a desordem do devir; e que aquela é perfeita, e esta imperfeita.

A17. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, III, 11, 3): O pitagórico Filolau diz que o fogo está no foco (que é na verdade o coração de tudo), em segundo lugar a Antiterra, em terceiro a Terra habitada, oposta àquela e se move no sentido contrário dela; os habitantes daqui não veem os moradores de lá.

(ESTOBEU. *Éclogas*, l, 21, 6d, p.186): O fogo direcionador, [de] Filolau, está no fogo inteiramente central; que o demiurgo colocou como uma espécie de quilha [para] servir de fundação à esfera do Todo.

A18. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, II, 5, 3): Filolau diz que o cosmos perece por dois motivos: pelo fogo que cai do céu e pela água lunar que jorra devido ao movimento circular do ar; e ele diz que seus vapores são o alimento do cosmos.

A19. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, II, 20, 12): O pitagórico Filolau diz que o Sol é como um cristal, porque acolhe o reflexo do fogo que está no cosmos, e nos devolve a luz e o calor. Então de certa forma existem dois sóis: o do fogo que está no céu, e aquele que, ao refleti-lo, se torna semelhante ao fogo; a não ser que se queira dizer que existe um terceiro, o brilho que por reflexão se espalha do espelho para nós. Porque também chamamos isso de sol, como imagem de uma imagem.

A20. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, II, 30, 1): Alguns pitagóricos, incluindo Filolau, dizem que a Lua deve ser considerada feita de terra pelo fato de ser habitada por animais e plantas como

a nossa Terra, mas que estes são maiores e mais bonitos: diz de fato que os animais que nela se encontram podem ser quinze vezes maiores que os da Terra e que não expelem resíduos: e que os dias são mais longos.

A21. (AÉCIO. *Opiniões dos Filósofos*, III, 13, 1): Alguns afirmam que a Terra está em repouso. Mas ao invés disso, o pitagórico Filolau diz que ela gira em torno do fogo, em um círculo oblíquo, assim como o Sol e a Lua.

A22. (CENSORINUS, *De Die Natali*, 18): Segundo o pitagórico Filolau existe um ano composto por 59 anos e 21 meses intercalares; ele considera que o ano natural possui 364 dias e meio.

A23. (MACRÓBIO. *Sonho de Scipio*, I, 14, 19): Platão diz que a alma é uma essência que se move por si mesma; Xenócrates define a alma como um número que se move por si mesmo; Aristóteles a chama de entelequia; e Pitágoras e Filolau explicam a alma como sendo uma harmonia.

A24. (NICÔMACO. *Aritmética*, 26, 2, p.135): Alguns, entre eles Filolau, pensam que este tipo de proporção se chama harmônica, porque tem a maior analogia com o que se chama de harmonia geométrica; que é o cubo, porque todas as suas dimensões são mutuamente iguais e, consequentemente, em perfeita harmonia. De fato, esta proporção é revelada em todos os tipos de cubos; que tem sempre 12 lados, 8 ângulos e 6 superfícies.

A25. (PORFÍRIO. *Comentário sobre Harmônica de Ptolomeu*, 5, p.91): Movendo daqui, alguns da escola de Eratóstenes disseram que ultrapassava o intervalo; como Eliano platônico. Filolau também (usou esta) denominação para todos os intervalos.

A26. (BOÉCIO. *Música*, III, 5, p.276): No entanto, o pitagórico Filolau tentou dividir o tom de outra forma; o ponto de

partida do tom dele é o primeiro número ímpar que forma um cubo, e o primeiro número ímpar era objeto de veneração entre esses pitagóricos. Agora, o primeiro número ímpar é três; três vezes três são nove, e nove vezes três é 27, que difere do número 24 pelo intervalo de um tom, e difere dele por este mesmo número 3. Na verdade, 3 é um oitavo de 24, e esta oitava parte de 24 somada ao próprio 24, produz 27, o cubo de 3. Filolau divide este número 27 em duas partes, aquela maior que a metade, que ele chama de apótomo; a outra menor da metade ele chama de *diesis*; mas que ultimamente passou a ser conhecido como semitom menor. Ele supõe que este [*diesis*] contém treze unidades, porque 13 é a diferença entre 256 e 243, e que este [mesmo] número é a soma de 9, 3 e unidade, em que a unidade faz o papel do período, 3 da primeira linha ímpar e 9 do primeiro quadrado ímpar. Depois de ter, por estes motivos, expresso por 13 o sustenido, que se chama semitom, de 14 unidades ele forma, a outra parte do número 27 que chama de apótomo, e como a diferença entre 13 e 14 é a unidade, ele insiste que a unidade forma o tom, e que 27 unidades formam um tom inteiro, porque 27 é a diferença entre 215 e 243, que estão distantes em um tom.

A27. (MENON, *Iatrika, apud* Anônimo Londrino, 18, 8, p.31): Filolau de Crotona diz que nossos corpos são compostos de calor e não participam do frio. Argumenta quase assim: o sêmen, que dá vida ao animal, é quente; e o local onde é jogado, o útero, também é quente, e parecido com ele; ou o semelhante tem o mesmo poder daquele ao qual é semelhante; portanto, como nem a semente que produz nem o local onde é lançada participam do frio, segue-se que o animal produzido também participa do calor. Sobre a composição do animal ele argumenta assim: o animal, logo que dá à luz, inala o ar

exterior, que é frio, em seguida, o envia de volta conforme o necessário: ou precisamente deseja que o ar externo esfrie, como resultado da inalação do ar, o corpo que está muito quente. Ele diz portanto que esta é a constituição do nosso corpo. E diz também que as doenças ou vêm da bílis ou do sangue ou da fleuma, e que estes são precisamente os princípios das doenças. Diz que o sangue fica grosso devido à compressão interna da carne, fino devido à dilatação dos vasos sanguíneos da carne. E a fleuma é composta de urina; e que a bílis é o líquido da carne. Nisto porém, ao dizer que é um líquido da carne e não que reside no fígado, ele contradiz a opinião comum. Quanto ao catarro [fleuma], embora quase todos digam que é frio, ele julga que é quente por sua própria natureza e diz que é assim chamado justamente porque queima [*phleyein*] e que por terem as partes inflamadas o catarro fica inflamado. Estes são pois, para ele, os princípios das doenças: e as causas que contribuem são o excesso de aquecimento, nutrição e resfriamento, ou a escassez (destes ou) de coisas similares a estas.

A28. (MENON, *Iatrika, apud* Anônimo Londrino, 20, 21): Quase como Filolau, este [Petrone] também pensa que a bílis que temos em nós só faz mal.

A29. (SEXTO EMPÍRICO, *Contra os Matemáticos*, 7,92, p. 388): Anaxágoras disse como a razão em geral é a faculdade que discerne e julga; os pitagóricos também concordam que é a Razão, não a razão em geral, mas a Razão que se desenvolve nos homens através do estudo da matemática, como dizia Filolau e insistem que se esta Razão é capaz de compreender Tudo, e apenas que sua essência está relacionada com esta natureza, pois é da natureza das coisas que o semelhante seja compreendido pelo semelhante.

II. Fragmentos

B1. (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, liv. VIII.§85): A natureza do universo é um composto harmonioso de elementos finitos e infinitos; semelhante é a totalidade do mundo em si, e de tudo que ele contém.

B2. (ESTOBEU. *Éclogas*, I, 21.7a): Todos os seres são necessariamente finitos ou infinitos, ou simultaneamente finitos e infinitos; mas nem todos poderiam ser infinitos apenas. Portanto, como é claro que os seres não podem ser formados nem por elementos que são todos infinitos, é evidente que o mundo na sua totalidade e os seus seres incluídos são um composto harmonioso de elementos finitos e infinitos. Isto pode ser visto nas coisas existentes. Aqueles que são compostos de elementos finitos, são eles próprios finitos, aqueles que são compostos de elementos finitos e infinitos, são ao mesmo tempo finitos e infinitos; e aqueles compostos por elementos infinitos, são infinitos.

B3. (IÂMBLICO. *Nicômaco*, p.7, 24): Por princípio, nada poderia ser conhecido, se tudo fosse ilimitado.

B4. (ESTOBEU. *Éclogas*, I, 21.7b): Todas as coisas, pelo menos aquelas que conhecemos, contêm números; pois é evidente que nada pode ser pensado ou conhecido, sem número.

B5. (ESTOBEU. *Éclogas*, I, 21.7c): O número tem dois tipos distintos: o ímpar e o par, e um terceiro, derivado da mistura dos outros dois tipos, o par-ímpar. Cada uma de suas subespécies é suscetível de muitas variedades numerosas; das quais, cada uma se manifesta individualmente por si mesmas.

B6. (ESTOBEU. *Éclogas*, I, 21.7d): Este é o estado de coisas sobre a natureza e a harmonia. A essência das coisas é eterna; é uma natureza única e divina, cujo conhecimento não pertence ao homem. Ainda assim não seria possível que nenhuma das

coisas que são, e são conhecidas por nós, chegasse ao nosso conhecimento, se esta essência fosse o fundamento interno dos princípios em que o mundo foi fundado, ou seja, dos elementos finitos e infinitos. Como, uma vez que estes princípios não são mutuamente semelhantes, nem de natureza semelhante, seria impossível que a ordem do mundo tivesse sido formada por eles, a menos que a harmonia interviesse, de qualquer maneira. Claro que as coisas que eram parecidas e de natureza semelhante, não precisavam da harmonia; mas as coisas diferentes, que não têm natureza semelhante, nem função equivalente, devem ser organizadas pela harmonia, para que possam ocupar o seu lugar na totalidade ordenada do mundo.

A harmonia completa é composta pelos intervalos de quarta mais uma quinta. A quinta é maior que a quarta por um tom; porque a quarta se estende a partir da nota mais alta [*hypate*, o mi mais agudo no modo dórico] para a segunda intermediária [*mese*, nota lá]; e desta [*mese*, nota lá] para a próxima mais baixa [*nete*, mi grave], a quinta; mas desta [*nete*] para a próxima, ou "terça" [*poi paramese*, ou si], há uma quarta; e desta "terça" para a mais alta [*hypate*], uma quinta. O intervalo entre a intermediária [*mese*] e a terça é de 9:8; o de um acorde de quarta é de 4:3; a quinta, 3:2; e a oitava, 2:1. Assim, a escala harmônica [oitava completa] contém cinco tons mais dois semitons [*diesis*]; quinta, três tons e um semitom; a quarta, dois tons mais um semitom [a terça maior é composta de dois tons, a menor de um tom e um semitom; e na lira de oito cordas, a afinação é invertida com a *nete* sendo o mi agudo e a *hypate*, o mi grave].

a. (BOÉCIO. *Música*, 3, 8): Estas são as definições que Filolau deu desses intervalos, e de intervalos ainda menores: A *diesis* é o

intervalo menor de dois tons na proporção de quatro terços. A *comma* é o intervalo menor que dois semitons menores [*diesis*], à razão de nove oitavos. O *cisma* é metade da *comma*, o *diascisma* é metade do *diesis*, ou seja, do semitom menor.

B7. (ESTOBEU. *Éclogas*, I, 21.8): A primeira coisa a ser harmonizada, o uno, está no centro da esfera e chama-se lareira.

B8. (IÂMBLICO. *Nicômaco*, p. 77, 9): A mônada é o princípio de todas as coisas.

8a. (CLÁUDIO MAMERTO. *De Statu Animae*, 2, 3): Antes de tratar da substância da alma, Filolau, segundo princípios geométricos, trata de música, aritmética, medidas, pesos, números, insistindo que estes são os princípios que sustentam a existência do Universo.

B9. (IÂMBLICO. *Nicômaco*, p.19, 21): Em outro momento investigaremos com mais cuidado como outras consequências seguras e não menos importantes são extraídas da quadratura de um número, organizando as unidades componentes em série, segundo a natureza e não por lei, como diz Filolau.

9b. (CASSIODORUS, Flavius Magnus Aurelius. *Expositio Psalmorum*, 9, p.36): O número 8, que os aritméticos chamam de primeiro [cubo] real, foi chamado, pelo pitagórico Filolau, de harmonia geométrica, porque ele pensa reconhecer nele todas as relações harmônicas.

B10. (NICÔMACO. *Aritmética*, 2, 509): A harmonia geralmente é o resultado de contrários; pois é a unidade da mistura e a concordância das discordâncias.

(THEON DE ESMIRNA, *Matemática Útil para Entender Platão*, I, §1, p.7): Os pitagóricos, cujos sentimentos Platão muitas vezes adotou, também definem a música como a união perfeita de coisas contrárias, a unidade dentro da multiplicidade, até mesmo o acordo dentro da discórdia.

10b. (ESTOBEU. *Éclogas*, l, 2l, 3, p.468): O componente principal, aquele colocado no centro da esfera é chamado de Héstia.

B11. (THEON DE ESMIRNA, *Matemática Útil para Entender Platão*, II, §49, p.70): A [*tetraktys*] determina cada número, incluindo a natureza de tudo, do par e do ímpar, do móvel e do imóvel, do bem e do mal. Tem sido objeto de longas discussões por Arquitas, no seu livro *Sobre a Década* e por Filolau, em seu trabalho *Sobre a Natureza*.

(18a). (ESTOBEU. *Éclogas*, 1, 3, 8): É preciso julgar a eficácia e a essência do número segundo o poder da *Década*, pois ela é grande, perfeita, onipotente e divina; princípio e guia da vida comum humana e divina celeste, a natureza do número, participando da potência do dez. Sem o número, todas as coisas seriam ilimitadas, incertas e obscuras.

Pois a natureza do número é conhecimento, guia, mestra para cada um em qualquer coisa duvidosa e desconhecida. Pois, se não fosse o número a substância das coisas, estas não se manifestariam a ninguém, nem a si mesmas, em relação umas com as outras. Mas de fato, o número, harmonizando todas as coisas na alma com a sensibilidade, torna-as conhecidas e relacionadas entre si, de acordo com o "gnomo", dando-lhes corpos e dividindo, cada uma separadamente, as coisas ilimitadas e as finitas.

Pode-se ver a natureza do número e sua potência em atividade, não só nas coisas demoníacas e divinas, mas também em todos os atos e raciocínios humanos, e em todas as produções artísticas e na música.

Nem a natureza do número nem a harmonia abrigam em si falsidade, porque não é própria delas. A falsidade e a inveja pertencem à natureza do ilimitado, do insensato e do irracional.

A falsidade não se insinua no número, de modo algum. pois é hostil e adversa a sua natureza; em compensação, a verdade é conforme e inata à estirpe do número.

(11a). (ESTOBEU. *Éclogas*, l, 22, l, p.488): Filolau localizou o fogo no meio, no centro; ele o chama de Héstia, o Todo, a casa de Júpiter, e a mãe dos deuses, o altar, o elo, a medida da natureza. Além disso, ele localiza um segundo fogo, bem no topo, cercando o mundo. O centro, diz ele, é pela sua natureza o primeiro; em torno dela, os outros dez corpos executam a sua dança coreográfica; estes são o céu, os [cinco] planetas, embaixo o sol, e abaixo dele a lua; na base a Terra, e abaixo dela, a Antiterra [um corpo inventado pelos pitagóricos, como diz Aristóteles, (*Metafísica* I, 5, 986a, §3)], então sob esses corpos está o fogo de Héstia, no centro, donde mantém a ordem. A parte mais alta da Cobertura, na qual afirma que os elementos existem em estado perfeitamente puro, chama-se Olimpo, o espaço abaixo do círculo revolucionário do Olimpo, e onde estão dispostos em ordem os cinco planetas, o sol e a lua, formam o mundo do Cosmos; por fim, a última região é a sublunar, que circunda a Terra, onde estão as coisas geradoras suscetíveis de mudança; que estão no céu. A ordem que se manifesta nos fenômenos celestes é objeto da ciência; a desordem que se manifesta nas coisas do devir, é objeto da virtude; a primeira é perfeita, a última imperfeita.

(11b). (PLUTARCO. *Sentenças dos Filósofos*, 3. ll): O pitagórico Filolau localizou o fogo no centro, é a Héstia do Todo, depois a Antiterra, depois a Terra que habitamos, uma oposta à outra, e movendo-se circularmente; esta é a causa dos seus habitantes não serem visíveis a nós.

B12. (ESTOBEU. *Éclogas* 1, proêmio, 3, p.18): Existem cinco corpos da esfera; fogo, água, terra, ar, que estão na esfera; e o invólucro da esfera, que forma o quinto.

b. (PLUTARCO. *Sentenças dos Filósofos*, 2, 5). Filolau explica a destruição por duas causas; uma é o fogo que desce do céu [sol], a outra é a água da lua, que é expelida pela circulação do ar; a perda destes dois astros alimenta o mundo.

B13. (PSEUDO-IÂMBLICO. *Theologumena Arithmetica*. p.22): Existem quatro princípios do animal racional, como Filolau em seu trabalho *Sobre a Natureza*, o crânio, o coração, o umbigo e os órgãos sexuais. A cabeça é a sede da razão, o coração, da alma ou da vida e da sensação; o umbigo, o princípio da facilidade de criar raízes e reproduzir o primeiro ser; os órgãos sexuais, da faculdade de projetar o esperma e de procriar. O crânio contém o princípio do homem; o coração, do animal; o umbigo, o da planta; os órgãos sexuais, o de todos os seres vivos, pois estes crescem e produzem descendência das sementes.

a. (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*, liv. VIII.§85): Para Filolau parece que tudo acontece conforme a necessidade e harmonia. Teria sido o primeiro a dizer que o mundo gira em círculo; outros atribuem isso a Hiketas de Siracusa.

b. (PLUTARCO. *Sentenças dos Filósofos*, 3, 7). Alguns insistem que a Terra é imóvel mas o pitagórico Filolau diz que ela se move circularmente em torno do fogo central, em um círculo oblíquo como o Sol e a Lua.

B14. (CLEMENTE DE ALEXANDRIA. *Tapeçarias*. III, 17): Isso nos ajudará a lembrar a declaração do pitagórico Filolau de que os antigos teólogos e adivinhos afirmavam que a alma está ligada

ao corpo como um castigo, e está sepultada nele como em uma tumba.

(PLATÃO. *Górgias*, 493a): eu próprio já ouvi certo sábio declarar que estamos realmente mortos e temos por sepultura o corpo, e que a porção da alma em que residem os desejos é facilmente sugestionável e conduzida de um lado para o outro, de onde veio a um sujeito espirituoso e criador de mitos – provavelmente um siciliano ou itálico – jogando com as palavras, a ideia de dar o nome da pipa à alma, por deixar-se facilmente encher de sugestões, os infensos ao estudo chamou de não iniciados, e a porção da alma dos não iniciados em que se localizam as paixões, justamente por ser incontentável e nada reter comparou a um tonel furado, por isso mesmo que nunca revela saciedade. Ao contrário de tuas conclusões Cálicles, essa pessoa nos mostra que no Hades – invisível como se diz – os não iniciados são os mais infelizes, pois carregam água a um tonel furado em um cesto também furado. Por este cesto, ele que me contava, entendia a alma que, seca e fraca, não retem nada em si.

B15. (ATHENAGORAS DE ATENAS. *Legatio pro Christianis*, 6, p.6, 13): Filolau diz que todas as coisas são mantidas por Deus como se estivessem em cativeiro e, assim, implica que Ele é único e superior à matéria.

(PLATÃO. *Fédon*, 61e): Ouvi de Filolau quando estava entre nós e de muitos outros que isso [suicídio] era mal. Entretanto, nem eles, nem ninguém, jamais disse algo claro acerca desse assunto.

(PLATÃO. *Fédon*, 62b): Acerca disto há uma fórmula nos mistérios: “espécie de posto de guarda, esta é, para nós homens, nossa residência na Terra e não devemos nos desinteressar dela, nem evadir-nos”. Isto me parece muito grandioso, entretanto,

não muito claro. Apesar disso, creio que expressa isto: que os deuses cuidam dos homens e que os homens são posses dos deuses.

a. (ESTOBEU. *Éclogas*, 1, 26, l, p. 562): Alguns pitagóricos, entre os quais Filolau, pretendem que a semelhança da Lua com a Terra consiste na sua superfície ser habitada, como a nossa Terra; mas com animais e vegetação maiores e mais bonitos; pois os animais lunares são quinze vezes maiores que os nossos, e não evacuam excrementos. O dia também é quinze vezes mais longo. Outros pretendem que a forma aparente da Lua é apenas o reflexo do mar, que habitamos, e vai além do círculo de fogo.

B16. (ARISTÓTELES. *Ética a Eudemo*. 2:8, 1225a, 30): Nem tampouco o que fazem por apetite, de modo que certos pensamentos e paixões, ou as ações relativas a tais pensamentos e raciocínios, não dependem de nós, senão que, como dizia Filolau: certas razões são mais fortes que nós.

B17. (ESTOBEU. *Éclogas*, 1, 15, 7, p.148): O cosmos é único; começou a formar-se do centro para fora. A partir deste centro, o topo está a mesma distância da base; ainda assim se poderia dizer que o que está acima do centro se opõe ao que está abaixo dele; pois, para a base, o ponto mais baixo seria o centro, já para o topo, o ponto mais alto ainda seria o centro; e da mesma forma para as outras partes; portanto , em relação ao centro, cada um dos pontos opostos é idêntico, a menos que sejam movidas.

B18. (ESTOBEU. *Éclogas*, l, 25, 8, p.530): O pitagórico Filolau diz que o sol é um corpo vitrescível que recebe a luz refletida pelo fogo do Cosmos, e a envia de volta para nós, depois de tê-los filtrado, luz e calor; então é possível dizer que existem dois sóis, o corpo do fogo que está no céu e a luz ígnea que dele

emana e se reflete em uma espécie de espelho. Talvez pudéssemos considerar como terceira luz aquela que, do espelho em que se reflete, e nos incide em raios dispersos.

B19. (PROCLO. *A Euclides. Elementos*, I, 22, 9): Por isso, Platão se serve da figura matemática, por ensinar muita coisa maravilhosa sobre os deuses; e os filósofos pitagóricos se serviram disto. Tal é todo o *discurso sagrado* que faz Filolau nas *Bacantes*; tal em fim é sempre o modo da doutrina teológica dos pitagóricos.

b. (SYRIANUS, *Um Comentário sobre a Metafísica de Aristóteles*): Não se deve supor que os filósofos partem de princípios supostamente opostos; eles conhecem o princípio acima desses dois elementos, como Filolau reconhece ao dizer que é Deus quem hipostasia o finito e o infinito. Ele mostra que é pelo limite, que cada série coordenada de coisas se aproxima ainda mais da Unidade e que é pelo infinito que a série inferior é produzida. Assim, mesmo acima destes dois princípios, eles postulavam a causa única e separada, distinta por sua excelência. Esta é a cláusula que Arquineto chamou de causa antes da causa e que Filolau insiste veementemente ser o princípio de tudo, e da qual Brontinus diz que em poder e dignidade ultrapassa toda razão e essência.

c. (IÂMBLICO. *Ao Nicômaco, Aritmética*, p.109): Na formação de números quadrados por adição, a unidade é como se fosse o ponto de partida de onde se começa, e também o fim para onde se regressa; pois se colocarmos os números na forma de uma progressão dupla, e os virmos crescer da unidade até a raiz do quadrado, e a raiz é como o ponto de retorno onde os cavalos viram para voltar através de números semelhantes para unidade, como no quadrado de 5.. Por exemplo:

1—–2—–3—–4
—–5 = somar, 25
1—–2—–3—–4
Não é a mesma coisa com números retangulares; se, tal como no gnomo [esquadro], se adicionar a qualquer número a soma do par, então o número dois sozinho parecerá receber e constituir adição e sem o número dois não será possível produzir números retangulares. Se for definida uma série de números naturalmente crescentes na ordem da pista dupla, então a unidade, sendo o princípio de tudo segundo Filolau (que diz, "a unidade é o princípio de tudo"), apresentar-se-á de fato como uma barreira, o ponto de partida que produz os números retangulares, mas não será o objectivo ou limite onde a série regressa, e vem de volta; não é a unidade, mas sim o número 2 que cumprirá esta função.
Assim em 6 x 4:
1—–2—–3—–4
—–5 = somar, 24
——2—–3—–4

B20. (LYDUS, Johannes Laurentius. *Liber de Mensibus*, p 12 e CEDRENUS, *Georgius*. 169b): Filolau estava, portanto, certo ao dizer que o número sete era órfão de mãe.

B20a. (LYDUS, Johannes Laurentius. *Liber de Mensibus*, p 12 e CEDRENUS, *Georgius*. 23): Filolau estava, portanto, certo em chamar a esposa de Cronos, de *Díade*. Filolau estava certo em chamá-la de *década*, porque recebe o Infinito, e Orfeu estava certo em chamá-la de ramo, porque é o ramo de onde saem todos os números, assim como muitos ramos.

(FILON DE ALEXANDRIA. *De Opficio Mundi*, 24): Filolau confirma o que acabo de dizer com as seguintes palavras; "Aquele que comanda e governa tudo é um Deus único, eternamente

existente, imutável, idêntico a si mesmo, diferente das outras coisas".

B21. (ESTOBEU. *Éclogas*, I, 20, 2, p.172): Do pitagórico Filolau, extraído de seu livro *Sobre a* [*Alma*]. Ele insiste que o mundo é indestrutível. Eis o que ele diz em seu livro *Sobre a Alma*. É por isso que o mundo permanece eterno: porque não pode ser destruído por nenhum outro, nem se autodestruir espontaneamente.

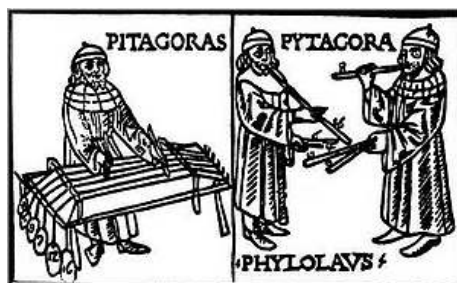
Nem dentro dele, nem fora dele pode ser encontrada uma força maior que ela mesma; capaz de destruí-lo. O mundo existe desde toda a eternidade, e permanecerá eternamente, porque é único, regido por um princípio cuja natureza é semelhante à sua, e cuja força é onipotente e soberana. Além disso, o mundo único é contínuo e dotado de respiração natural, movendo-se eternamente em círculo, tendo como princípio o movimento e a mudança; uma das suas partes é imóvel, a outra está em mudança; a parte imóvel estende-se da alma até a lua, que tudo abraça; e a parte mutável da lua para a terra; ou, visto que o motor atua desde a eternidade, e continua sua ação eternamente, e visto que a parte mutável recebe sua maneira de ser do motor que atua sobre ela, resulta necessariamente daí que uma das partes do mundo sempre impulsiona movimento, e que a outra sempre o receba passivamente; uma está inteiramente sob domínio da razão e da alma, a outra da geração e mudança; uma é anterior em poder e superior, a outro é posterior e subordinada. O composto dessas duas coisas, o divino eternamente em movimento e a geração em constante mudança; é o Mundo. É por isso que se tem razão ao dizer que o Mundo é a energia eterna de Deus, e do devir que obedece às leis da mudança da natureza. Um permanece eternamente no mesmo estado,

idêntico a si mesmo, o restante constitui o domínio da pluralidade, que nasce e perece. No entanto, as coisas que perecem conservam a sua essência e a sua forma, graças à geração, que reproduz a forma idêntica do pai que as gerou e modelou.

B22. (CLÁUDIO MAMERTO. *De Statu Animae*, II, 7, p.120): A alma é introduzida e associada ao corpo pelo número e por uma harmonia ao mesmo tempo imortal e incorpórea. E pouco depois: A alma cuida do seu corpo, porque sem ele a alma não pode sentir; mas quando a morte separa a alma dele, a alma vive uma existência incorpórea no cosmos.

B23. (IÂMBLICO. *Ao Nicômaco, Aritmética*, 11): Filolau diz que o número é a força soberana e autogênica que mantém a permanência eterna das coisas cósmicas.

(23c). (OLIMPIODORO. *Ao Platônico. Fédon*. p 150): Filolau se opunha ao suicídio, porque era um preceito pitagórico não abandonar o fardo, mas ajudar os outros a carregar o seu; ou seja, que você deve ajudar, e não impedi-lo [de viver].

24b. (IÂMBLICO. *Ao Nicômaco, Aritmética*, 1, 25): Mais tarde, terei oportunidade de considerar melhor como, ao elevar um número ao seu quadrado, pela posição das unidades componentes simples, chegamos a proposições [muito] evidentes, naturalmente, e não por nenhuma lei, como diz Filolau.

Bibliografia

BORNHEIM, Gerd A. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. - São Paulo: Cultrix, 1989.

BURNET, John. *Early Greek Philosophy*. - London: A & C Black, 1920.

____. Greek Philosophy. - London: Macmillan, 1927.

DIELS, Hermann. *Die Fragmente der Vorsokratiker*. - Berlim: Walter Kranz, 1956.

DIÓGENES LAÉCIO. *Vidas e Doutrinas dos Filósofos Ilustres*. - Brasília: UnB, 1987.

EUCLIDES. *Os Elementos;* trad. Irineu Bicudo. - São Paulo: Unesp, 2009.

GUTHRIE, Kenneth S. *The Complete Pythagoras*. Disponível na Internet via https://ia800704.us.archive.org/31/items/CompletePythagoras/CompletePythagoras.pdf.

HOMERO. *Ilíada;* trad. Odorico Mendes. - Rio de Janeiro: Jackson, 1964.

____. *Odisseia;* trad. Carlos A. Nunes. - São Paulo: Melhoramentos, s/d.

JÁMBLICO. *Vida Pitagórica,* trad. Miguel P. Lorente. - Madrid: Editorial Gredos, 2003.

KIRK, G.S., RAVEN, J.E. & SCHOFIELD, M. *Os Filósofos Pré-Socráticos*. - Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1994.

MONDOLFO, Rodolfo. *O Pensamento Antigo*. - São Paulo: Mestre Jou, 1966.

PLATÃO. *República;* trad. Mª Helena da R. Pereira. - Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1990.

____. *Teeteto;* trad. Carlos A. Nunes. - Belém: U.F.P., 1973.

PORFÍRIO. *Vida de Pitágoras*; trad. de Miguel P. Lorente. - Madrid: Editorial Gregos, 1987.

SOUZA, José C. de. *Os Pré-Socráticos*. - São Paulo: Abril Cultural, 1978.

THOMAS, Ivor. *Greek Mathematical Works,* v. I. - Londres: WH, 1937.

Composto com fontes das famílias Book Antiqua, para títulos e subtítulos; Baskerville, para textos e citações, Antonio, em sumário, notas, referências e legendas.

Duas das mais importantes fontes biográficas de Pitágoras – Porfírio e Iâmblico -, ao lado dos principais fragmentos de Filolau fornecem uma abrangente visão do pitagorismo inicial e ajudam a entender a influência desses filósofos antigos no pensamento religioso e científico ainda presente em pleno século XXI.